

psico peda gogia

PRÁTICAS, SABERES E REFLEXÕES

SILVIA PIEDADE DE MORAES
BEN-HESED DOS SANTOS
VANESSA ANGÉLICA PATRÍCIO
(ORGANIZADORES)

SILVIA PIEDADE DE MORAES
BEN-HESED DOS SANTOS
VANESSA ANGÉLICA PATRÍCIO
(ORGANIZADORES)

PSICOPEDAGOGIA

PRÁTICAS, SABERES E REFLEXÕES

Editora Ilustração
Santo Ângelo – Brasil
2026



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0>

Editor-gerente: Fábio César Junges

Capa: Editora Ilustração

Revisão: Os autores

CATALOGAÇÃO NA FONTE

P974 Psicopedagogia [recurso eletrônico] : práticas, saberes e reflexões / organizadores: Silvia Piedade de Moraes, Ben-Hesed dos Santos, Vanessa Angélica Patrício. – Santo Ângelo : Ilustração, 2026.
165 p. : il.

ISBN 978-65-6135-260-4

DOI 10.46550/978-65-6135-260-4

1. Psicopedagogia. 2. Ensino-aprendizagem. I. Moraes, Silvia Piedade de (org.). II. Santos, Ben-Hesed dos (org.). III. Patrício, Vanessa Angélica (org.).

CDU: 37.013.77

Responsável pela catalogação: Fernanda Ribeiro Paz - CRB 10/ 1720



Crossref



E-mail: ilustracao@gmail.com

www.editorailustracao.com.br

Conselho Editorial



Dra. Adriana Maria Andreis	UFFS, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Adriana Mattar Maamari	UFSCAR, São Carlos, SP, Brasil
Dra. Berenice Beatriz Rossner Wbatuba	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Clemente Herrero Fabregat	UAM, Madri, Espanha
Dr. Daniel Vindas Sánchez	UNA, San Jose, Costa Rica
Dra. Denise Tatiane Girardon dos Santos	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Domingos Benedetti Rodrigues	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Edegar Rotta	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dr. Edivaldo José Bortoleto	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Elizabeth Fontoura Dorneles	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Evaldo Becker	UFS, São Cristóvão, SE, Brasil
Dr. Glaucio Bezerra Brandão	UFRN, Natal, RN, Brasil
Dr. Gonzalo Salerno	UNCA, Catamarca, Argentina
Dr. Héctor V. Castanheda Midence	USAC, Guatemala
Dr. José Pedro Boufleuer	UNIJUÍ, Ijuí, RS, Brasil
Dra. Keiciane C. Drehmer-Marques	UFSC, Florianópolis, RS, Brasil
Dr. Luiz Augusto Passos	UFMT, Cuiabá, MT, Brasil
Dra. Maria Cristina Leandro Ferreira	UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil
Dra. Neusa Maria John Scheid	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dra. Odete Maria de Oliveira	UNOCHAPECÓ, Chapecó, SC, Brasil
Dra. Rosângela Angelin	URI, Santo Ângelo, RS, Brasil
Dr. Roque Ismael da Costa Güllich	UFFS, Cerro Largo, RS, Brasil
Dra. Salete Oro Boff	ATITUS, Passo Fundo, RS, Brasil
Dr. Tiago Anderson Brutti	UNICRUZ, Cruz Alta, RS, Brasil
Dr. Vantoir Roberto Brancher	IFFAR, Santa Maria, RS, Brasil

Este livro foi avaliado e aprovado por pareceristas *ad hoc*.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
Silvia Piedade de Moraes	
Ben-Hesed dos Santos	
Vanessa Angélica Patrício	
DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.11-12	
Capítulo 1 - PSICOPEDAGOGIA ANTIRRACISTA: RECURSOS ANTIRRACISTAS EM INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE EMBU DAS ARTES/SP	13
Bruno de Tarcis da Silva	
Maria Cristina de Moraes Martins	
DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.13-30	
Capítulo 2 - O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA INTEGRAÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA EM EMBU DAS ARTES: PROMOVEDO A PRESENÇA DO PSICOPEDAGOGO NA ESCOLA	31
Claudinês Ferreira da Costa	
DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.31-42	
Capítulo 3 - A IMPORTÂNCIA DE COMPREENDER AS IMPLICAÇÕES DA DISCALCULIA NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA EM INDIVÍDUOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I	43
Izabel Maria da Silva Andrade	
Idalina Izabel Celano	
Cleide Silvina da Silva	
DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.43-60	
Capítulo 4 - A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR	61
Léia Alves Fernandes	
Maria de Fátima Pimentel da Silva	
Maria Idecácia Ferreira da Silva	
Vilma Aparecida Silva Rodrigues	
DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.61-68	

Capítulo 5 - O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NA INSTITUIÇÃO
ESCOLAR DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM..... 69

Flávia Silva Rêgo
 Marcela Barboza Pacífico
 Maria Aparecida Freitas da Costa
 Maria Elizete Batista de Andrade Passos
 DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.69-78

Capítulo 6 - O LÚDICO COMO CONTRIBUIÇÃO PARA
ESTIMULAÇÃO COGNITIVA DO IDOSO 79

Lucia de Fatima Nunes da Silva
 Tania Regina Mendonça de Abreu
 Rosângela de Jesus Santos Rizzi
 DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.79-88

Capítulo 7 - INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM DIFICULDADE
DE APRENDIZAGEM NA DECODIFICAÇÃO: ESTUDO DE CASO DE
DUAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM NA
DECODIFICAÇÃO COM CARACTERÍSTICA DE DISLEXIA 89

Luciana Pereira da Rocha Sousa
 DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.89-102

Capítulo 8 - A RELAÇÃO ENTRE A ANSIEDADE E O DESEMPENHO
ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS 103

Elisandra Bendini
 Marcia Izaura da Costa Almeida
 Marinalva Ribeiro Alves
 Raquel Lopes Sant Ana
 DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.103-110

Capítulo 9 - PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO
EM IDOSOS PELO EDUCADOR FÍSICO E PSICOPEDAGOGO: O
PAPEL DA ORIENTAÇÃO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO
SAUDÁVEL..... 111

Renata Lima R. de Castro
 Roberta Nascimento
 DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.111-124

Capítulo 10 - A RELEVÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA.... 125

Marcilene Cristina Fernandes de Souza

Patrícia Oliveira Antonioli

Silvana Brandão da Silva

DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.125-148

Capítulo 11 - RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL 149

Maria Cristina Pereira

Rosana Aparecida da Silva

Rosemeire Ignacio Medeiros

DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.149-154

Capítulo 12 - OS DESAFIOS ENCONTRADOS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DISLEXIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I 155

Elisangêla Souza Santos

Rafaela Cristina de Rezende Pinto

Silvia dos Santos Ferreira

DOI 10.46550/978-65-6135-260-4.155-164

SOBRE OS ORGANIZADORES 165

APRESENTAÇÃO

É com grande alegria que apresentamos a obra *Psicopedagogia: práticas, saberes e reflexões*, resultado do curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia da Faculdade Embu das Artes – FAEM, realizado em parceria com a Prefeitura Municipal de Embu das Artes.

Este livro representa o encontro entre formação acadêmica, prática profissional e compromisso social com a educação. Cada capítulo foi produzido por estudantes do curso que, ao longo dessa trajetória, tornaram-se também psicopedagogas e psicopedagogos comprometidos com a escuta, o acolhimento e a transformação das experiências de aprendizagem.

A Psicopedagogia ocupa, na contemporaneidade, um lugar de extrema relevância. Em um cenário educacional marcado por desafios cada vez mais complexos, compreender os processos de aprendizagem tornou-se indispensável para a construção de práticas educativas mais humanas, inclusivas e sensíveis às singularidades dos sujeitos. Mais do que investigar dificuldades escolares, a Psicopedagogia busca compreender o sujeito em sua integralidade considerando aspectos emocionais, cognitivos, sociais, culturais e históricos que atravessam o aprender.

Ao olhar para além do rendimento escolar, a Psicopedagogia possibilita reconhecer potencialidades, identificar barreiras e construir caminhos que favoreçam o desenvolvimento da autonomia, da autoestima e do desejo de aprender. Sua atuação, tanto no âmbito institucional quanto clínico, contribui significativamente para a prevenção das dificuldades de aprendizagem, para o fortalecimento dos vínculos escolares e para a promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva.

As produções reunidas nesta obra revelam exatamente esse compromisso: pensar a aprendizagem como um fenômeno humano, complexo e profundamente atravessado pelas relações sociais, afetivas e culturais. São textos que nascem das experiências vividas nas escolas, das inquietações dos profissionais da educação e da busca constante por práticas que respeitem as diferenças e valorizem as múltiplas formas de aprender.

Este livro é, portanto, mais do que uma produção acadêmica. É o registro de uma caminhada coletiva construída por educadores que acreditam na potência transformadora da educação e no papel fundamental

da Psicopedagogia na construção de uma sociedade mais justa, acolhedora e democrática.

Desejamos que esta obra provoque reflexões, inspire práticas e fortaleça diálogos entre professores, psicopedagogos, gestores, estudantes e todos aqueles que compreendem que aprender é também um processo de constituição humana.

Boa leitura!

Profa. Dra. Silvia Piedade de Moraes

Prof. Dr. Ben-Hesed dos Santos

Profa. Ma. Vanessa Angélica Patrício

PSICOPEDAGOGIA ANTIRRACISTA: RECURSOS ANTIRRACISTAS EM INTERVENÇÕES PSICOPEDAGÓGICAS EM UMA ESCOLA DA PERIFERIA DE EMBU DAS ARTES/SP

Bruno de Tarcis da Silva¹

Maria Cristina de Moraes Martins²

Introdução

A mazela do racismo e a Psicopedagogia como um caminho para cura

A contemporaneidade trouxe à tona uma série de inquietações, mazelas, injustiças históricas que nos impõem olhar para as dinâmicas violentas que formaram o povo brasileiro para compreender quais são os traumas sociais que reverberam até hoje na educação e no processo de aprendizagem e desenvolvimento de nossas crianças. Derivados do regime escravocrata e colonial afetam diretamente a formação dos indivíduos, principalmente, afrodescendentes e indígenas, ecoam em toda a sociedade, e se entranham nas instituições. Lamentavelmente entre estes diversos traumas estão as intolerâncias, muito nos assombram como se sustentam ainda diversos preconceitos na sociedade brasileira, dentre eles o racismo que é sem dúvida um dos mais danosos e difícil de desconstruir, pois interfere nas subjetividades, nas relações de poder, na estrutura social que se tramou ao longo de nossa história, logo, é capaz de comprometer a formação das identidades daqueles que estão expostos à violência cotidiana a quais são submetidos.

1 Artista e professor de arte nas redes de ensino de Embu das Artes e São Paulo. Especialista em Arte-educação, graduado em Artes Visuais, Psicopedagogo, graduando em Pedagogia. E-mail: brunotarcis@gmail.com

2 Coordenadora pedagógica em Embu das Artes; Pedagogia; Psicopedagoga. Graduanda em Questões étnico-raciais e sociais, Idealizadora do PPP Educação antirracista e em defesa dos povos originários na EM Delphina. E-mail: cris14.icaro@gmail.com

A sociedade escravista, ao transformar o africano em escravo, definiu o negro como raça, e demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco, e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior (Souza, 2021, p.48).

Em seu livro *Tornar-se negro*, a psicanalista Neuza Santos Souza aborda a condição do negro no Brasil para ascender socialmente, se afastando de sua originalidade na cultura, história, religiosidade, buscando se igualar ao branco como possibilidade de “tornar-se gente”. Essa busca de ascensão social acontece concomitante com a “construção de sua emocionalidade”. Neste sentido, ser negro é soltar-se das amarras, adquiridas a partir de um mito sobre si, enredado por uma estrutura perversa. “Ser negro é tomar consciência de que é imprescindível lhe assegurar o respeito pelas diferenças, lhe reafirmando uma dignidade livre de qualquer “tipo de exploração.” ser negro é mais que uma condição dada pela estrutura conduzida pela branquitude, é um “vir a ser, é acima de tudo, tornar-se negro” (Souza, 2021, p. 171).

O Brasil é um país onde práticas abusivas foram normalizadas pela colonização, e seus resquícios respingam em diversos momentos de nossa história, ações cruéis, torturas, segmentação, exclusão de direitos faz parte da nossa construção como nação e foi em um destes períodos de medo e silêncio, iniciado em 1964 que ficou marcado pelo regime de ditadura militar que a Psicopedagogia aparece no Brasil. Por essa razão, a Psicopedagogia chegou até nós de forma clandestina, por intermédio de exilados políticos (Ramos,2007). Nesse contexto, a Psicopedagogia sob forte influência argentina emerge com título de médico-pedagógico e atuava no “tratamento” de “problemas de aprendizagem”. Tais profissionais que a priori atendiam em consultórios passam a atuar nas escolas, sem nenhum preceito, tachando crianças e adolescentes.

Assim, a Psicopedagogia surge como um fragmento da Psicologia e Pedagogia ou ainda uma convergência das duas áreas. Um grande equívoco. Longe disso, a Psicopedagogia é uma área em que seus profissionais estão voltados para a aprendizagem, entendendo que todos têm a possibilidade de aprender. desta forma, a Psicopedagogia principia sua atuação nas dificuldades de aprendizagem, bem como, no fracasso escolar, já na atualidade a psicopedagogia, busca compreender como a aprendizagem se configura na escola ou fora dela, levando em consideração fatores físicos, emocionais, psicológico, pedagógico histórico.

Assim, pautada na articulação dos conhecimentos desses vários campos e teorias (inclusive daquelas que não foram criadas para responder aos

problemas de aprendizagem), Psicopedagogia tenta fundamentar a construção de uma teoria própria [...] (Ramos, 2007, p.9).

É importante ressaltar que atualmente a Psicopedagogia, mostra com nitidez suas peculiaridades e se afirma como área investigadora dos processos de aprendizagem. Entendendo que a Psicopedagogia é uma área em que atua na investigação do ato de aprender, buscando a compreensão de como o sujeito aprende e as diversas metodologias e estratégias que podem facilitar a aquisição da aprendizagem, e que o racismo é um fator determinante para criação de emoções, constituição de identidade entre outros fatores psicológicos de quem sofre desta mazela, traremos para a discussão, as práticas por meio dos recursos antirracistas, tendo como base, experiências na EM Antonia Augusta Delphina de Moraes, da rede pública municipal de Embu das Artes, a partir do seu Projeto Político Pedagógico: *Educação antirracista* e em defesa dos povos originários, relacionando-as a teóricos e educadores que servirão de suporte para nossa análise explanação.

Projeto Político Pedagógico Antirracista

Ao longo dos anos trabalhando na educação e com educação, constatamos que as crianças precisam de estímulos para aprender, quanto mais estimuladas, maior é o seu desempenho escolar. A criança com baixa autoestima tende a se esconder de todas as estratégias de ensino que a colocará em evidência, deixando assim de participar de momentos que facilitariam a aquisição de habilidades escolares.

Neste sentido, o papel do professor é entender que as crianças não só aprendem de maneiras diferentes, como elas são diferentes umas das outras, não somente nas características físicas, mas também, socialmente e em suas culturas nas comunidades às quais pertencem entender e respeitar as diferenças individuais, bem como coletivas, sim elas carregam consigo costumes, religiões e culturas ancestrais, propiciando ao professor/professora adotar uma postura mais assertiva diante do diverso.

Quando o professor/professora compreende toda a diversidade de seus estudantes, compreenderá que o currículo colonizador não é suficiente para atender estudantes indígenas e negros, é preciso pensar um currículo decolonizado¹, valorizando culturas, literaturas, recursos antirracistas que valorizem as crianças indígenas e pretas e darão à oportunidade as

1 Decolonizado.- decolonialismo tem como princípio que a independência política não acabou com instituições, hábitos e práticas coloniais.

crianças não pretas e não indígenas de conhecer e valorizar as reais belezas, diferentes culturas e histórias, rompendo com estereótipos e estigma, que desconsidera as individualidades dos sujeitos e das comunidades que pertencem automaticamente sua identidade, e se “[...] a identidade é definida como o conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação a certo grupo social e identificar-se com ele” (Warnier, 2000, p. 16), sendo assim, uma vez negada sua identidade esse sujeito se torna apenas mais um na multidão de anônimos.

Outro ponto a ser considerado é que quando pensamos em estratégias/metodologias, recursos, literaturas e currículo antirracista, olhamos para aspectos emocionais, cognitivos e físicos dos estudantes, promovendo uma aprendizagem integral, um desenvolvimento pleno das crianças, pois chamamos a atenção dos alunos para o autoconhecimento e valorização de si mesmo, do outro e a construção do ‘Nós’ enquanto comunidade escolar que se respeita e compreende que cada um/a tem suas peculiaridades, garantindo igualdade de direitos para todos e cada um, buscando caminhos que auxiliam na redução das dificuldades de aprendizagens.

O povo negro onde quer que esteja, entre culturas africanas ou em outras [...] ainda expressa a vida com o corpo inteiro. A pele negra não o deixou esquecer que é um corpo, antes de mais nada, e não apenas com bons raciocínios, que descobrimos o mundo, as outras pessoas e o que pensam de nós (Romão, 2001, p.167).

Quando a criança negra passa por aprendizagens escolares de um currículo colonizado, que privilegia a branquitude, o seu corpo deixa de ser um corpo negro. E quando opta por resistir, se revoltando contra a opressão e explodindo contra aqueles que o impede de viver sua negritude. Muitas vezes quando esse corpo não consegue se fazer entender, traduzindo sua revolta contra a opressão, demonstra sua insatisfação por meio de ações violentas contra si e contra o outro.

Pesquisas revelam que crianças e adolescentes negras são os que mais apresentam dificuldades escolares e de aprendizagem e são também os que mais se evadem.

Durante a pandemia da Covid19, em 2020, enquanto as escolas discutiam e tentavam entender o Ensino remoto, nas redes sociais fervilhavam debates antirracistas. A EM Delphina na concepção do projeto, enfatizou-se a concepção humanista freiriana, e mesmo com a

insegurança da equipe, especialmente em relação às reações das famílias quanto às novas abordagens propostas - docentes e coordenação optaram por planejar formações continuadas com a temática racial, seguindo as orientações de bell hooks¹, buscando parceiros experientes, lideranças do Movimento Negro, formadores em questões étnico-raciais.

Portanto, nós podemos ver a necessidade de um tipo de educação para a consciência crítica que pode capacitar quem dispõe do poder e do privilégio baseados nas estruturas de dominação a abrir mão deles sem precisar se ver como vítima. Tal pensamento não precisa negar a consciência coletiva de que a cultura de dominação busca fundamentalmente distorcer e perverter a psique de todos os cidadãos, e essa perversão provoca feridas (bell hooks, 1992.).

As coordenadoras pedagógicas, em 2020, propõem (re) discutir ações para além de abordagens alegóricas para a Semana da Consciência Negra e “Dia do Índio”, a escola é um organismo e se faz necessário ampliar o debate nos diversos âmbitos da comunidade escolar envolvendo docentes, estudantes, famílias, o grupo de apoio, equipe técnica, administrativo e comunidade do entorno.

*Assim, atrelado a concepção humanista na perspectiva freiriana da Cultura de paz, foi incorporado no Projeto Político Pedagógico a **“Educação antirracista e em defesa dos povos originários”**. Cumprindo as Leis 10.639/2003 e 11.645/2008 efetivamente, com o objetivo de decolonizar o currículo em todas as práticas escolares combatendo o racismo estrutural, alinhando o discurso à prática de uma educação antirracista e em defesa dos povos originários. Permitindo a construção de uma nova forma de educar, pautada no respeito à diversidade, na empatia, na cidadania, na igualdade de direitos e equidade, livre de preconceitos e discriminação. (PPP da E.M. Delphina).*

Quando apontamos a importância dos recursos antirracistas nas instituições escolares, bem como nas clínicas de atendimento psicopedagógicas, nos referimos a recursos que representam a comunidade negra de forma positiva, representativa, rompendo com qualquer sinônimo de antagonista.

Havia essa figura negra, um boneco negro que minha vizinha tinha em sua varanda...As pessoas brancas colocam esses pequenos bonecos negros, essas pequenas figuras na frente das casas para saudar as pessoas quando elas entram. Ela me disse que achava “fofo” [...] (Kilomba, 2019, p.197).

1 Bell hooks se escreva assim com letra minúscula. Essa foi uma maneira que ela encontrou de evidenciar a importância de seus escritos e legado, e não de sua figura, evitando assim um personalismo, valorizando a coletividade.

O trecho citado acima faz parte do capítulo *Cura e transformação* do livro *Memórias de Plantação: episódios de racismo cotidiano de Grada Kilomba*. Tal citação nos embasa para abriremos uma discussão acerca do quanto o racismo se transforma em diferentes facetas ao longo dos tempos, o racismo recreativo (Moreira, 2019), é uma delas. Ter um boneco “negro” para receber pessoas, não é de maneira nenhuma “fofo”, é uma forma de reproduzir o racismo, assim como também não é representativo ter objetos caricatas da negritude.

O racismo recreativo, disfarçado de peças decorativas, das gostosuras da infância (“teta de nega”), atravessa e marca negativamente pessoas pretas, especialmente as crianças, tanto quanto a literatura

E o que dizer da literatura de alguns autores, que fere, que apresenta as pessoas pretas no lugar de subalternidade, abordam em seus livros diálogos desrespeitosos, acerca de senhoras pretas que desempenham funções dignas como cozinheiras, dando voz e autorizando xingamentos por meio de uma boneca, de animais, ou ainda aquelas literaturas que trazem o animal como personagem principal, para abordar questões raciais, desconsiderando totalmente a humanidade das crianças. Tais literaturas, abundantes nas bibliotecas brasileiras e utilizadas em ambientes escolares, autoriza apelidos, destruindo sonhos, elevando a insegurança, promovendo a baixa autoestima, provocando índices altos de crianças com dificuldades na leitura e escrita, embarçando o desenvolvimento pleno no processo escolar. Assim, precisamos de literaturas, recursos, metodologias, que ascendam afirmativamente, as ancestralidades e privilegiem as reais belezas e capacidades negras, referendando-as intelectualmente, profissionalmente, socialmente, esteticamente.

Neste sentido, receber as crianças com recursos que lhe trazem pertencimento e alegria, dando voz a todos/as e a cada um/a, pode facilitar o estreitamento de laços, que são fundamentais para tornar o ambiente escolar um espaço, acolhedor, de respeito e admiração, propício para a construção do conhecimento. Dados mostram que 47,4% das crianças pretas não estão plenamente alfabetizadas; entre as pardas o índice é 44,5%, aponta IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2022).

Em meados de 2021, a Rede Municipal de Embu das Artes, e consequentemente a E.M Delphina, retornava às aulas com 50% de atendimento presencial e com inúmeras inseguranças que proporcionam aquele cenário pandêmico. Contudo e ainda assim, com o firme propósito de efetivar o PPP antirracista idealizado em 2020.

A literatura que cura

No intuito de decolonizar as práticas educativas na escola, encontra-se a necessidade de rever símbolos, narrativas, modelos estéticos e propor uma nova ordem de representação, onde brinquedos e histórias pudessem representar a diversidade e “*abarcando o mosaico possível de acepções do humano*” reinventando um novo mundo possível como nos sugere (bell hooks, 2019) e que vá de encontro a normalização e ao poder cultural midiático que ainda reforçam a imagem de uma supremacia branca. Um exemplo disso se deu quando se reparou nas bonecas e bonecos disponíveis na brinquedoteca da escola que eram em sua maioria brancos, quando as crianças da escola são em grande parte negras. A partir desta observação e da perspectiva de se fazer representar nos brinquedos as crianças negras a escola fez a compra de bonecas e bonecos negros, esta mudança a princípio pode parecer a penas uma substituição, mas na verdade ela traz em si as referências e representatividade das próprias crianças.

O psiquiatra e filósofo da Martinica Frantz Fanon descreve em seu livro *Pele negra máscaras brancas* os processos psicológicos que envolvem o reconhecimento da identidade negra em um mundo colonizado e como esta se dá de forma complexa, principalmente pelos resquícios da colonização Europeia.

Na Europa o preto, seja concreta, seja simbolicamente, representa o lado ruim da personalidade. Enquanto não compreendermos esta proposição, estaremos condenados a falar em vão do “problema negro”. O negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais, enegrecer a reputação de alguém; e, do outro lado: o olhar claro da inocência, a pomba branca da paz, a luz feérica, paradisíaca. Uma magnífica criança loura, quanta paz nessa expressão, quanta alegria e, principalmente, quanta esperança! Nada de comparável com uma magnífica criança negra, algo absolutamente insólito. Não vou voltar às histórias dos anjos negros. Na Europa, isto é, em todos os países civilizados e civilizadores, o negro simboliza o pecado. O arquétipo dos valores inferiores é representado pelo negro. (Fanon, 2008, *apud* Luigi e Souza, 2019. p. 45).

Por meio do sarau as crianças desenvolvem diferentes habilidades cognitivas como a oralidade, a leitura, a imaginação e a desenvoltura, além de adquirir capacidade crítica e analítica nas escolhas. Segundo Vygotsky, as crianças se desenvolvem na interação com o meio e nas relações com o outro, oferecer momentos de interação com referências literárias de autores (as) pretos (as) e indígenas é proporcionar repertório para que as crianças

interaja com o outro, com o eu e aprenda a se valorizar, valorizar o outro dentro de suas especificidades.

Na escola Delphina definiu-se sarau como uma reunião de pessoas onde cada um oferece aquilo que há de mais bonito em termos de literatura, literatura lida, contada, cantada, teatralizada... e faz parte da etapa de fomento da leitura literária. (PPP EM Delphina)

O sarau antirracista tem seu início ainda no ano de 2020, como a segunda etapa do *1º Seminário de Educação Antirracista* da EM Delphina em plena pandemia da Covid-19 online e conta com a participação de professores (as), gestão, coordenação, poetas cordelistas, o cantor e trancista Luiz Celestino.

No retorno presencial das aulas o Sarau antirracista e em defesa dos povos originários, toma corpo e é ampliado para estudantes, funcionários e docentes da unidade escolar. Quando pensamos em decolonizar o currículo por meio da gestão democrática é importante dar voz a todos e cada um, nesse sentido, os funcionários têm papel principal nas ações desenvolvidas.

No ano seguinte o sarau foi pensado em duas etapas e desta vez abre espaço para participação das famílias: *“Já vi movimento como esse em escolas de ensino médio, mas com crianças, é a primeira vez e estou emocionado e extremamente feliz em poder participar cantando e tocando, com minhas filhas”* relata o senhor Odair José Valentim - Dado músico, compositor e cantor e pai das estudantes Manoela Silva Valentim do 2º ano F e de Valentina Silva Valentim 5º ano C em 2023. (Martins e Silva, 2023, p. 26)

A escritora Kiussam de Oliveira descreve que é importante optarmos sempre por escritores que contribuem para uma educação antirracista, rompendo com o racismo que reproduz a discriminação registrando palavras que ferem, que adoecem.

Produzindo materiais competentes que promovam uma literatura de cura. E acrescenta: ao mesmo tempo que a literatura cura pessoas negras, independentemente da idade, ela também provoca a cura nas pessoas não negras, nas crianças brancas, porque estas vão olhar para outros padrões de beleza [...] (Oliveira - Entrevista, 2020, SP) .

Assim, a EM Delphina, realiza um trabalho de fomento à leitura e produção textual sob a perspectiva da educação antirracista e em defesa dos povos originários, privilegiando autores e autoras negros (as) e indígenas decolonizando o currículo, rompendo com o padrão eurocêntrico e “colonizador” que acaba por “escravizar” mentes para um modelo cruel de literatura de que as pessoas pretas são sempre subalternas.

Neste sentido, ao participar do projeto Olimpíada Literária, que é um projeto da rede municipal de ensino de Embu das Artes desde 2015, abarcando em uma de suas etapas o fomento à leitura, tendo como uma das ações a leitura simultânea, a EM Delphina realiza tal ação com o foco prioritariamente, nas literaturas afro brasileira, bem como as indígenas.

“Gosto da Escola Delphina porque os livros não trazem somente princesas loirinhas e branquinhas, nossos livros têm princesas pretas e príncipes pretos” (David Arthur Souza Santos - 09 anos 4º ano D, 2023).

“O pequeno príncipe preto de Marcelo Serralva, eu gostei desse texto porque ele fala de uma forma diferente, porque você não vê princesas negras, pessoas negras nos contos de fadas, nas histórias de hoje em dia e isso ensina as crianças que elas podem sonhar, que elas podem ser futuras escritoras negras e nos contos delas, colocarem pessoas negras, fadas negras, princesas negras... porque realmente as crianças não nascem com racismo, ela é ensinada, ela aprende a ser racista, então a gente tem que investir desde agora para que isso mude” (Izabel Modizo, 4º ano A, 2021 - transcrição de vídeo institucional da Unidade Escolar).

Festas e festejos populares

A festa regional abandona o cristianismo católico da festa junina e apresenta as belezas e curiosidades das regiões brasileiras, ricas em cultura, histórias etc. Tal festa demonstra-se democrática, emancipadora e equânime, pois possibilita a participação de todes¹, independente da escolha religiosa. Ela surge a partir das reflexões com o grupo, sobre ações que tornariam o PPP mais coerente com uma educação antirracista. Tal festa é aberta a toda a comunidade escolar e do entorno.

A escola, buscando construir caminhos para uma educação antirracista e em defesa dos povos originários e na efetivação de um currículo decolonizador em suas ações, objetivando contagiar a todes para além dos muros escolares com participação ativa, incorpora em seu bojo de projetos a *Festa das Nações de África e Indígena*, que trazem para a comunidade escolar e comunidade do entorno a informação transformada em formação. São nesses momentos de protagonismo das crianças, funcionários e docentes e por meio de apresentações culturais, homenageando os países de África e

1 **Todes** - O uso de “todes” não é apenas uma questão linguística; ele carrega um significado profundo que reflete uma mudança na forma como percebemos e nos relacionamos com as identidades de gênero. Ao incluir todos, “todes” se transforma em um símbolo da luta pela equidade e pelo respeito à diversidade.

nações indígenas que a escola apresenta os temas e ações realizadas durante o ano letivo. É importante ressaltar que, a princípio houve uma certa tensão, pois algumas famílias e professores, esperavam as “tradicionais” cantatas de natal, mas a ruptura se deu, ao assistirem ou participarem ativamente das apresentações em que as belezas, personalidades e as contribuições científicas, dos países de África e nações indígenas, eram destacadas tendo, crianças e famílias como protagonistas de suas aprendizagens.

Conselho mirim

O conselho mirim é um órgão colegiado, em que os representantes de turma são eleitos democraticamente pelos pares. A função dos conselheiros é representar as solicitações, ou reivindicações de cada turma e auxiliar nas decisões de as ações a serem desenvolvidas pela unidade escolar, bem como, representar a escola em fóruns de debates municipais. O conselho mirim conta com a participação das crianças da fase IV da educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental I, a eleição dos conselheiros segue o princípio da paridade, as reuniões acontecem quinzenalmente, com pautas levantadas pelos conselheiros, bem como, da gestão, sempre que necessário. A reunião extraordinária poderá acontecer sempre que houver casos ou indícios de injustiça, preconceito, bullying e racismo.

“A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo “ação cultural “para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles.” (Freire, 2017, p. 60). A partir das reuniões do conselho mirim a gestão percebe as necessidades das crianças e vai compondo um PPP também pela escuta das crianças, exercendo a cidadania como parte integrante das tomadas de decisões.

[...] A construção de práticas pedagógicas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito à diferença, e isso inclui as diferenças raciais. Ai, sim, estaremos articulando educação cidadania e raça (Cavalleiro, 2001. p.87).

Desta maneira os pequenos vão compondo suas identidades.

Estudo de casos

Caso 1: O combate ao racismo no cotidiano escolar

O caso a seguir é um relato de um atendimento realizado pelas coordenadoras da E.M. Delphina que foram procuradas por uma estudante

vítima de racismo, segue o relato que é acompanhado pelas ações realizadas na escola no intuito de acolher a estudante, reparar os danos sofridos principalmente psicologicamente, e ações para combater o racismo na escola. Segue o relato de uma das coordenadoras:

[...] Em um destes dias aparentemente normal de aula, fomos interpelados na sala da gestão, por uma de nossas estudantes do 4º ano (aqui chamaremos pela letra M), chorando muito e em meio a lágrimas que marcavam a pele retinta de seu rosto nos relatou:

“Eu não aguento mais sofrer! Estou sufocando! Eu sofro desde a fase IV com isso! Eu só queria ser amiga da L e ela nunca quis brincar comigo, ela (a L) faz racismo comigo, por causa da minha cor e do meu cabelo”.

Esse relato da M. atravessou a gestão como uma flecha, a flecha da incapacidade de observar e perceber o quanto e há quanto tempo aquela criança estava sofrendo em um ambiente que deveria ser o melhor lugar para todas as crianças. Foi colocado à prova o que a escola enquanto instituição de garantia de direitos estava fazendo para atender a todes e a cada um dos/as estudantes.

A partir do relato da M, a escola começou a dialogar com a equipe, quais as próximas ações deveriam ser realizadas para que as crianças pretas se sentissem acolhidas, valorizadas, com sua cultura e história ancestral respeitada. Por outro lado, tais ações trariam para as crianças não pretas, novas referências de beleza e de capacidades para além daquelas estipuladas pelos padrões sociais colonizadores. Surge então a necessidade de adquirirmos recursos antirracistas, literaturas “afro brasileiras”, indígenas, para que, assim, iniciássemos a construção de um currículo decolonizador. Com essa premissa, a escola efetuou a compra de bonecas e bonecos pretos e indígenas representando profissões como, médicos, engenheiro etc. para compor o acervo da brinquedoteca. A escola também comprou 1 boneca e 1 boneco pretos e 1 boneco e 1 boneca indígena que auxiliassem em intervenções mais pontuais, como na situação relatada por M. Tais bonecas e bonecos, foram comprados, vindo do estado de MS, esses/as com características bem reais: cabelos crespos ou cacheados, que representasse uma menina como a M. Esses bonecos/as foram apresentados/as para todas as turmas e tiveram seus nomes escolhidos pelos estudantes em uma votação democrática e receberam os nomes de, Dandara, Zaquie, Açucena e Kaluaná. Dandara, muito parecida com M. Na verdade, sua construção foi baseada nos traços da M.

Sobre as literaturas infantis, adquirimos livros priorizando autores/as negros e negras, em destaque os livros da Kiusam de Oliveira, bell hooks, Emicida, Rodrigo França, Joel Rufino dos Santos, Julio Emílio Braz, Tin Tin Alves, coleção com grandes personalidades.

É importante ressaltar que no ano de 2022, M, já no 5º ano estava mais envolvida nas ações da unidade, bem como, inspirava e auxiliava outras crianças a se colocarem e denunciarem qualquer tipo de injustiça.

Vemos neste caso como um episódio de racismo mobilizou toda a comunidade escolar em ações para o combate a violência naturalizada que crianças negras sofrem cotidianamente de forma perversa, a escuta e o acolhimento possibilitou a denúncia, a sensibilidade da gestão escolar para com o tema mobilizou os professores e os recursos necessários para ações concretas de valorização da imagem e da cultura negra, mudando a concepção não só da estudante M mas de diversos estudantes negros, muitas vezes silenciados pela estrutura do sistema, possibilitando a estes o acesso e a valorização de suas identidades.

Caso 2: Um atendimento psicopedagógico antirracista

Os recursos antirracistas têm auxiliado a escola Delphina em diferentes intervenções, especialmente naquelas em que as crianças apresentam baixa autoestima e introspecção. Relataremos abaixo uma situação em que tais recursos nos revelam sua importância. O relato que se segue são de atendimentos realizados por estudantes do curso de pós-graduação em Psicopedagogia da FAEM na E.M Delphina ao longo de 4 atendimentos nos quais foram usados recursos antirracistas.

K tem 10 anos, está no 5º ano E, na Escola Municipal Antonia Augusta Delphina Moraes, no período da tarde. A estudante frequenta a escola Delphina desde a Educação Infantil (4 anos), juntamente com a irmã gêmea Ka.

Apesar de estar no 5º ano, K ainda não está alfabetizada e apresenta bastante dificuldades de aprendizagem na leitura, escrita e matemática, bem como, nas outras áreas do conhecimento, em que não consegue participar com coerência, nem mesmo oralmente, devido sua extrema timidez. A estudante ainda apresenta traços pouco estruturados no desenho, contudo, nas aulas de educação física, K não demonstra dificuldade e realiza todas as atividades propostas.

K é uma menina tímida, com poucos amigos e quase não sorri, apresentando um semblante “fechado” e baixa autoestima.

A estudante participa da turma de nível 1, na aceleração das aprendizagens (reforço) que acontece todos os dias das 12h às 14h.

A coordenação da escola, motivada pelo curso de Psicopedagogia, decidiu realizar alguns atendimentos pedagógicos individualizados com a estudante, entendendo que, segundo relato dos professores/as da menina, a mesma não gostava de se comunicar. Sabendo que a atuação nos atendimentos seria prioritariamente com o foco na leitura e na escrita, optou pela metodologia que utiliza basicamente letras e livros, tendo como base teórica a professora doutora Heloísa Dantas.

Assim, a coordenadora preparou a sala em que faria os atendimentos, disponibilizando algumas literaturas como, *Com qual penteado eu vou*, *O black power de Akim*, *Meu crespo é de rainha*. Colocou sobre a mesa, perto dos livros, os bonecos e bonecas de referência. Ao iniciar o diálogo com K a mesma relatou: “Ah, já conheço essas bonecas e bonecos”!

- É mesmo, vocês elegeram os nomes deles, né?

- Sim

- Você ainda lembra, quais são os nomes?

- Sim, Dandara e Zaquie!

- E o nome dos indígenas, você lembra?

- Esqueci, é difícil.

- A indígena é a Açucena e o indígena é o Kaluaná.

- Eu acho que vou esquecer (sorriu)

- Tudo bem, com o tempo você memoriza. O que você acha desses bonecos e bonecas?

- São lindos!

- Gostaria de segurar algum? Pegou imediatamente a Dandara. Por que escolheu essa?

- Ela é uma gracinha! É pretinha e tem o cabelo crespo. O meu cabelo é crespo também.

- O seu cabelo é lindo como o cabelo da Dandara. A diferença é que o seu é comprido e o dela é mais curto.

- Sim o cabelo dela é black.

- Você conseguiria me dizer o que é um cabelo black?

- É igual o da Dandara. Crespo e “altiado”. O meu é crespo e comprido

Continuou abraçada com a boneca e iniciamos a entrevista sobre os gostos, pessoas queridas, brincadeiras preferidas. K, durante toda a entrevista não demonstrou timidez ou introspecção. Após o término da entrevista, perguntei se gostaria de fazer uma leitura, poderíamos fazer juntas, ela aceitou prontamente e escolheu o livro *Meu Crespo é de Rainha*, da bell hooks. Ao perguntar porque escolheu aquele livro, respondeu que seu cabelo também é crespo e queria saber porque o crespo é de rainha. Realizamos a leitura juntas conforme combinado, observei que K lê palavras com sílabas canônicas silabando. Somente durante a leitura K colocou a Dandara sentadinha ao lado dela em cima da mesa. No final da leitura perguntei se tinha gostado, ela disse que sim, porque com o cabelo crespo dá pra fazer “um montão de penteados”. Perguntei se poderia tirar uma foto, pegou a Dandara e o Kaluanã (indígena) e fez uma pose.

Durante os demais atendimentos K se mostrou mais segura e confiante em sua aprendizagem. Nas ações realizadas pela Escola, apresenta interesse e dedicação, além disso, todos os dias passa na direção ou coordenação para cumprimentar as gestoras e coordenadoras, coisas que as crianças fazem rotineiramente, contudo, a K nunca teve antes, essa ligação com a equipe escolar.

Considerações finais

A Psicopedagogia tem um papel fundamental na contemporaneidade e no processo civilizatório da humanidade, propiciando aos sujeitos a oportunidade do desenvolvimento da aprendizagem, traçando caminhos na busca da autonomia e auxiliando na formação de novos cidadãos. Neste sentido, entender as relações étnico-raciais, os preconceitos e o racismo como objetos de estudo da Psicopedagogia é emergente, identificar estratégias passa por elencar métodos e recursos que já são utilizados por gestores escolares, pedagogos e psicólogos, no sentido de fortalecer ações afirmativas e antirracistas desde a escolha de brinquedos, livros, recursos didáticos, até o acolhimento das vítimas de racismo em instituições escolares.

Esta pesquisa se deu no âmbito institucional e nos revelou o quanto a escola pode ser uma instituição que propaga o racismo, mas também mostra que essa mesma instituição pode ser uma porta extremamente

salutar contra o racismo e a garantia de direitos para todas e cada uma das crianças, uma vez que abre a escuta para as vozes que até então não puderam ecoar.

Ao lermos Wallon entendemos como a afetividade e a identidade são importantes na constituição do sujeito, sujeito este que tem que ser ouvido, como nos lembra Paulo Freire quando nos diz que a educação é dialógica.

Analisando os documentos da E.M. Delphina e acompanhando as práticas pedagógicas e os atendimentos individualizados, constatamos o quanto se é importante a construção de um Projeto Político Pedagógico antirracista, em que todos convivam com culturas, histórias, ancestralidades, diversas, em que cada um tenha a liberdade de ser, de conviver, de reivindicar seus direitos, atuando com respeito as diferenças, pois uma vez tendo respeitada a sua identidade, sua cultura, seus anseios, uma vez revelado o seus interesses no mundo os caminhos da aprendizagem estarão abertos, para que o psicopedagogo e/ou pedagogo auxilie a descoberta de seus interesses.

Neste sentido, um importante aliado da escola no combate ao racismo, no fortalecimento das identidades, especialmente dos estudantes com dificuldades na aprendizagem são os recursos antirracistas. Tais recursos trazem representatividade, elevação da autoestima e segurança às crianças que necessitam de atendimento pedagógicos e psicopedagógicos. A importância constatada das literaturas afro-brasileiras e indígenas, agem como “literaturas de cura” para as crianças que estão machucadas, doloridas pelo racismo que marcam seus corpos e as tornam inseguras e com um sentimento de incapacidade. Os personagens pretos ou indígenas dessas literaturas que aparecem como reis, rainhas, grandes cientistas, escritores etc. e que apresentam suas ancestralidades como ação afirmativa, tornam-se um instrumento de fato poderoso para construção ou em muitos casos de (re)construção das identidades afogadas pela crueldade do racismo.

Foi possível visualizar durante a pesquisa e nos estudos de casos as situações em que os recursos antirracistas foram fundamentais para resgatar autoestima e para acessar potencialidades na construção de aprendizagens. A literatura, o sarau, os brinquedos, as rodas de conversas, a valorização da imagem e das referências culturais se mostraram extremamente eficazes na construção de identidades. Considerando o potencial da Psicopedagogia e como suas metodologias e intervenções são capazes de construir diversas possibilidades de desenvolvimento das aprendizagens, ressalta

sua importância para a construção de uma sociedade mais humana e com o olhar para o reconhecimento das potencialidades daqueles que são oprimidos historicamente.

Afirmamos que os recursos antirracistas em atendimentos psicopedagógicos, podem compor uma estratégia importante para os atendimentos e em muitos casos fundamentais para acessar principalmente crianças, jovens e adultos negros, transformando dificuldades em potencialidades, recuperando e valorizando as identidades a partir de referências afirmativas, podemos fortalecer aqueles que são vítimas de uma estrutura racista em que foram subestimados e negligenciados, lembremos do que nos diz Angela Davis “em uma sociedade racista, não basta não ser racista, é necessário ser antirracista”. Portanto, refletir, divulgar e compartilhar experiências exitosas no combate ao racismo é um dos caminhos para a prática de uma Educação e uma Psicopedagogia Antirracista.

Referências

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.
- CAVALLEIRO, Eliane Dos Santos (organizadora). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. Selo Negro - São Paulo 2001
- CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil**. 2ª ed. Contextos São Paulo 2023
- FANON, Frantz . **Pele negra, máscaras brancas** . EDUFBA Salvador, 2008.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** .64 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.
- GOMES, Nilma Lino. Relações étnico-raciais, educação e descolonização dos currículos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 12, p. 98-109, 2012.
- hooks, bell. **Olhares negros: raça e representação** /tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro RJ: Cobogó,2029.
- LUIGI, André Santos, SOUZA, Rodolfo de. www.portalcienciaevida.com.br - Filosofia cienciaevida, 2019. p. 45

Frantz Fanon e a ontologia negra | PDF (slideshare.net)

MARTINS, Maria Cristina de Moraes e SILVA, Bruno de Tarcis. A importância de um Projeto Político Pedagógico antirracista para o desenvolvimento da identidade dos estudantes. **Revista Aprendizagem em Ação**, nº2, 2024: Educação antirracista, p.26 - Embu das Artes. Disponível em :<https://sites.google.com/view/educaembudasartes/pedagogico/projetos/EDUCACAO-ANTIRRACISTA>

NASCIMENTO, Elisa Larikin. Sankofa educação e identidade afrodescendente. *In*: CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola.**- São Paulo 6ª ed. Selo Negro, 2001.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de fala/feminismos Plurais. 1ª ed. - São Paulo SP; Pólen, 2019.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro ou as vicissitudes da identidade do negro em ascensão social.** Rio de Janeiro RJ: Zahar,2021.

SOUZA, S. E. O uso de recursos didáticos no ensino escolar. **Arquivos do Museu Dinâmico Interdisciplinar**, v. 11, supl. 2, 2007.

VIGOTSKI, Lev. **Problemas de defectologia.** São Paulo: Expressão popular, 2021.

WARNIER, J.P. **A mundialização da cultura.** Bauru: EDUSC, 2000.

Capítulo 2

O PAPEL DAS POLÍTICAS PÚBLICAS NA INTEGRAÇÃO DA PSICOPEDAGOGIA EM EMBU DAS ARTES: PROMOVENDO A PRESENÇA DO PSICOPEDAGOGO NA ESCOLA

Claudinês Ferreira da Costa¹

Introdução

A Psicopedagogia no Brasil, conforme Ramos (2007), é definida como a área que estuda e lida com o processo de aprendizagem e suas dificuldades. Atualmente, o objeto de estudo da Psicopedagogia é colocado como um sujeito, que Maria Cecília Silva descreveu e chamou de Ser Cognoscente. Portanto, a Psicopedagogia pode ser definida também como a área do conhecimento que se propõe estudar o ser cognoscente e seu processo de aprender, compreendendo-o como um ser constituído de três grandes dimensões: a Racional, a Relacional e a Desiderativa e do funcionamento decorrente das relações dessas três dimensões, que acontecem num corpo físico e biológico, bem como num contexto cultural próprio.

O surgimento da Psicopedagogia ocorreu no início do século XX, segundo Ramos (2007), na década de 1920, com contribuições de diversos teóricos dedicados ao estudo do desenvolvimento cognitivo e da educação. Os primeiros Centros Psicopedagógicos foram estabelecidos na Europa em 1946 por Juliette Favez-Boutonier e George Mauco, integrando conhecimentos de Psicologia, Psicanálise e Pedagogia para auxiliar crianças com dificuldades de aprendizagem e comportamentos inadequados.

Na década de 1950, a Psicopedagogia se consolidou na América do Sul, com a Argentina se destacando como pioneira na América Latina em

1 Pedagoga pela Anhanguera de São Paulo, Pós-graduada em Direito Educacional pelo Centro Universitário de Jales – UNIJALES de Jales/SP. Psicopedagoga. Atualmente atua como supervisora de ensino na Secretaria de Educação de Embu das Artes/SP. E-mail: claudinescosta@educacaoembudasartes.com

1956, graças a figuras como Arminda Aberastury e Jorge Visca, considerado o pai da Psicopedagogia.

No Brasil, a influência argentina foi marcante a partir dos anos de 1960. Igualmente ao que ocorria naquele país, a Psicopedagogia brasileira também se construiu sob um enfoque médico-pedagógico e com uma natureza mais prática do que acadêmica, com autores como Sara Paín, Alícia Fernández e Jorge Visca contribuindo para a consolidação da Psicopedagogia no país. Em 1979, após quase vinte anos da efetiva prática psicopedagógica no Brasil, surgiu o primeiro curso de especialização em Psicopedagogia do país, inicialmente chamado de Curso de Reeducação Psicopedagógica (Ramos, 2007). Outro grande avanço foi a fundação da Associação Brasileira de Psicopedagogia (ABPp) em 1986, reunindo profissionais e tratando de questões referentes à formação e regulamentação da Psicopedagogia no país.

Atualmente, a Psicopedagogia é uma área em constante evolução, com profissionais atuando em diferentes contextos, como escolas, clínicas, hospitais e empresas, buscando compreender as dificuldades de aprendizagem e desenvolver estratégias para auxiliar os indivíduos a superá-las. A Psicopedagogia se tornou essencial para promover um processo de aprendizagem mais eficaz e inclusivo, considerando as particularidades e necessidades de cada indivíduo.

Como profissional da supervisão de ensino do município de Embu das Artes, as políticas públicas que promovem a Psicopedagogia e a inserção do psicopedagogo na instituição escolar me motivam, pois diariamente me deparo com os desafios educacionais e acredito que a presença de psicopedagogos nas escolas poderiam contribuir significativamente para auxiliar crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem a superar os obstáculos enfrentados na vida escolar.

A presença do psicopedagogo nas escolas desempenha um importante papel na promoção de uma educação de qualidade e inclusiva. Com sua competência em lidar com dificuldades de aprendizagem, é fundamental que existam políticas públicas que respaldam sua atuação, especialmente diante da diversidade de estudantes nas instituições de ensino. O trabalho do psicopedagogo não apenas garante o acesso de todos a uma educação de equidade, mas também contribui para a valorização da educação como um todo, auxiliando professores e adotando práticas pedagógicas mais eficazes. Diante dessa afirmação, quais as políticas públicas voltadas para a

psicopedagogia, e como elas contribuem para a inserção do psicopedagogo na instituição escolar?

Esse capítulo tem como objetivo, pesquisar as políticas públicas existentes nos países da Europa, Argentina e Brasil que promovam a Psicopedagogia e a contribuição do município de Embu das Artes para a inserção do psicopedagogo nas escolas, destacando a importância desse profissional na comunidade educacional.

As Políticas Públicas nos países da Europa e Argentina para a promoção da Psicopedagogia

Na Europa, as políticas públicas voltadas para a profissão de Psicopedagogia variam de país para país. Alguns países têm legislações específicas que definem as qualificações necessárias, as responsabilidades e as competências dos psicopedagogos, enquanto outros podem não ter uma regulamentação clara ou específica para essa profissão.

Na Espanha, por exemplo, o Ministério da Educação exige que o profissional da Psicopedagogia tenha conhecimentos em Psicologia e Pedagogia e interesse pelo desenvolvimento humano e comunitário, nas áreas de educação, formação e orientação, além de capacidade para trabalhar em equipe em âmbito multiprofissional e interesse pela formação democrática, crítica e solidária. Sua atuação aproxima-se do antigo Orientador Educacional existente no Brasil (Santos, 2012).

Na Argentina, a profissão de psicopedagogo é regulamentada e reconhecida como uma disciplina importante no campo da educação e da saúde mental. Para exercer a profissão de psicopedagogo no país, é necessário possuir uma formação acadêmica específica em Psicopedagogia, que pode incluir cursos de graduação ou pós-graduação na área. Além disso, os psicopedagogos na Argentina geralmente precisam se registrar em um órgão profissional específico para obter a licença necessária para atuar legalmente. Neste país, dos 24 Estados, 17 têm leis que regulamentam o exercício deste profissional e 4 têm projetos de lei apresentados para aprovação, além deste cenário positivo, os profissionais da psicopedagogia ainda podem contar com dezenas de Sedes de Associações e Sindicatos para apoio e promoção da profissão (Florência, 2015).

Em relação às políticas públicas, o governo Argentino tem implementado diversas iniciativas para promover a inclusão educacional e o desenvolvimento integral dos estudantes, como é o caso da modalidade

de educação especial, atualmente em Buenos Aires, mostra uma presença sustentada e variada nas escolas primárias comuns em função, não só de acompanhar as crianças com deficiência na inclusão, mas também os alunos cujos problemas de aprendizagem ou inserção na vida escolar colocam em risco a possibilidade de ter uma trajetória educativa satisfatória.

As modalidades de ensino especial e regular se configuram como campos diferentes e complementares para tornar possível o ensino e a aprendizagem. As tarefas de apoio e orientação, sustentadas nas escolas primárias por agentes de educação especial, se materializam em “configurações de apoio”, sob as quais, atualmente, a direção desta modalidade pensa sua contribuição às escolas comuns para a conquista de trajetórias educativas dos estudantes e para o cumprimento dos objetivos da inclusão educativa. Os profissionais da modalidade especial estão capacitados em favorecer estas trajetórias aos alunos com deficiência ou dificuldades para aprender e participar (Etchberry, 2014).

As políticas públicas que promovem a inserção dos psicopedagogos nas escolas brasileiras

A pesquisa das políticas públicas voltadas para a Psicopedagogia no Brasil revela um cenário repleto de potencialidades, mas marcado também por desafios que impactam a efetiva integração dos psicopedagogos nas instituições escolares. Diferente da Argentina, a trajetória brasileira é mais complexa devido à vasta extensão territorial e à diversidade cultural do país. Este estudo aponta tanto os avanços realizados quanto os obstáculos persistentes na implantação de políticas inclusivas que promovam a atuação psicopedagógica.

Primeiramente, é importante ressaltar que no Brasil, embora a atuação do profissional em psicopedagogia seja legitimada socialmente (Rubinstein, Castanho e Noffs, 2004), ainda não há a regulamentação formal da profissão de psicopedagogo, o que resulta numa dificuldade adicional para a implementação de políticas uniformes em todo o território nacional, mas não podemos negar que passos promissores foram dados para a promoção e busca da regulamentação da profissão em nosso país com algumas iniciativas e propostas imprescindíveis para esse avanço, conforme segue:

1. A instituição da Associação Brasileira de Psicopedagogia - Em 1986, no II Encontro da então Associação de Psicopedagogos de

São Paulo, se reafirma o interesse por grupos de psicopedagogos de outros Estados, não só em aprofundar a sua formação sem depender apenas dos Encontros realizados em São Paulo a cada 2 anos, como também em divulgar em seus Estados de origem a sua área de atuação. Em vista disso, surge como fato mais importante do II Encontro, a transformação da Associação de Psicopedagogos de São Paulo em Associação Brasileira de Psicopedagogia, com a proposta da criação de capítulos em outros Estados do Brasil (Scoz & Mendes, 1987).

2. A CBO de Psicopedagogo foi instituída pela Portaria Ministerial 391/2002 com a finalidade de identificar a ocupação profissional no mercado de trabalho: Família / Ocupação - 2394-25 / Psicopedagogo. A Classificação Brasileira de Ocupações – CBO é o documento normalizador do reconhecimento, da nomeação e da codificação dos títulos e conteúdos das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. É ao mesmo tempo uma classificação enumerativa e uma classificação descritiva. Perante a CBO pertencemos ao quadro de técnicos da educação. Conforme descrição sumária da CBO, os psicopedagogos implementam a execução, avaliam e coordenam a (re)construção do projeto pedagógico de escolas de educação infantil ao ensino médio ou ensino profissionalizante com a equipe escolar. No desenvolvimento das atividades, viabilizam o trabalho pedagógico coletivo e facilitam o processo comunicativo da comunidade escolar e de associações a ela vinculadas. CBO é classificação de ocupação, não é identificação profissional para atuação.
3. O Projeto de Lei 282/19 que propõe alterar a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, 9.394/96) para determinar que caberá a cada sistema de ensino (municipal, estadual e federal) implementar o atendimento psicopedagógico nas escolas. A proposta tramita na Câmara dos Deputados. Fonte: Agência Câmara de Notícias. Conforme o deputado Rubens Otoni, (2019), “O objetivo é identificar as dificuldades de aprendizagem dos alunos”.
4. O Projeto de Lei nº 1675, de 2023, dispõe sobre o exercício da atividade de Psicopedagogia. Em reunião realizada em 04/07/2023, a Comissão de Educação do Senado aprovou o

Relatório, que passa a constituir o Parecer da CE, favorável ao Projeto com as Emendas nº 1 - CE e nº 2 - CE. À CAS.

5. O Projeto de Lei nº 1079, de 2023 dispõe sobre o exercício da atividade de Psicopedagogia, de autoria do Senador Veneziano Vital do Rêgo. Esta proposição é uma reapresentação do Projeto de Lei da Câmara (PLC) 31 de 2010 que foi, definitivamente, arquivado no Senado Federal. O presente projeto de lei visa a regulamentar a profissão de psicopedagogo.

O Brasil tem tentado, nos últimos anos, alinhar suas práticas a padrões internacionais de inclusão educacional, apesar das dificuldades. A promulgação de documentos como a Lei Nº 13.146, de 6 de julho de 2015 (Lei Brasileira de Inclusão) e o Plano Nacional de Educação - PNE, contempla dispositivos que podem ser aproveitados para fortalecer a psicopedagogia nas escolas. Tais políticas estratégicas vêm sendo discutidas e, em parte, implementadas como tentativa de promover um ambiente educacional mais inclusivo que atenda às particularidades de cada aluno.

Em suma, o cenário das políticas públicas no Brasil ainda está em fase de consolidação quanto à psicopedagogia, mas tem evoluído positivamente à medida que a importância dessa prática torna-se mais reconhecida. Para que se transformem em realidades operacionais, as políticas necessitam de um desenvolvimento contínuo e de um comprometimento maior de todas as esferas de governo. Alcançar uma integração efetiva dos psicopedagogos dentro das escolas requer não só vontade política, mas também investimento direcionado e estratégias claras que possam unificar esforços através do imenso mosaico social e cultural que caracteriza o país.

Com os dados e observações levantados, é evidente que o Brasil possui um potencial enorme para o desenvolvimento de políticas psicopedagógicas eficazes que beneficiem diretamente a qualidade da educação.

As políticas públicas que promovem a Psicopedagogia em São Paulo e a contribuição do município de Embu das Artes para a inserção do psicopedagogo nas escolas públicas municipais

No contexto brasileiro, a cidade de São Paulo tem se destacado com alguns avanços na implementação de políticas públicas que incorporam serviços de apoio psicopedagógico nas escolas. Um bom exemplo é a Lei nº 15.719, de 24 de abril de 2013 (Regulamentada pelo

Decreto nº 54.769/2014) que dispõe sobre a implantação de assistência psicopedagógica em toda a rede municipal de ensino, com o objetivo de diagnosticar, intervir e prevenir problemas de aprendizagem tendo como enfoque o educando e as instituições de educação infantil e ensino fundamental. (São Paulo, 2013). Apesar de não ser o foco desta pesquisa, porém não poderia deixar de destacar que a exemplo da cidade de São Paulo, a cidade de João Pessoa na Paraíba, sancionou a Lei nº 12.965, 12 de janeiro de 2015 que também dispõe sobre a implantação de assistência psicopedagógica em toda a rede municipal de ensino. (João Pessoa, 2015).

O financiamento também é um aspecto central das políticas em São Paulo, a alocação financeira precisa ser efetiva para a manutenção e ampliação de programas existentes, viabilizando a contratação de profissionais e a oferta de serviços mais abrangentes dentro das instituições de ensino. Essa política financeira proativa contribui para um ambiente educacional mais preparado para atender alunos com necessidades diversas.

Apesar dos avanços, ainda existem grandes desafios na implementação das políticas públicas de psicopedagogia em São Paulo e em todo país. As desigualdades socioeconômicas presentes na cidade refletem-se também na disponibilidade e qualidade das intervenções psicopedagógicas.

As políticas de São Paulo mostram um caminho promissor para o Brasil como um todo, na atuação dos psicopedagogos no ambiente escolar. O reconhecimento da importância dessas políticas públicas não apenas reforça o compromisso com uma educação inclusiva, mas também oferece um modelo que poderia ser adaptado para outras regiões do país, tendo em vista as necessidades locais. Seguindo exemplo da capital, muitos municípios, como Itanhaém e Taboão da Serra, têm investido em iniciativas e implementações de políticas que promovem a qualidade de ensino e contribuem para a inserção de profissionais da Psicopedagogia nas escolas municipais.

O município de Embu das Artes também tem investido em políticas públicas para oferecer uma educação mais eficaz, voltada para o desenvolvimento integral dos estudantes. Visando aprimorar a qualidade do ensino e promover um ambiente mais inclusivo e acolhedor, tem desenvolvido estratégias personalizadas para atender às necessidades individuais dos estudantes, estimulando seu potencial de aprendizagem e contribuindo para o sucesso acadêmico de todos. Segue algumas iniciativas e contribuições do município que promovem a educação e a presença do psicopedagogo nas escolas municipais:

1. A Lei municipal Nº 2827, de 18 de junho de 2015 que instituiu o plano municipal de educação - PME, com metas que propõe: Assegurar atendimento especializado aos estudantes que apresentam dificuldades de aprendizagem.
2. Oferta de formação gratuita de Pós-graduação em Psicopedagogia para os professores da Rede Municipal de ensino na instituição FAEM-Faculdade Embu das Artes, com a formação da primeira turma em novembro/2024.
3. Concurso público para psicopedagogo em dezembro de 2023 para compor a equipe multidisciplinar da Secretaria de Educação de Embu das Artes.
4. O Plano de Governo para o ano de 2025 da Secretaria de Educação de Embu das Artes, propõe a contratação de psicólogos e psicopedagogos e criação de Núcleo de atendimento Psicossocial para atendimento de alunos da rede municipal de ensino, com dificuldades de aprendizagem.

Concluindo, o Estado de São Paulo e o município de Embu das Artes, demonstram que, apesar dos desafios, é possível integrar de maneira eficaz práticas psicopedagógicas por meio de políticas públicas focadas e bem estruturadas. Isso não só melhora a qualidade do ensino como também promove uma experiência educacional mais inclusiva e equitativa para os alunos. Assim, a experiência deste Estado e Município pode servir de inspiração e base para formulações de políticas futuras, almejando um sistema educacional nacional que valorize e apoie integralmente o desenvolvimento cognitivo e emocional dos estudantes.

Considerações finais

A pesquisa sobre as políticas públicas que facilitam a inserção do psicopedagogo nas instituições escolares na Argentina, no Brasil e, mais especificamente, na cidade de São Paulo e no município de Embu das Artes, revela uma rica história de abordagens, desafios e potencialidades. Este estudo fornece uma compreensão valiosa sobre como diferentes contextos abordam a importante tarefa de incluir os serviços psicopedagógicos no sistema educacional, ressaltando tanto os progressos já alcançados quanto os obstáculos a serem superados.

Na Argentina, as políticas amplamente consolidadas refletem um compromisso de longa data com a integração do psicopedagogo como

parte central da equipe escolar. As legislações sólidas não apenas conferem clareza sobre o papel desses profissionais, mas também favorecem ambientes educacionais mais inclusivos onde a intervenção é percebida como um suporte significativo para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes. No entanto, mesmo com tantos avanços, ainda há a necessidade de unificar as práticas nos diferentes contextos regionais, garantindo uma educação equitativa em todo o território nacional.

Já no Brasil, observa-se um panorama onde avanços significativos têm sido realizados, mesmo diante das profundas disparidades regionais e dificuldades de regulamentação efetiva. A necessidade por uma legislação coesa e por políticas públicas de maior alcance é evidente, e passos promissores têm sido dados, como mostrado pelos esforços na capital Paulista e Embu das Artes. Este estado e município se destacam por suas iniciativas preconizadas, que servem como exemplo para outras regiões ao buscar uma educação mais inclusiva com o apoio da Psicopedagogia. Apesar dos desafios relacionados a desigualdades socioeconômicas e à necessidade de articulação entre os diferentes atores educacionais, as políticas estabelecidas apontam para um progresso em relação à integração do psicopedagogo nas escolas.

Esta pesquisa procura evidenciar que a Psicopedagogia, quando apoiada por políticas públicas eficazes, possui o potencial de transformar a educação ao tornar o ambiente de aprendizagem mais adaptável às necessidades individuais dos alunos. Baseadas nos achados deste estudo, as recomendações incluem a necessidade de políticas adaptativas que contemplem as variações culturais e regionais, garantindo que os psicopedagogos possam exercer sua função de maneira eficiente e significativa.

É indiscutível a necessidade de um comprometimento renovado por parte dos formuladores de políticas, educadores e comunidade para superar os desafios existentes, promovendo a expansão e formalização da Psicopedagogia em todo o país. Isso inclui incentivos e financiamento para a atividade psicopedagógica e a criação de culturas escolares que reconheçam e implementem tais práticas.

Por fim, percebemos que tanto a Argentina quanto o Brasil estão comprometidos em direcionar seus sistemas educacionais para uma melhor qualidade no ensino e maior inclusão e reconhecimento da Psicopedagogia. Para potencializar os impactos positivos dessas políticas, o diálogo e a cooperação entre esses dois países poderiam ser intensificados,

aprendendo e adaptando práticas exitosas. Tais estratégias fortaleceriam um compromisso comum com a educação inclusiva, contribuindo para a construção de um futuro promissor onde a Psicopedagogia é vista como um alicerce do desenvolvimento pessoal e profissional dos estudantes, capaz de promover uma educação que verdadeiramente respeita e valoriza a diversidade do potencial humano.

“Para uma pessoa, a aprendizagem abre o caminho da vida, do mundo, das possibilidades, até de ser feliz”. (Prof. Dr. Jorge Visca - 1935-2000)

Referências

ABPP. **Regulamentação ABPP**. Associação Brasileira de Psicopedagogia, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.abpp.com.br/regulamentacao/>. Acesso em 15 out. 2024.

ALESP. **Projeto de lei nº 0128 /2000**. São Paulo, 2002. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=58845>. Acesso em: 21 nov. 2024.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. **A Epistemologia da Psicopedagogia: reconhecendo seu fundamento, seu valor social e seu campo de ação**. Comemorando os 15 anos da ABPP - Paraná Sul, 2006. *Rev. psicopedag.* [online]. 2007, vol.24, n.73, pp.90-100. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0103-84862007000100011&script=sci_art-text. Acesso em: 28 nov. 2024.

BRASIL. Senado Federal. Agência Senado. **Projeto que regulamenta a Psicopedagogia**. Brasília, DF: Senado Federal, 2019. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2023/07/04/projeto-que-regulamenta-profissao-depsicopedagogo-vai-a-cas>. Acesso em: 30 out. 2024.

BRASIL. Senado Federal. Agência Senado. **Projeto de Lei nº 1079, de 2023 que regulamenta a Psicopedagogia**. Brasília, DF: Senado Federal, 2023. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/156159>. Acesso em 28 nov. 2024.

ETCHBERRY, V. **Os serviços de apoio e a educação inclusiva na Argentina**, 2014. Disponível em: <https://diversa.org.br/capitulos/as-configuracoes-de-apoio/>. Acesso em 05 out. 2024

FLORENCIA, A. **A psicopedagogia na Argentina**. Compreendendo a

atuação do psicopedagogo, 2015. Disponível em: https://eventos.ufu.br/sites/eventos.ufu.br/files/a_psicopedagogia_na_argentina_compreendendo_a_atuacao_do_psicopedagogo.pdf Acesso em: 05 out. 2024

GONÇALVES, Julia Eugênia. A Regulamentação da Profissão em Psicopedagogia. **Revista Científica Aprender**, 2019. Disponível em: <https://revista.fundacaoaprender.org.br/?p=171>. Acesso em: 26 nov. 2024.

JOÃO PESSOA. **Lei n12965/2015**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/pb/j/joao-pessoa/lei-ordinaria/2015/1296/12965/lei-ordinaria-n-12965-2015-dispoe-sobre-a-implantacao-de-assistencia-psicopedagogica-em-toda-a-rede-municipal-de-ensino-com-o-objetivo-de-diagnosticar-intervir-e-prevenir-problemas-de-aprendizagem-tendo-como-enfoque-o-educando-e-as-instituicoes-de-educacao-infantil-e-ensino-fundamental?r=p>. Acesso em: 15 out. 2024.

LIMA, João Carlos. A importância do financiamento na expansão dos serviços psicopedagógicos em São Paulo. **Finanças Públicas e Educação**, Campinas, v. 15, n. 3, p. 123-142, 2020.

RAMOS, G. P. Psicopedagogia: Aparando Arestas Pela História. **VIDYA**, Santa Maria (RS, Brasil), v. 27, n. 1, p. 12, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/346>. Acesso em: 26 nov. 2024.

RUBINSTEIN, E., Castanho, M. I., & Noffs, N. Rumos da Psicopedagogia Brasileira. **Rev. Psicopedagogia**, 21(66): 225-38, 2004.

SANTOS, J. N., MARTINS, M. M., MOTTA, M. D. C. D. S., DE OLIVEIRA, R. M. M., e DE ANDRADE, M. S. Estudo comparativo sobre a formação em Psicopedagogia em três países: Argentina, Brasil e Espanha. **Revista da Associação Brasileira de Psicopedagogia**, 29(90), 2012. Disponível em: <http://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/123/estudo-comparativo-sobre-a-formacao-em-psicopedagogia-em-tres-paises--argentina--brasil-e-espanha>. Acesso em: 02 out. 2024.

SÃO PAULO. **Lei n. 15.719, de 24 de abril de 2013**. Disponível em: <https://legislacao.prefeitura.sp.gov.br/leis/lei-15719-de-24-de-abril-de-2013/detalhe/5e6baa4a1411926001a56ba5#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20a%20implanta%C3%A7%C3%A3o%20de,Educa%C3%A7%C3%A3o%20Infantil%20e%20Ensino%20Fundamental>. Acesso em: 15 out. 2024.

SCOZ, B. L; MENDES, M. H. A Psicopedagogia No Brasil: Evolução Histórica. ABPp - **Associação Brasileira de Psicopedagogia**, 13(6), 19-22, 1987. Disponível em: <https://www.abpp.com.br/a-historia->

-da-associacao-brasileira-de-psicopedagogia/#:~:text=A%20Associa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Psicopedagogos%20de,alunas%20do%20Instituto%20Sedes%20Sapientiae. Acesso em: 15 out. 2024.

A IMPORTÂNCIA DE COMPREENDER AS IMPLICAÇÕES DA DISCALCULIA NA APRENDIZAGEM MATEMÁTICA EM INDIVÍDUOS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Izabel Maria da Silva Andrade¹

Idalina Izabel Celano²

Cleide Silvina da Silva³

Introdução

Atualmente a Psicopedagogia ganhou espaço em escolas e outros departamentos capazes de fornecer subsídios para uma reflexão científica, diferenciando-se, sobretudo, como um campo de afluência do psicológico e do educacional. Tendo seu início associado à Pedagogia, é válido ressaltar que a Psicopedagogia se compreende através das áreas de Filosofia, Neurologia, Sociologia, Linguística e Psicanálise. Com seu início apontado na Europa desde o final do século XIX, quando Janine Mery e George Mauco, teóricos franceses, assinalaram suas juntas teóricas, ela passa a se destacar também na Argentina, na metade do século XX, onde nasceu a primeira Faculdade de Psicopedagogia, sediada em Buenos Aires (Cruvinel, 2009).

De acordo com Cruvinel (2009, p.6), “a Psicopedagogia foi introduzida no Brasil baseada nos modelos de atuação e concepção de problemas de aprendizagem que se inicia a partir de 1970, os cursos de formação eram em Porto Alegre os quais tinham a duração de dois anos”. Ainda segundo a autora, por ser a Psicopedagogia reconhecida como área de atuação buscando uma analogia através de uma formação de nível interdisciplinar, é válido acrescentar que a ciência psicopedagógica está pautada em aferir as perspectivas do sujeito, visando sua disponibilidade

1 Graduada em Pedagogia/Artes Visuais. Psicopedagoga. izabel10411@educacaoembudasartes.com.br

2 Graduada em Pedagogia. Psicopedagoga – cleide11906@educacaoembudasartes.com.br

3 Graduanda em Artes. Psicopedagoga – idalina10051@educacaoembudasartes.com.br

afetiva de saber, ser e de fazer. Assim sendo, sua atuação pode ser vista na área clínica e nas instituições como os hospitais, empresas e as escolas.

Quando voltado à instituição escolar, o trabalho psicopedagógico busca refletir no campo da socialização de saberes e na ascensão cognitiva, além da constituição de regras de conduta, em uma concepção social mais extensa, tendo em vista que a escola deve agregar e se faz parte imprescindível para o processo de aprendizagem do indivíduo.

Segundo Cruvinel (2009, p. 02-03),

a Psicopedagogia trabalha e estuda a aprendizagem nos setores psicopedagógicos transformando a realidade escolar, vivenciando momentos históricos atuais em busca de adequar a escola às demandas da sociedade, incentivando a implantação de projetos que estimulem a autonomia de professores e alunos.

Vale ressaltar que a compreensão do termo aprendizagem resulta da percepção de indivíduo e, assim sendo, incide a práxis Psicopedagógica, pautada em analisar as propriedades da aprendizagem humana, sobretudo o aprendizado, além do tratamento e prevenção das dificuldades na aprendizagem encontradas nesse percurso. Por entender a necessidade desse profissional atuando em instituições escolares, optamos por essa formação, visando contribuir com as necessidades e demandas encontradas nas instituições escolares, acerca de um olhar diferenciado na realidade dos indivíduos ali presentes (Cruvinel, 2009).

Em meio à realidade escolar, vários percalços podem ser encontrados e alguns deles independem da instituição, por tratar-se de dificuldades individuais do aluno. Nesse contexto faz-se necessário o olhar atento do profissional ali presente, para que identifique e aponte tais dificuldades e é nesse momento que a ajuda do Psicopedagogo pode ser fundamental. Tendo em vista que as dificuldades são variadas, identificá-las é imprescindível e quanto antes isso ocorrer, melhor para se trabalhar no caso.

Nos anos iniciais do ensino fundamental I, nota-se que algumas crianças podem apresentar transtornos que retardam a aprendizagem no ensino de Língua Portuguesa e de Matemática, porém, nem sempre são identificados pelo professor e isso torna-se um agravante no decorrer dos anos seguintes de aprendizagem desse indivíduo. Nesse contexto, ter um profissional com um olhar diferenciado acerca de tais problemas torna-se essencial, pois além de reconhecer o problema, é importante distinguir entre dificuldade de aprendizagem e transtorno de aprendizagem e, para tanto, faz-se necessário que professores e/ou profissionais que se encontram

diariamente em contato com essas crianças estejam aptos a reconhecer, identificar, e diferenciar tais problemas, pois só assim será possível auxiliar seus alunos, sejam as dificuldades pedagógicas ou neurológicas.

Em meio a diversos transtornos apresentados por crianças em idade escolar, tomamos como objeto de estudo a matemática, que tende a ser um empecilho na vida de muitos educandos, dado o grau de dificuldade encontrado nessa disciplina e para tanto, aqui será abordada a dificuldade em matemática motivada pela “discalculia”, transtorno específico dessa disciplina escolar e que vem sendo encontrado nessas crianças.

O capítulo se encontra norteado nas seguintes questões: Quais as interferências causadas pela discalculia na aprendizagem de indivíduos (crianças) com esse transtorno? Quais os caminhos apropriados para que os profissionais da educação contemplem o tema de maneira enriquecedora ao educando? Essas são questões pertinentes, pois dentro do contexto escolar encontram-se vários casos de alunos que apresentam dificuldades em matemática e tais dificuldades, podem ser provenientes discalculia. Segundo Bernardi e Stobäus (2011), durante os anos iniciais da fase escolar, cerca de 5% e 15% das crianças têm esse transtorno.

Por ser um transtorno que nos anos iniciais do ensino de matemática e outras disciplinas acarretar-se de causar problemas e acarretar danos no decorrer da vida do indivíduo, ficamos sensibilizadas e motivadas a abordar o tema. O capítulo justifica-se, dada a importância de compreender as implicações da discalculia no ensino fundamental I, em que o ensino de matemática tende a esbarrar em tal transtorno.

Pode-se afirmar que durante o desenvolvimento escolar, muitas intercorrências relacionadas à discalculia surgem no cotidiano escolar e em muitas vezes tendem a passar despercebidos, acarretando problemas no decorrer da vida do indivíduo. Tendo em vista o exposto, tem-se os seguintes objetivos a serem abordados nesse capítulo:

- Identificar e evidenciar as intercorrências da discalculia em crianças com esse transtorno de aprendizagem, na idade escolar;
- Ressaltar a importância do diagnóstico precoce desse transtorno de aprendizagem.
- Explicar maneiras de se trabalhar para contemplar os indivíduos identificados com o Transtorno Específico de Aprendizagem - Discalculia durante o Ensino Fundamental I.

O desenvolvimento dar-se-á através de revisão bibliográfica de natureza narrativa, tendo por base autores renomados que abordam o tema e o apoio dos trabalhos publicados no Google Acadêmico, além de estar pautado no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM – 5).

A Discalculia como Transtorno característico da matemática

A matemática é considerada uma ciência abstrata e de alto grau de complexidade e tende a ser vista como algo que pode dificultar o processo de aprendizagem de muitos alunos. Entretanto, pode-se dizer que a dificuldade na aprendizagem da matemática está pautada nas metodologias cognitivas que em muitas vezes são utilizadas nas escolas. De maneira geral, inúmeras crianças tendem a se deparar com alguma dificuldade nessa disciplina que pode se estender até a vida adulta e tornar-se uma grande apreensão para o ensino e aprendizagem dessas crianças, pois acabam por ser vista como um indicador do fracasso escolar.

A evolução escolar da criança é afetada de maneira significativa quando se esbarra com essa dificuldade e isso também reflete no seu cotidiano, tendo em mente que essa é uma habilidade baseada em cálculos e interpretações imprescindíveis para a vida de todos. Além disso, as disciplinas escolares são interligadas, pois interpretar um texto torna-se essencial dentro desse contexto.

Atualmente, entre os desafios encarados pelos professores, está o papel de proporcionar a aprendizagem em alunos com dificuldades, pois o educando sem motivação para aprender, fatalmente irá fracassar durante o percurso e se o professor não acreditar ou criar expectativas com esse aluno, irá ampliar a probabilidade de fracasso.

Tendo em mente que o processo de aprendizagem, por ser contínuo, ocorre gradativamente ao longo da vida, podemos dizer, entretanto, que este aprendizado tende a ser influenciado por diversos fatores que incidem barreiras a essa aprendizagem. Durante a fase escolar, geralmente surgem algumas dificuldades que criam obstáculos e nesse momento tais dificuldades se tornam visíveis. Para muitas crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, uma pergunta que envolva sequência numérica, por exemplo, pode ser respondida automaticamente.

Entretanto, para determinadas crianças, isso pode tornar-se um desafio e quando tais dificuldades se apresentam, podemos estar diante

de problema de aprendizagem, podendo estar relacionado a uma simples dificuldade ou a um transtorno de aprendizagem. É nesse momento que as causas devem ser questionadas, pois cometer erros é normal para a criança durante o processo de aprendizagem, mas quando isso ocorre com mais frequência, torna-se necessário um olhar atento ao agente motivador (o professor, o sistema de ensino, desenvolvimento cognitivo do aluno, meio ambiente, fator biológico ou emocional), pois uma criança com algum transtorno tende a cometer erros além do normal.

De acordo com Novaes (2007), são várias as dificuldades relacionadas à linguagem matemática, em diferentes níveis e complexas em sua origem, podendo ser notadas desde o ensino básico até mais tarde, quando ocorre a associação do pensamento matemático mais elaborado. Ainda segundo o autor, vale ressaltar que a autêntica etiologia dos Transtornos de Aprendizagem, embora cientificamente não esteja totalmente esclarecida, acerca-se de algumas hipóteses sobre suas causas, podendo elas ser proveniente de fatores biológicos em conjunto aos fatores não biológicos.

Assim sendo, é possível afirmar que parte da dificuldade apresentada por crianças em idade escolar trata-se de um transtorno estrutural da maturação das habilidades matemáticas, detectado através de erros quantitativos e variantes relacionadas à dos números, contagens, informática, interpretação e resoluções de problemas. Todavia, de acordo com o exposto no DSM-5, (APA, 2014), os transtornos não devem ser relacionados à falta de ensejo de aprender, falha na educação, entre outras, pois abrangem a inaptidão específica envolta a leitura, a escrita ou a matemática, em indivíduos que exibem resultados expressivamente abaixo do que se espera em determinado nível de desenvolvimento, escolaridade e competência intelectual (Novaes, 2007).

De acordo com o DSM-5 (APA, 2014, p.112),

O transtorno específico da aprendizagem é um transtorno do neurodesenvolvimento com uma origem biológica que é a base das anormalidades no nível cognitivo as quais são associadas com as manifestações comportamentais. A origem biológica inclui uma interação de fatores genéticos, epigenéticos e ambientais que influenciam a capacidade do cérebro para perceber ou processar informações verbais ou não verbais com eficiência e exatidão. Uma característica essencial do transtorno específico da aprendizagem são dificuldades persistentes para aprender habilidades acadêmicas fundamentais, com início durante os anos de escolarização formal (i.e., o período do desenvolvimento). Habilidades acadêmicas básicas

incluem leitura exata e fluente de palavras isoladas, compreensão da leitura, expressão escrita e ortografia, cálculos aritméticos e raciocínio matemático.

De acordo com o DSM-5 (APA, 2014), existem basicamente três tipos diferentes de transtorno de aprendizagem: o Transtorno da Leitura, o Transtorno da Matemática e o Transtorno da Expressão Escrita.

Em meio as dificuldades de matemática encontradas, destaca-se a discalculia, transtorno proveniente de má formação neurológica, manifestada através da dificuldade da criança em executar operações matemáticas, qualificar números e organizá-los sequencialmente. Nos momentos finais da vida escolar, a discalculia reflete na incorporação dos conceitos matemáticos dentro do cotidiano. As crianças com discalculia acabam rejeitando as tarefas relacionadas aos números e geralmente acabam “rotuladas” nas salas de sala por colegas, professores e pais, o que os leva a sofrer com isso, refletindo nas outras disciplinas e diminuído a autoestima dessas crianças. Entretanto, detectar o problema não é uma tarefa simples.

A discalculia vem sendo alvo de estudiosos e educadores na busca de intervenções benéficas junto a criança discalcúlica, tendo em vista que, se não houver um trabalho voltado a mediação e intervenção que abrange não apenas a sala de aula, mas também a família, não alcançará seu objetivo e acarretará um adulto frustrado.

Conforme o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5),

Discalculia é um termo alternativo usado em referência a um padrão de dificuldades caracterizado por problemas no processamento de informações numéricas, aprendizagem de fatos aritméticos e realização de cálculos precisos ou fluentes. Se o termo discalculia for usado para especificar esse padrão particular de dificuldades matemáticas, é importante também especificar quaisquer dificuldades adicionais que estejam presentes, tais como dificuldades no raciocínio matemático ou na precisão na leitura de palavras (APA, 2014, p.111).

O portador de discalculia demonstra baixo nível na execução das tarefas de matemática relacionadas a aritmética. Geralmente, essa dificuldade é detectada na escola, durante o desenvolvimento de atividades estruturadas através de textos escritos, gráficos, interpretação de tabelas, soluções de problemas, entre outros. Na discalculia o desenvolvimento e procedimentos cognitivos são afetados, tais como a agilidade no processamento da informação, a memória de trabalho, noção em tarefas

não-verbais, além da memória de curto e longo prazo, memória sequencial auditiva, habilidades psicomotoras e a linguagem matemática.

Para Guedes *et al.* (2019), a discalculia está conexas à cognição na competência e habilidade em associar conceitos e símbolos matemáticos, notoriamente no que se refere ao entendimento numérico e a inteligência matemática, afetando cerca de 3% a 6% da população.

Nesse contexto, é válido afirmar que a maioria das crianças discalculicas podem ser reconhecidas na idade escolar, e de acordo com Garcíá (1998), esse transtorno já se encontra em seis subtipos, conforme listadas abaixo e pode se apresentar em diferentes cooptações, além vinculados a outros transtornos de aprendizagem: Discalculia Verbal; Discalculia Practognóstica; Discalculia Léxica; Discalculia Gráfica; Discalculia Ideognóstica; Discalculia Operacional.

Sendo a Discalculia pertencente ao grupo dos transtornos específicos da aprendizagem e fundamentada em critérios comportamentais e de exclusão, capazes de afetar o desenvolvimento escolar da criança e execução de atividades cotidianas referentes ao manejo de números, vale ressaltar que de acordo com o DSM-5 (APA, 2014, p.111), esse transtorno possui diferentes níveis de gravidade, conforme abaixo:

Leve: Alguma dificuldade em aprender habilidades em um ou dois domínios acadêmicos, mas com gravidade suficientemente leve que permita ao indivíduo ser capaz de compensar ou funcionar bem quando lhe são propiciadas adaptações ou serviços de apoio adequados, especialmente durante os anos escolares.

Moderada: Dificuldades acentuadas em aprender habilidades em um ou mais domínios acadêmicos, de modo que é improvável que o indivíduo se torne proficiente sem alguns intervalos de ensino intensivo e especializado durante os anos escolares. Algumas adaptações ou serviços de apoio por pelo menos parte do dia na escola, no trabalho ou em casa podem ser necessários para completar as atividades de forma precisa e eficiente.

Grave: Dificuldades graves em aprender habilidades afetando vários domínios acadêmicos, de modo que é improvável que o indivíduo aprenda essas habilidades sem um ensino individualizado e especializado contínuo durante a maior parte dos anos escolares. Mesmo com um conjunto de adaptações ou serviços de apoio adequados em casa, na escola ou no trabalho, o indivíduo pode não ser capaz de completar todas as atividades de forma eficiente.

Partindo de tais pressupostos, fica evidente que independente da gravidade ou do subtipo de discalculia, mesmo que a criança que possua esse transtorno matemático seja capaz de reconhecer os números, ela não será capaz de estabelecer semelhanças entre eles, criar operações e/ou ter uma percepção exata dos sinais matemáticos, ou seja, será como se o professor falasse em um idioma completamente desconhecido.

Outro fator importante está na associação da discalculia a outros problemas, conforme é apresentado por Bastos (2016, p. 198). De acordo com o autor, “existe estreita relação dos sintomas descritos por Cohn e os déficits encontrados por Luria na avaliação de pacientes com lesões cerebrais traumáticas”.

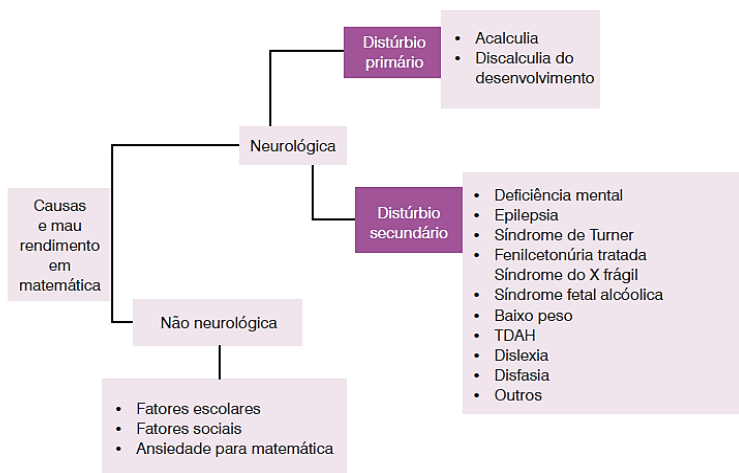
Ainda de acordo com Bastos (2016), em 1983, Weintraub e Mesulan realizaram estudos tendo por base pacientes que apresentavam dificuldades emocionais e de inter-relação pessoal conexos às dificuldades de aprendizado, sobretudo em matemática, cujo resultado evidenciou a síndrome hemisférica direita e alguns anos depois, outro estudo apontou para a descrição dois distintos quadros clínicos, respectivamente ao hemisfério comprometido:

1. A disfunção do hemisfério direito, caracterizada por incapacidade em conceituar quantidades numéricas (preservando o reconhecimento e a produção dos símbolos numéricos), podendo haver associação com incoordenação da mão esquerda, dispraxia construtiva, pobre orientação espacial e perda da melodia normal da fala (disprosódia).

2. Manifestações resultantes do comprometimento do hemisfério esquerdo estão relacionadas à incapacidade para reconhecer e produzir números e símbolos operacionais, preservando o conceito de quantidade numérica. Há comprometimento em cálculo mental, conseqüente à falta de habilidade em montar seqüências de números, memória auditiva de curto prazo comprometida, podendo apresentar ainda desorientação direita-esquerda, agnosia para dedos e dislexia (Bastos, 2016, p. 198).

Nesse mesmo trabalho, o autor esclarece que existem outras situações clínicas associadas com a discalculia, conforme a figura 1.

Figura 1: Classificação das dificuldades em matemática



Fonte: Bastos, 2016, p.197

De acordo com Carvalho, Crenite e Ciasca (2007), a discalculia aparece, comumente associada à déficit de atenção, reconhecida através da dificuldade de concentração e organização. Vale ressaltar que é comum a deficiência na noção de espaço.

Para Gentile (2002), a deficiência de uma pessoa discalcúlica encontra-se conexão dos neurônios, centrados na área superior do cérebro a qual transmite mensagens para o reconhecimento dos símbolos e assim sendo, a criança com discalculia dificilmente irá apresentar problemas fonológicos, entretanto, apresenta dificuldade com a destreza psicomotora e perceptivo-táteis.

Tendo em vista o exposto, fica evidente que existe uma urgência em diagnosticar a discalculia o quanto antes e nesse contexto, torna-se imprescindível um olhar atento para os sinais apresentados pelas crianças em idade escolar.

Discalculia em crianças na idade escolar: a importância do diagnóstico precoce

De acordo com o que foi descrito até o momento, fica claro que a dificuldade em se aprender matemática pode estar relacionada a questões de aprendizagem, porém a relação com um transtorno de aprendizagem deve ser considerada, pois temos que levar em conta inúmeros fatores e

particularidades individuais do “pensar matemático”, principalmente porque definir essa relação não é uma tarefa fácil. Quando se refere a transtornos, esses tendem a ser inerentes ao indivíduo, pois, supostamente são decorrentes de disfunção do Sistema Nervoso Central e podem acontecer ao longo da vida.

A discalculia promove um impacto significativo na vida de uma criança em idade escolar, incluindo problemas no desempenho, evasão, frustração e afeta a autoestima. Assim sendo, é fato que este transtorno quando não detectado e tratado adequadamente, prosseguirá na fase adulta, refletindo no profissional e na qualidade de vida desse indivíduo.

Segundo Domingues *et al.* (2022), grande parte das crianças com discalculia se sentem ansiosas em relação à matemática. Esta Ansiedade Matemática (AM) é caracterizada pelo medo claro e irracional de se deparar com situações pautadas em conceitos matemáticos e esse tipo de ansiedade surge acompanhado de diferentes sintomas, tais como taquicardia, sudorese excessiva, pânico, entre outros.

Qualquer dificuldade ou transtorno apresentada por uma criança em idade escolar necessita ser averiguado pelo campo educacional, mesmo que dentro das salas de aula isso seja considerado como algo comum. Vale ressaltar que o diagnóstico precoce da discalculia é essencial para o incremento das habilidades matemáticas, ou seja, é crucial que a identificação seja realizada o quanto antes, para que sejam propostas intervenções eficazes.

De acordo com Santos (2014, p. 14) “um questionamento bastante comum entre os estudantes refere-se à necessidade, utilidade e urgência, dos conhecimentos passados na escola”. Em meio às diversas dificuldades deparadas em sala de aula, inúmeras crianças em idade escolar exibem transtornos que carece de avaliação não apenas do professor, mas sim de profissionais habilitados das áreas de educação e saúde (Pedagogo, Psicopedagogo, Psicólogo entre outros), visando um aprendizado que que atenda as legítimas necessidades da criança.

Para Magalhães (2002, p. 13) diversos fatores que tendem a desencadear dificuldades e/ou distúrbios conexos à aprendizagem, podendo ser destacados: “Fatores orgânicos: saúde física deficiente, falta de integridade neurológica (sistema nervoso doentio), alimentação inadequada etc.” Nesse contexto, pode-se afirmar que a discalculia é um distúrbio da aritmética e tal dificuldade está adjunta a diferentes causas,

que vão desde a capacidade limitada do intelecto até uma disfunção do SNC (Sistema Nervoso Central).

Os sintomas da discalculia podem estar entrelaçados a outras patologias e exibidos de maneira diferenciada a cada caso, porém já pode ser registrado durante os anos iniciais de ensino escolar, momento em que a criança inicia seu aprendizado nas habilidades de matemáticas e permanece até que essa criança chegue a fase adulta. Conforme as crianças crescem, as dificuldades passam a ser mais perceptíveis e, assim sendo, é de suma importância que se tenha ajuda desde o início.

Nos casos de discalculia é de suma importância que haja a identificação precoce do transtorno e, para tanto, os pais e professores precisam estar alinhados, pois só assim serão capazes de detectar as dificuldades e sintomas rapidamente. Quanto antes essa criança for inserida no contexto escolar com abordagem e ferramentas apropriadas para ajudá-las na adaptação, maior as perspectivas de aprimorar seus recursos mentais e táticas de aprendizagem.

Vale ressaltar que a discalculia não justifica todas as dificuldades apresentadas em Matemática, por crianças em idade escolar. Boa parte delas pode relacionar-se à metodologia usada pelo professor.

O Instituto ABCD (2021, s.a), em sua explanação sobre o assunto, apresenta sintomas que são detectados em crianças com discalculia:

Senso numérico fraco; Dificuldade para estimar quantidades; Dificuldade para contar de trás para frente; Dificuldade para lembrar-se de fatos 6 matemáticos básicos, mesmo tendo passado por muitas horas de prática; Dificuldade para entender o valor posicional de algarismos; Dificuldade para entender a função do número zero no sistema numérico hindu-arábico; Esquecimento de estratégias matemáticas, principalmente de procedimentos longos com várias etapas, como a divisão de números grandes; Dificuldade para guardar números na memória de trabalho enquanto resolve problemas matemáticos; Ansiedade relacionada à matemática e qualquer outra atividade que envolva números; Lentidão para fazer cálculos; Habilidade de aritmética mental fraca em relação à idade ou ao nível de escolaridade; Dificuldade para aprender a ler as horas; Dificuldade para calcular o tempo.

A criança discalcúlica geralmente apresenta traços, conforme descritos acima, mesmo estando fora do ambiente escolar, todavia, é escola que se pode diagnosticar o transtorno, através de um acompanhamento específico.

Identificar os sinais apresentados pela criança é indispensável, pois só assim será possível diagnosticar com eficácia a discalculia. Para tanto, seguindo os padrões de modelo medicinal, a criança deve exibir sintomas e sinais que possibilitem medidas, comparações e compreensão acerca de determinado padrão de normalidade pertinente. Assim sendo, é importante analisar as dificuldades individuais de cada criança, pautadas nas categorias e as classificações.

Entretanto, de acordo com Fonseca (1995, p.148),

É contestável a afirmação de que o órgão privilegiado da aprendizagem é o cérebro. Dadas as relações inevitáveis entre o cérebro e o comportamento e entre o cérebro e a aprendizagem, da mesma forma essa relação se verifica quando se abordam as Dificuldades de Aprendizagem.

É incontestável que crianças com discalculia exibem dificuldades expressivas em diversas áreas da matemática, todavia, essas dificuldades não se atêm aos aspectos cognitivos da matemática, a discalculia, além de evitar o progresso acadêmico da criança, na disciplina de matemática, afeta também outras áreas do conhecimento inseridas no currículo escolar, como Ciências e Geografia que se acercam de determinados níveis de competência numérica.

Domingues *et al.* (2022) pontua que as crianças com discalculia apresentam problemas emocionais conexos à disciplina, tais como apreensão e baixa autoestima e isso acaba se tornando um agravante para as dificuldades matemáticas.

Assim sendo, fica evidente que o diagnóstico precoce pode ter implicações extraordinárias para a prática educacional. É essencial para o professor que ter ciência das características da discalculia, pois só assim será capaz de tecer estratégias voltadas às necessidades dessas crianças. Em suma, isso também reforça a importância de intervenções psicopedagógicas voltadas as dificuldades cognitivas e emocionais conexas à discalculia.

A importância da intervenção profissional em crianças discalculias durante o Ensino Fundamental I

Conforme já foi exposto, as averiguações importantes para o diagnóstico conciso da discalculia tendem a ser feitas durante o processo de alfabetização, pois mesmo que a criança já apresente traços do transtorno, é no Ensino Fundamental I, entre 6 e 7 anos, quando ela inicia seu

aprendizado com a percepção de símbolos específicos e das operações básicas da Matemática, que isso começa a ser mais perceptivo, evidenciando assim a necessidade de um diagnóstico. É de suma importância que o diagnóstico seja rápido e consistente, para que se possa inserir intervenções que impeçam o progresso do transtorno.

Entretanto, vale ressaltar que a Pedagogia como sala de aula não é suficiente para lidar essa questão. A partir do momento em que essa dificuldade é detectada, o trabalho passa a demandar de uma equipe de profissionais multidisciplinar, como Psicólogo, Psicopedagogo, Professor Pedagogo, Fonoaudiólogo e Neurologista, que trabalhem de forma unificada para concluir com êxito o diagnóstico. Entretanto, mesmo que o professor sozinho não possa diagnosticar o transtorno, cabe a ele a tarefa de observar através das dificuldades apresentadas pela criança, além de propor métodos de intervenção alinhados aos que forem propostos pelos outros profissionais.

De acordo com Carvalho, Crenite e Ciasca (2007) durante a fase escolar, meninos apresentam mais dificuldades de aprendizagem que meninas, pautado na afirmação de que os meninos têm menos micro giros cerebrais, afirmação comprovada em avaliações neuropsicológicas pertinentes à coordenação motora, à ordem verbal e às características de aquisição da linguagem.

A discalculia não deve ser considerada como uma doença, mas sim, transtorno de aprendizagem motivado pela precocidade das funções neurológicas responsáveis pela captação das atividades matemáticas. Entretanto esse transtorno, assim como os outros, evolui no decorrer dos tempos. Geralmente, as crianças discalcúlicas apresentam o desenvolvimento padrão em outras disciplinas, e por isso, torna-se necessário que o professor entenda as dificuldades ainda durante o ensino fundamental I, assim poderá adaptar suas aulas de modo mais efetivo, contemplando essa criança e elevando a autoestima em aprender (Bernardi; Stobäus, 2011).

Vale ressaltar que se não houver uma abordagem apropriada, isso poderá causar algum bloqueio na criança e no futuro acabará interferindo no processo de aprendizagem. Existe uma grande preocupação acerca dessa questão, pois será que os professores de Matemática e os Pedagogos da educação básica conhecem a fundo a Discalculia e/ou se avaliam aptos a identificar um caso suspeito?

Quando repensamos na formação acadêmica de Professores e Pedagogos, fica claro que os profissionais de formação mais recente

apresentam mais conhecimento sobre a questão, haja visto que o tema possui uma abordagem e diagnóstico atual, ou seja, não se pensava em Discalculia ou transtornos de aprendizagem durante as formações de algumas décadas anteriores. Entretanto, muitos professores acumularam tanto conhecimento profissional no decorrer de sua experiência, que são capazes de determinar inúmeras mudanças no comportamento de uma criança. Outro fator relevante está na formação continuada.

Compreendemos a importância de se ter mais preparo para lidar com as crianças pertencentes a um grupo que apresenta dificuldade ou algum transtorno de aprendizagem, diversos professores atentaram-se a essa necessidade e ampliaram seus conhecimentos e isso beneficiou as instituições de ensino com profissionais cada vez mais preparados.

Atualmente, quando se pensa em crianças que apresentam transtornos de aprendizagem, várias abordagens diferentes já são realizadas, e com relação as crianças com Discalculia não tem sido diferente. Inúmeros processos de intervenção vêm sendo apresentados para melhorar o cotidiano desses indivíduos. Muitas propostas de atividades com o uso de materiais reais e aspectos visuais, tais como os blocos de contagem e gráficos estão sendo adotadas, visando promover o entendimento de conceitos matemáticos.

Entretanto, com relação a organização dos profissionais e ao envolvimento da família ainda se nota uma carência nessa questão. Além disso, serviços de informação e acompanhamento adequado necessitam um olhar mais atento. De encontro com essa realidade, existe também a ausência de materiais, dificuldades na concretização de políticas educacionais, dificuldades na organização, deficiência na formação acadêmica e profissional (Silveira, Enumo e Rosa, 2012).

Tendo em mente que toda criança irá tecer seu conhecimento de maneira e em ritmo diferente, automaticamente sua compreensão e seu emocional também serão diferentes e isso demanda de estratégias díspares para cada indivíduo. Essa compreensão adverte para a indigência de analisar a diferença individual ao traçar as estratégias educacionais.

Como o mesmo método não se aplica da mesma maneira para todas as crianças ao pensar as estratégias de abordagem relacionadas ao tema, torna-se imprescindível identificar e respeitar tais diferenças durante o processo de aprendizagem. Vale ressaltar que o ambiente escolar precisa tornar-se a zona de conforto dessas crianças para que todas elas possam se engajar e aprender de maneira eficaz.

Inúmeros métodos de intervenção para auxiliar crianças discalculicas durante o ensino fundamental I vem sendo adotados e a utilização de materiais /ou aspectos visuais tendem a provocar a abrangência dos conceitos matemáticos de maneira mais eficiente. Entretanto, existe a necessidade de mais levantamentos que determinem qual a metodologia mais efetiva, pautada no tipo específico de discalculia de cada criança.

Tendo em vista tais necessidades, Avila (2017) tomou par base as seis classificou seis subcategorias de Discalculia já definidas (Discalculia verbal; Discalculia practognóstica; Discalculia léxica; Discalculia gráfica; Discalculia ideognóstica; Discalculia operacional) e qualificou mais de 40 jogos, dentre os quais alguns por ela mesmo, no qual destaca como “[...] eficazes para o tratamento de crianças com indícios de discalculia, contribuindo para concluir que as habilidades matemáticas em defasagem podem ser reabilitadas, potencializando as existentes” (Avila, 2017, p. 7).

Conclusão

Através desta pesquisa, ficou evidente dificuldade de aprendizagem em matemática faz parte do cotidiano escolar e que além de aborrecer muito as crianças, é motivo de apreensão aos professores que se deparam com as crianças discalculicas.

Quando se pensa nas interferências causadas pela discalculia na aprendizagem de indivíduos (crianças) com esse transtorno, nota-se que são inúmeras as questões que estão relacionadas a esse transtorno, tais como problemas no desempenho, evasão, frustração e afeta a autoestima, podendo se estender até a fase adulta, refletindo no profissional e na qualidade de vida desse indivíduo, entretanto, não se deve tratar todo problema que a criança exhibe durante a aprendizagem na matemática como discalculica, pois muitas crianças apresentam dificuldades por estar com outros problemas.

Assim sendo, os caminhos apropriados para que os profissionais da educação contemplem o tema de maneira enriquecedora ao educando devem ser traçados através da observação meticulosa que visa apontar o grau de dificuldade apresentado pela criança. Nesse aspecto, conclui-se que, caso a criança seja discalculica, faz-se necessário encaminhá-la aos profissionais qualificados, seguido do auxílio do professor através das intervenções adequadas.

Já com relação às intervenções, ficou claro que estas podem ser realizadas através de diferentes abordagens, nas quais a inclusão de jogos matemáticos tem-se um caminho para o sucesso, pois com essas estratégias a criança poderá desenvolver inúmeras habilidades, nas quais podemos citar: raciocínio lógico-matemático, atenção, concentração, socialização, interação, criatividade, habilidades motoras, ritmo, entre outras.

Além disso, concluímos que a discalculia é uma dificuldade que se conecta a outros tipos de dificuldade, as quais caminham juntas se complementando e podem dificultar o diagnóstico, que quanto antes for detectado, melhor para o trabalho com essa criança.

Em suma, conclui-se esta através dessa pesquisa, que a discalculia, é um assunto que preocupa todos os educadores, porém para que a aprendizagem e as intervenções necessárias às crianças discalcúlicas ocorra, a escola e família precisam estar alinhadas

Referências

APA. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

AVILA, L. A. B. **Avaliação e intervenções psicopedagógicas em crianças com indícios de Discalculia**. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

BASTOS, José Alexandre. Matemática: Distúrbios específicos e dificuldades. In: ROTTA, Newra T.; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar S.; **Transtornos da aprendizagem: abordagem neurobiológica e Multidisciplinar**. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2016.

BERNARDI, Jussara; STOBÄUS, ClausDieter. Discalculia:conhecer para incluir. **Rev. Educ. Espec.**, Santa Maria, v. 24, n. 39, p. 47-60, jan/abr. 2011. Disponível em: <https://www.bing.com/search?q=BERNARDI,Jussara;STOBÄUS,ClausDieter.Discalculia:conhecerparaincluir.Rev.Educ.Espec.,SantaMaria,v.24,n.39,p.47-60,jan/abr.2011>. Acesso em: 07 nov. 2024

CARVALHO, Fabrícia Bignotto de; CRENITTE, Patrícia Abreu Pinheiro; CIASCA, Sylvia Maria. Distúrbios de aprendizagem na visão do professor. **Rev. psicopedag.**, São Paulo, v. 24, n. 75, p. 229-239, 2007. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862007000300003&lng=pt&nrm=iso. Acessos em: 19

nov. 2024.

CRUVINEL, Leiliana C. De O. **A Prática Psicopedagógica como alicerce para a superação das dificuldades de aprendizagem.** Instituto Educacional Pinheiros. Pinheiros, 2009. Disponível em: [https://www.academia.edu//A PRÁTICA PSIKOPEDAGÓGICA COMO ALICERCE PARA A SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM 1](https://www.academia.edu//A_PRÁTICA_PSIKOPEDAGÓGICA_COMO_ALICERCE_PARA_A_SUPERAÇÃO_DAS_DIFICULDADES_DE_APRENDIZAGEM_1). Acesso em: 06 nov. 2024

DOMINGUES, Mauro Roberto de Souza et al. Exercício físico e Ansiedade Matemática: perspectivas para educação matemática a partir das neurociências. **Amazônia: Revista de Educação em Ciências e Matemáticas**, Belém, v. 18, n. 40, p. 81-104, abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/revistaamazonia/article/view/11170>. Acesso em: 16 nov. 2024.

FONSECA, V. da. INTRODUÇÃO às Dificuldades de Aprendizagem: na busca de alguns axiomas. **Rev. Psicopedagogia** 2007; 24(74): 135-48. Disponível em: <https://cdn.publisher.gn1.link/revistapsicopedagogia.com.br/pdf/v24n74> Acesso em: 18 nov. 2024

GARCIA, Jesus Nicasio. **Manual de dificuldades de Aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GENTILE, Paula. **Tropeçando em números.** 2002. Disponível em: http://crescer.globo.com/edic/ed77/rep_discalculia.htm. Acesso em: 14 nov. 2024.

GUEDES, D. F., BLANCO, M. B., COELHO NETO, J. Discalculia: uma revisão sistemática de literatura nas produções brasileiras. **Revista Educação Especial**, 32, e25/ 1-16, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5902/1984686X29947>. Acesso em 16 nov. 2024

INSTITUTO ABCD. **O que é discalculia?** 2021. Disponível em: https://www.institutoabcd.org.br/discalculia/?utm_source=GoogleAds&utm_medium=Acessa do em: 18 nov. 2024.

MAGALHÃES, L. M. M. M. **Os Distúrbios da Aprendizagem sob um enfoque Psicopedagógico.** 2002. 35p. Monografia (Especialização em Sabedoria Geral). Universidade Cândido Mender, Rio de Janeiro, 2002. Médicas. 1998.

NOVAES. Maria Alice Fontes. **Transtornos de aprendizagem.** 2007. Disponível em: www.plenamente.com.br/diagnosticos7.htm . Acesso em: 13 nov. 2024.

SANTOS, Lais. **A Discalculia na perspectiva de professores das séries iniciais de uma escola da rede municipal de Paranavaí-PR.** Monografia de Especialização, Medianeira, 2014. Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/8080/jspui/bitstream/1/20894/2/MD_EDUMTE_2014_2_131.pdf. Acesso em 16 nov. 2024

SEABRA, Magno Alexon Bezerra. **Distúrbios e transtornos de aprendizagem: aspectos teóricos, metodológicos e educacionais.** Curitiba, PR: Bagai, 2020. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/584716/2/Editora%20BAGAI%20%20Distúrbios%20e%20Transtornos%20de%20Aprendizagem.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2024

SILVEIRA, K. A.; ENUMO, S. R. F.; ROSA, E. M. **Concepções de professores sobre inclusão escolar e interações em ambiente inclusivo: uma revisão da literatura.** Revista brasileira educação especial. Marília, v. 18, n. 4, 2012, p. 695708.

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO DA APRENDIZAGEM NO AMBIENTE ESCOLAR

Léia Alves Fernandes¹

Maria de Fátima Pimentel da Silva²

Maria Idecácia Ferreira da Silva³

Vilma Aparecida Silva Rodrigues⁴

Introdução

A Psicopedagogia inicia-se na Europa do século XX, no entanto ainda não se tem um ano preciso para essa terminologia. Sabe-se enfim que foi a Argentina que muito influenciou a Psicopedagogia no Brasil e tinha um cunho médico-pedagógico. Segundo Ramos (2007) em 1920 se instituiu o primeiro Centro de Psicopedagogia do mundo.

Inicialmente o foco da Psicopedagogia nessa época tinha entre seus objetivos auxiliar as crianças e adolescentes nas questões ligadas ao comportamento tanto na escola como na família, uma questão de reeducação para o seu ambiente a partir de um acompanhamento psicopedagógico (Ramos, 2007, 1994).

Em 1948, para além da consideração dos casos de problemas de comportamento, o estudioso Maurice Debesse inseriu ainda como preocupação psicopedagógica a ocorrência de crianças e adolescentes que, embora fossem considerados inteligentes, apresentavam problemas de aprendizagem. Nesses casos, o tipo de atuação privilegiada também era de cunho médico-pedagógico e o objetivo da ação era diferenciar esses sujeitos que possuíam deficiências físicas, mentais e/ou sensoriais, bem como lhes possibilitar ações reeducadoras que contribuíssem para o desaparecimento de seus sintomas (Ramos, 2007, p. 3).

1 Pedagoga. Psicopedagoga. E-mail- leiafernandes162@gmail.com

2 Pedagoga. Psicopedagoga. E-mail - mariadefatimap639@gmail.com

3 Pedagoga. Psicopedagoga. E-mail - mariaidecacia@gmail.com

4 Pedagoga. Psicopedagoga. E-mail - vilma82silva@gmail.com

A Psicopedagogia não é uma junção da Pedagogia e Psicologia e sim uma área de conhecimento focada na aprendizagem, ou seja, no sujeito que aprende.

Segundo (Ramos, 2007) no início a Psicopedagogia era focada nas dificuldades de aprendizagem e o fracasso escolar. Atualmente é um campo mais abrangente, onde atua na compreensão do processo de aprendizagem dentro e fora do ambiente escolar, considerando também todos os outros aspectos como físico, emocional, psicológico, pedagógico, social, cultural etc.

A Psicopedagogia atualmente tem uma atuação clínica com a finalidade de reintegrar o sujeito com problemas de aprendizagem ao processo, em que isso se dá em consultórios e hospitais. Já a atuação preventiva por parte do psicopedagogo acontece dentro do ambiente escolar, oferecendo orientação aos professores. (Ramos, 2009).

Geralmente, esse tipo de ação ocorre dentro da própria instituição escola, creche, centro de habilitação etc.

Dentro dessa perspectiva, o campo de atuação do profissional formado em Psicopedagogia vem se ampliando, sendo demandado por clínicas, centros de atendimento, hospitais, empresas, organizações (inclusive do terceiro setor), escolas, organizações educacionais etc.

A história da Psicopedagogia revela a todos a importância de um posicionamento claro quanto à prática psicopedagógica.

Assim, um primeiro ponto a ser destacado é que, tendo a Psicopedagogia o alvo de discutir e de atuar sobre a aprendizagem, todo profissional envolvido com essa área deve ter muita sensibilidade ao abordá-la e fundamentá-la.

Sendo assim, qual a importância da afetividade para o ambiente escolar? Será que a presença do afeto ajuda no processo ensino aprendizagem de forma positiva?

A afetividade é um dos campos que constitui o ser humano, um elemento funcional, manifesta-se pelas emoções, um fator fundamental de interação da criança com o meio em que vive.

O foco da nossa pesquisa é compreender quais os impactos da afetividade na educação infantil, compreender e identificar este sentimento e o que ele faz no desenvolvimento infantil na educação escolar.

Estabelecer como se desenvolve a construção das relações entre as crianças, sua disposição de fazer algo por alguém, seja de forma positiva ou

negativa, e a capacidade de experimentar sensações, como amor, carinho, alegria, paixão, raiva, insegurança, desprezo, tristeza.

Qual o papel da afetividade no ambiente escolar da Educação Infantil?

A afetividade não está ligada somente a carinhos e abraços, mas na educação infantil esse ato prevalece muito, pois o cuidar e educar são ações indissociáveis na educação infantil, o cuidar deve suprir as necessidades das crianças, enquanto o educar deve contribuir para a formação da criança na sociedade e no seu desenvolvimento, segundo a (BNCC) Base Nacional Comum Curricular, a criança muito pequena terá o primeiro contato fora da sua família, então precisa encontrar um ambiente afetuoso e aconchegante, trazendo segurança para que seu desenvolvimento aconteça de forma prazerosa.

Através de pesquisas vimos a importância do afeto durante a vida escolar do indivíduo, pois cria-se vínculo entre professor-aluno, aluno-aluno, assim fortalecendo a segurança e autoestima, percebemos a importância do afeto não somente na educação infantil, mas em todas as etapas da vida escolar e em outros ambientes fora das instituições escolares.

Para Wallon, a afetividade envolve uma série de manifestações que englobam os sentimentos de ordem tanto psicológica, quanto de ordem biológica, é através da interação entre as pessoas que se desenvolve o conhecimento. A criança por sua vez, vê nessa interação a forma de aprender sobre a cultura e afetividade, que segundo Piaget é o agente motivador da atividade cognitiva e é a energia que move a ação. Já a razão é aquilo que possibilita ao indivíduo identificar seus desejos e sentimentos diversos, possibilitando êxito na execução destas ações (Pereira, 2017).

Wallon defende que o processo de evolução depende tanto da capacidade biológica do sujeito quanto do ambiente, que afeta de alguma forma, pois se a pessoa está em um ambiente desagradável, seu desenvolvimento ou sua aprendizagem será prejudicada de alguma forma, mesmo o sujeito possuindo capacidade, se ele é desmotivado ele não vê prazer naquilo que está fazendo (Souza, 2017).

Agora, se o ambiente for agradável, demonstrando afeto pelo sujeito e pelas atividades propostas, assim terá um desenvolvimento pleno.

Dentre tantos autores, resolvemos abordar Wallon como foco da nossa pesquisa, uma vez que no contexto da psicologia ele revolucionou as

teorias do desenvolvimento infantil de sua época, foi inovador em mostrar que a transformação da criança em adulto não é algo superficial, mas cheia de metamorfoses, ele utilizou seus conhecimentos médicos e sua intuição para estudar a criança.

Para Wallon, a constituição da pessoa se dá a partir de seu organismo e suas funções potenciais que surgem de acordo com as etapas biológicas de desenvolvimento e com as circunstâncias do meio. A pessoa tinha que ser vista como a integração de um conjunto de campos indissociáveis, motor, afetivo e cognitivo.

Nas palavras de Wallon (1981, p. 233) “[...] é contra a natureza tratar a criança de forma fragmentária, em cada idade constitui um conjunto indissociável e original, na sucessão de suas idades é um único e mesmo ser em contínua metamorfose” (citado por Pereira, 2017, p. 35)

A demonstração de afeto se expressa com carinho, atenção, gestos, como um abraço, um beijo, uma palavra amigável, ele é um modificador de comportamento, influencia diretamente o que pensamos sobre uma pessoa ou sobre algo, induz nossas atitudes de forma positiva ou negativa, influência de forma significativa o processo de aprendizagem e seu crescimento cognitivo, já que está presente em todas as áreas de sua vida.

Wallon (1981) nos ensina a importância deste conceito para evolução do indivíduo, ou seja, o desenvolvimento não depende somente de sua capacidade intelectual garantida pelo caráter biológico, mas também pelo meio em que vive, a afetividade está relacionada a capacidade do ser humano de ser afetado de forma positiva ou negativa, tanto por sensações internas ou externas.

No ambiente da educação infantil é de suma importância a construção da aprendizagem com o amparo do afeto, seja da professora, dos colegas de sala, da comunidade escolar como um todo para com a criança, ela precisa se sentir segura, cuidada, feliz.

A escola é o ambiente onde se inicia a construção de amizades, a interação social, os laços afetivos, é possível verificar que crianças que se sentem emocionalmente seguras no ambiente escolar são mais propensas a engajar-se ativamente nas atividades escolares, em superar os desafios acadêmicos.

Wallon sempre enfatizou que o desenvolvimento cognitivo é profundamente influenciado pelas interações sociais e emocionais que a criança vivencia, mostrando que a aprendizagem não é apenas um processo

de aquisição de informações, mas também de construção de significado através das experiências emocionais vividas.

Wallon (1981) também destacou a importância da linguagem como um mediador do desenvolvimento cognitivo. Através da comunicação verbal, as crianças não só expressam suas emoções, mas também organizam seus pensamentos e constroem conhecimento, portanto, um ambiente rico em interações verbais pode potencializar tanto o desenvolvimento emocional quanto o cognitivo (Pereira, 2127).

É importante entender que a afetividade também tem um lado negativo, e essas emoções podem afetar tanto o estado físico, social, mental do indivíduo.

A afetividade negativa pode se manifestar de inúmeras formas, tristeza, desesperança, insegurança, irritabilidade, medo, preocupações, essa forma de afetividade pode levar a pessoa a ter explosões de raiva, descontrole, baixa autoestima, ansiedade, enfim, algo muito difícil no desenvolvimento de uma criança.

Os impactos da afetividade no ambiente escolar da Educação Infantil

De acordo com Gonçalves (2022), se faz necessário que também o professor, busque por um aprimoramento da sua atuação no ambiente escolar para compreender ainda mais sobre o mundo e sobre a afetividade para saber lidar com cada um no ambiente escolar. Como também a responsabilidade das famílias, estabelecendo um relacionamento entre a escola e os pais, para que haja um bom desenvolvimento socioafetivo da criança. Ambos entendem que o professor é de suma importância para estimular e incentivar um ensino de qualidade, superando os obstáculos, onde haja métodos de demonstração de respeito, carinho, atenção e diálogo. Mesmo sabendo que há relações de conflitos que fazem parte das relações humanas para a construção de um ambiente harmônico.

Para Silva e Santos (2020), a falta de afetividade na educação infantil pode desenvolver consequências como: um indivíduo sem motivação, sem interesse em aprender, sem confiança e com baixa autoestima, assim comprometendo seu desenvolvimento durante a vida, além disso hoje há um liberalismo descontrolado que vem tomando grandes proporções No que diz respeito à indisciplina em sala de aula, até mesmo presenciamos cenas de pais que pedem ajuda a escola na educação dos filhos porque

dizem não poder mais com eles, não serem capazes de controlar seu comportamento.

Promover o afeto para a criança enquanto está sendo formada sua personalidade não significa dizer sim para tudo que quer ou deseja, e muito menos conviver em um ambiente sem limites e regras, muito pelo contrário, isso tudo vai ajudar na sua aprendizagem para toda sua vida inteira.

Conforme a LDB 9394/96, em seu capítulo 29, preconiza-se que: A educação infantil é a primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, nos aspectos físico, psicológicos, intelectual e social, em complemento com a família.

A instituição de educação infantil é importantíssima para o desenvolvimento da criança, pois nesse ambiente a criança é estimulada o tempo todo, interagindo em brincadeiras livres e dirigidas, participando das atividades lúdicas e convivendo com adultos e crianças com diferentes costumes.

No campo de experiência da BNCC: o eu, o outro e o nós, relata a interação com seus pares e adultos, a criança vive experiências de atenção pessoal e outras práticas sociais, aprende a percepção de si e do outro, construindo sua autonomia, por isso nessa etapa deve se criar oportunidades para que as crianças percebam as diferenças entre as pessoas, reconhecendo e respeitando.

Como trabalhar o desenvolvimento e a resolução de problemas

O professor de educação infantil precisa demonstrar mais afeto, devido a faixa etária e por ser o primeiro contato dos pequenos com a escola e outro ambiente, também nessa fase está sendo formada sua personalidade, já o professor do ensino fundamental e médio precisa demonstrar afeto e domínio no conteúdo transmitido, demonstrando satisfação e prazer naquilo que está fazendo, criando vínculo com o aluno para que assim a aprendizagem aconteça de forma integral.

Em um primeiro momento o foco da Psicopedagogia é a prevenção, e posteriormente a resolução de questões vinculadas a aquisição de conhecimento, dito de outra maneira, o psicopedagogo atua na identificação de dificuldades ou distúrbios de aprendizagem e na superação dessas lacunas.

O principal objetivo da Psicopedagogia escolar é conseguir fazer com que o aluno fique bem no que diz respeito aos aspectos cognitivos, sociais e afetivos, para tanto é necessário avaliar as formas de interferências no desempenho escolar.

Necessário mediar conflitos, encontrar soluções, colaborar para aceitação e valorização das diferenças, uma vez que as salas de aula são plurais, dessa forma, temos que construir estratégias que contemple os alunos com seus diferentes níveis de aprendizagem, suas dificuldades e peculiaridades, para fazer da escola um ambiente seguro e acolhedor, respeitoso, agradável, onde a criança possa criar, selecionar, organizar, associar, brincar, evoluir.

Importante também que o ambiente escolar tenha recursos para que o profissional possa trabalhar, através do lúdico, jogos, brincadeiras, brinquedos diversos.

Considerações finais

Percebemos a importância do afeto em sala de aula e o quanto este sentimento tem um fator importante para o desenvolvimento e formação de cada criança sob nossa responsabilidade.

Vimos através das pesquisas realizadas, que o afeto tem grande influência no desenvolvimento da criança, inclusive no cognitivo.

Importante lembrar que estamos acolhendo crianças bem pequenas, num período de formação de personalidade, num momento em que ela está adentrando em um mundo novo, onde irá interagir com uma sociedade a qual ela não está habituada, ou seja, ela está saindo do seu ambiente seguro, o familiar, para conviver com estranhos, com atitudes, combinados, rotinas diferentes, é aqui neste momento que se faz muito importante a afetividade no desenvolvimento das relações.

É através desse sentimento que desenvolvemos relações, criamos vínculos, desenvolvemos segurança, autonomia, independência, empatia, solidariedade, enfim, tantos sentimentos nobres que construímos junto com nossos alunos.

Compreendemos o quanto é importante o vínculo aluno-professor, que só que estabelecido pelo afeto acima de qualquer sentimento, uma vez que a criança precisa se sentir segura, querida, reconhecida, para criar este vínculo com o professor, que será seu norte, seu porto seguro naquele ambiente na qual ela está adentrando.

Com afeto é possível definir uma educação mais tranquila, mais prazerosa, mais segura, o desenvolvimento cognitivo mais produtivo, necessário que as crianças precisam se sentir amadas para se sentirem seguras, assim conseguirão expressar seus sentimentos, medos, inseguranças, para que se sintam acolhidas, compreendidas, e que seu desenvolvimento aconteça de forma tranquila e gradativa.

Referências

BRASIL. **Lei De Diretrizes e Bases Da Educação Nacional**. Brasília (DF), 1996.

GONÇALVES, Fernanda Fernandes. **Educação infantil: os desafios e a importância da afetividade**. Trabalho de Conclusão de Curso. IFGO, 2022. Disponível em: https://repositorio.ifgoiano.edu.br/bitstream/prefix/3304/3/tcc_Fernanda%20Fernandes%20Gon%c3%a7alves.pdf. Acesso em: 26 nov. 2024.

PEREIRA, Beatriz Garcia. **A afetividade no desenvolvimento infantil: contribuições de Wallon**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. 2017 Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/196353/Beatriz%20Garcia%20Pereira.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 26 nov. 2024.

RAMOS, G. P. Psicopedagogia: Aparando Arestas Pela História. **VIDYA**, Santa Maria (RS, Brasil), v. 27, n. 1, p. 12, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/VIDYA/article/view/346>. Acesso em: 26 nov. 2024.

SILVA, Graciela Ferreira; SANTOS, Maximina Magda de França. A importância da afetividade no processo de aprendizagem na educação infantil. **Brazilian Journal of Development**. 6 (1), 1029-1047, 2020. Disponível em: <https://blog-educacao.sesirs.org.br/a-bncc-e-os-campos-de-experiencias/>. Acesso em: 26 nov. 2024.

SOUZA, Marcos L. **A afetividade no processo de aprendizagem por Henri Wallon - SÓ ESCOLA**, 2017. Disponível em <https://www.so-escola.com/2017/12/a-afetividade-no-processo-de-aprendizagem-por-henri-wallon.html#gsc.tab=0>. Acesso em: 26 nov. 2024.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Lisboa: Edições 70, 1981.

O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NA INSTITUIÇÃO ESCOLAR DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Flávia Silva Rêgo¹

Marcela Barboza Pacífico²

Maria Aparecida Freitas da Costa³

Maria Elizete Batista de Andrade Passos⁴

Introdução

A Psicopedagogia é o elo que une a Psicologia e a Pedagogia com o objetivo de compreender o processo de aprendizagem. Para isso, é necessário que o psicopedagogo realize um trabalho preventivo e efetivo diretamente com os estudantes, a fim de sanar possíveis dificuldades de aprendizagem. Considerando o ambiente escolar como um espaço para reflexão, é fundamental envolver todo o corpo docente na busca de formas e meios de prevenção, bem como em estratégias de intervenção que permitam ao estudante superar desafios e desenvolver plenamente seu potencial.

O psicopedagogo trabalha diretamente com o estudante, buscando entender os fatores emocionais, cognitivos, sociais e ambientais que possam interferir em seu aprendizado.

Historicamente, os estudos sobre Psicopedagogia começaram há cerca de três décadas, com os primeiros cursos surgindo na década de 1970 e ganhando maior expressão nos anos de 1990. No Brasil, o professor argentino Jorge Visca é considerado o “pai da Psicopedagogia”, tendo contribuído significativamente para sua difusão no país e no mundo. Jorge Visca (1935-2000) defendia que, “para uma pessoa, a aprendizagem abre

1 Pedagoga, Psicopedagoga. E-mail: flavinharego@gmail.com

2 Pedagoga, Psicopedagoga. E-mail: marcelapacificommg1234@gmail.com

3 Pedagoga, Psicopedagoga. E-mail: cydafreytas@gmail.com

4 Pedagoga, Psicopedagoga. E-mail: elibpassos@gmail.com

o caminho da vida, do mundo, das possibilidades, até de ser feliz” (Visca, 2008, *apud* Cerezuela, 2022, p.2-3).

A Psicopedagogia atua principalmente nos campos institucional e clínico. Segundo o professor Walter de Menezes Eugênio (2023, s.p.)

o campo institucional concentra-se nos processos de ensino-aprendizagem dentro de instituições educacionais, como escolas, creches e universidades, focando na observação, intervenção e aspectos pedagógicos. Já o campo clínico envolve atendimento individualizado em consultórios e clínicas especializadas, com ênfase no diagnóstico e intervenção de dificuldades de aprendizagem.

Com a finalidade de compreender a atuação do psicopedagogo na escola e como suas intervenções podem auxiliar os estudantes no desenvolvimento da aprendizagem de forma preventiva.

O capítulo pretende destacar a importância do psicopedagogo como agente de transformação dentro da instituição de ensino, incentivando a reflexão sobre a necessidade deste profissional, garantindo um ensino inclusivo e de qualidade.

Destaca-se como objetivo promover uma reflexão sobre a importância da atuação preventiva do psicopedagogo no ambiente escolar; identificar precocemente problemas de aprendizagem e desenvolver estratégias de intervenções adequadas, entendendo assim o papel do psicopedagogo no ambiente escolar e como suas inferências podem ajudar os estudantes durante o seu desenvolvimento no processo ensino/aprendizagem.

Diante desses desafios, questionamos: Qual o papel do psicopedagogo na escola? Como o psicopedagogo poderá auxiliar nas dificuldades de aprendizagem? Qual a importância desse psicopedagogo no ambiente escolar?

Percebe-se que há um número elevado de estudantes com problemas de aprendizagem, no entanto a ausência do psicopedagogo aumenta tais dificuldades, uma vez que os professores com suas demandas em sala muitas vezes não conseguem atingir de forma individualizada cada indivíduo.

A atuação desse profissional terá um papel extremamente importante junto com todos envolvidos. Há necessidade de políticas públicas eficazes para que esse profissional possa atuar efetivamente dentro do espaço escolar.

O papel do psicopedagogo na escola

A Psicopedagogia tem como principal objetivo promover o desenvolvimento pleno do indivíduo, respeitando suas necessidades específicas emocionais, sociais e de aprendizagem. Buscando criar um ambiente favorável de aprendizagem, considerando as diferenças individuais e promovendo o potencial de cada pessoa. A Psicopedagogia institucional voltada ao ambiente escolar trabalha de forma preventiva na aprendizagem da criança ou adolescente.

O psicopedagogo trabalha com a equipe escolar desempenhando um papel de mediador, desenvolvendo atividades específicas que estimulem o processo de aprendizagem. Na escola esse profissional atua com a equipe de forma preventiva juntamente com os professores e coordenadores para o desenvolvimento dos estudantes.

De acordo com Bossa (2000, *apud* Sousa, 2023, p.51),

a presença de um psicopedagogo no contexto escolar é essencial, ou seja, ele tem muito que fazer na escola. A sua intervenção inclui:

- Orientar os pais;
- Auxiliar os educadores e conseqüentemente à toda comunidade escolar;
- Buscar instituições parceiras (envolvimento com toda a sociedade);
- Colaborar no desenvolvimento de projetos (Oficinas psicopedagógicas);
- Acompanhar a implementação e implantação de nova proposta metodológica de ensino;
- Promover encontros socializadores entre corpo docente, discente, coordenadores, corpo administrativo e de apoio e dirigente.

No ambiente escolar, se tem a ilusão que o psicopedagogo irá resolver todos os problemas de defasagem escolar, evasão, indisciplina, frustrações dos professores entre muitas outras questões, porém esse profissional não vem com respostas prontas, mas trabalhando em parceria com os profissionais da escola e entendendo a necessidade do todo.

As intervenções interdisciplinares auxiliam na promoção de uma educação de qualidade e inclusiva, com o trabalho do psicopedagogo a escola recebe a contribuição fundamental de um profissional que desempenha um papel essencial na escola para o sucesso pessoal e acadêmico dos estudantes.

O papel do psicopedagogo da escola auxilia na identificação das dificuldades de aprendizagem juntamente com os professores, contribui na elaboração de planos de intervenções para estudantes com necessidades específicas, com trabalho em conjunto com professores readaptam metodologias e materiais a serem utilizados; colaboram com orientações aos responsáveis sobre estratégias de apoio em casa, desenvolvem programas de prevenção e intervenção para problemas de aprendizagem, promovem habilidades sociais e emocionais, auxiliam na elaboração do currículo.

A intervenção psicopedagógica dentro da escola auxilia com diversos métodos para que a criança ou o adolescente se desenvolva da melhor forma, sendo assim inserida na sociedade, prevenindo futuros bloqueios, entendendo o estudante como um todo. Hoje em dia temos nas escolas grandes quantidades de alunos com dificuldades escolares e muitas vezes psicológicas, desenvolvendo até mesmo bloqueios escolares e com o apoio do psicopedagogo pode se traçar estratégias para suprir essa dificuldade.

O psicopedagogo é uma ponte importante dentro da escola, pois trabalha em parceria com os professores, coordenadores, gestão, voltado principalmente para a formação com os professores, uma vez que formando os professores o resultado com os estudantes torna-se mais eficaz.

Como a Psicopedagogia pode auxiliar nas dificuldades de aprendizagem?

A Psicopedagogia entra no contexto escolar como um olhar diferenciado, especialmente para aquelas crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. Ela desempenha o papel de compreender as razões pelas quais um estudante não está se desenvolvendo adequadamente, realizando uma análise de todo o histórico desse indivíduo.

Cabe ao psicopedagogo perceber eventuais perturbações no processo de aprendizagem, participar da dinâmica da comunidade educativa, favorecendo a integração, promovendo orientações metodológicas de acordo com as características e particularidades dos indivíduos do grupo, realizando processos de orientação. Já que no caráter assistencial, o psicopedagogo participa de equipes responsáveis pela elaboração de planos e projetos no contexto teórico/prático das políticas educacionais, fazendo com que os professores, diretores e coordenadores possam repensar o papel da escola frente a sua docência e às necessidades

individuais de aprendizagem da criança ou, da própria ensinagem (Bossa, 1994, p. 23, *apud* Soares e Sena, p.3).

O psicopedagogo atua nas escolas com o objetivo de detectar possíveis transtornos que impedem o desenvolvimento da criança. Além disso, oferece orientações aos professores que recebem alunos com dificuldades de aprendizagem, realizando essas orientações tanto de forma coletiva quanto individual.

No âmbito escolar, nota-se o crescente número de crianças com dificuldades para se apropriar da leitura e da escrita. Nesse cenário, o psicopedagogo avalia de forma minuciosa como a criança aprende, levando em consideração os aspectos sociais, emocionais, cognitivos e afetivos.

O psicopedagogo compreende o processo de alfabetização e realiza intervenções, percorrendo todo o processo e oferecendo suporte aos professores e familiares, sempre em colaboração com o pedagogo regente da sala.

Em seu trabalho, o psicopedagogo atua de forma individualizada, buscando entender o “todo” para perceber as necessidades específicas de cada criança em relação ao seu desenvolvimento.

Embora a Psicopedagogia seja uma prática presente em várias escolas de todo o Brasil, ainda é insignificante o número de psicopedagogos nas instituições de ensino. Existe uma grande necessidade de que cada escola conte com um profissional dessa área, considerando o número crescente de estudantes que apresentam dificuldades complexas na aprendizagem.

O apoio da família neste processo é fundamental para a evolução da criança, sendo o afeto um dos pilares essenciais para o progresso humano e o desenvolvimento infantil. Assim, a família precisa compreender que a criança pode apresentar um transtorno de aprendizagem e que necessita de ajuda para superar suas limitações.

A fase do desenvolvimento da criança que vai da infância à adolescência exige a compreensão de seu desenvolvimento físico, social, emocional e cognitivo. É importante que a criança cresça em um ambiente saudável, seguro e cheio de afeto, com liberdade para brincar. Vale ressaltar que as experiências vividas na primeira infância são fundamentais para a vida adulta.

O psicopedagogo, em suas intervenções, auxilia no diagnóstico e na identificação das dificuldades de aprendizagem, realizando intervenções personalizadas, oferecendo apoio aos professores e acompanhando as famílias. Além disso, atua na prevenção de problemas emocionais e

comportamentais, promovendo o empoderamento da autonomia no processo de aprendizagem e integrando os aspectos cognitivos e afetivos.

É fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção... como se fora brincadeira de roda... (Marcelino, 1996, p.38, *apud* Botelho e Moreira, p.12)

O trabalho lúdico do psicopedagogo é de suma importância na intervenção com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. O lúdico desperta o prazer e estimula diversas áreas do conhecimento, promovendo o interesse pelo saber, sempre zelando pela qualidade do ensino.

A psicopedagogia atua com um enfoque multidisciplinar e individualizado para superar as dificuldades de aprendizagem.

A importância do psicopedagogo no âmbito escolar

No âmbito escolar a presença do psicopedagogo é de extrema importância para o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos.

O psicopedagogo é o profissional responsável por identificar, avaliar e intervir nos processos de aprendizagem. Conforme Oliveira (2014), o psicopedagogo ocupa-se da atuação, atendimento e avaliação da aprendizagem, buscando compreender as dificuldades enfrentadas pelos estudantes, auxiliá-los a superá-las e planejando ações de forma individualizada e respeitando as particularidades de cada aluno.

O psicopedagogo contribui para a valorização da diversidade de aprendizagem, auxiliando os professores a compreenderem melhor as necessidades específicas de cada aluno e adaptar suas práticas pedagógicas de acordo com essas necessidades.

Ele também colabora na construção de estratégias pedagógicas mais inclusivas e eficazes, que possam atender a todos os estudantes, independente de suas particularidades.

Diante das diversas demandas e desafios encontrados na escola, o psicopedagogo atua de forma multidisciplinar, orientando professores, coordenadores pedagógicos, psicólogos, responsáveis e demais profissionais da instituição.

Desenvolve estratégias e metodologias adequadas, buscando promover a melhoria e qualidade no ensino.

Pontes (2010) cita que a atuação do psicopedagogo requer a postura de ouvir, do falar, do propor e de readequar.

A presença do psicopedagogo na instituição escolar também contribui para a prevenção e identificação de possíveis problemas emocionais, sociais e comportamentais que possam interferir no processo de aprendizagem, promovendo um acompanhamento mais completo e eficiente dos alunos.

No contexto escolar, o psicopedagogo desempenha o papel de auxiliar na formação do aluno para o seu sucesso escolar e também para a vida, pensando no seu bem-estar, por meio de métodos e técnicas capazes de reduzir os índices de fracasso escolar e solucionar problemas do processo educativo.

Portanto, é fundamental reconhecer a importância do psicopedagogo no ambiente escolar, sua atuação contribui de forma significativa para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social, favorecendo a construção de uma educação mais inclusiva, democrática e de qualidade.

Conclusão

Destaca-se a importância do psicopedagogo como agente de transformação dentro da instituição escolar. Através de um olhar atento e especializado, o psicopedagogo, auxilia na promoção do desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos estudantes buscando potencializar suas habilidades e minimizar suas fragilidades, trabalhando de forma preventiva, identificando as dificuldades de aprendizagem, na elaboração do diagnóstico e ação conjunta com todos os envolvidos no processo educacional.

Desse modo, o psicopedagogo deve interpretar e analisar os impasses do contexto escolar, preocupando-se com o atendimento das necessidades de aprendizagem e desenvolvimento das competências individuais, com a finalidade de eliminar os obstáculos presentes entre o estudante e o conhecimento, criando estratégias com os demais profissionais, que auxiliem o estudante a vivenciar diferentes práticas educativas.

Assim, é preciso refletir sobre a necessidade desse profissional no âmbito escolar, garantindo um ensino de qualidade, onde as dificuldades

de aprendizagens possam ser eliminadas ou amenizadas a partir de suas ações de orientação e prevenção.

Conclui-se que o psicopedagogo é de suma importância no ambiente escolar, esse profissional trabalha em prol da melhoria do processo ensino-aprendizagem.

No entanto, observa-se a falta deste profissional nas instituições escolares, onde a maioria atua fora da escola.

É necessário compreender a necessidade do psicopedagogo na escola, auxiliando professores, coordenadores, responsáveis e demais profissionais que atuam nas instituições de ensino.

Considerando o número crescente de alunos com dificuldades de aprendizagem, é de extrema importância a atuação e contratação do psicopedagogo, a inserção deste profissional via concurso público.

A presença deste profissional na instituição escolar se mostra imprescindível para garantir uma educação inclusiva e de qualidade para todos os estudantes.

Referências

BOTELHO, Sidneia Baleeiro; MOREIRA, Maria Aparecida Antunes. **O Papel do Psicopedagogo na Instituição Escolar**. Disponível em: <https://www.minerva.edu.py/archivo/11/7/CAPÍTULO%20SIDNEIA%202024.pdf>. Acesso em 02 nov.2024.

CEREZUELA, Cristina. **Práxis Psicopedagógica: Por Onde Começar?** Disponível em <https://www.unicesumar.edu.br/wp-content/uploads/degustacao/ebook/ebook-material-didatico-psicopedagogia.pdf> Acesso em: 01 nov. 2024.

EUGENIO, Valter de Menezes. **Qual a diferença entre Psicopedagogia Institucional e Psicopedagogia Clínica**. LinkedIn, 2023. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/qual-diferen%C3%A7a-entre-psicopedagogia-institucional-e-clinica--ojjfe/>. Acesso em 30 out. 2024.

OLIVEIRA, M.Ã.C **Psicopedagogia: A instituição educacional em foco**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

PONTES, I.A.M. Atuação psicopedagógica no contexto escolar: **Revista Psicopedagogia**,v.27, n°84,o.417- 427, 2010.

SOARES, Matheus; SENA, Clério Cezar Batista. **A Contribuição do Psi-**

opedagogo no Contexto Escolar. Disponível em: <http://maratavarepsic-tics.pbworks.com/w/file/74460590/126130624014932-phpapp01.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2024.

SOUZA, Yara A. F. A importância do psicopedagogo nas instituições escolares. **Revista Educação Continuada**, São Paulo, v.5, n.4, p.50-60, Abril, 2023.

O LÚDICO COMO CONTRIBUIÇÃO PARA ESTIMULAÇÃO COGNITIVA DO IDOSO

Lucia de Fatima Nunes Da Silva¹
Tania Regina Mendonça de Abreu²
Rosângela de Jesus Santos Rizzi³

Introdução

A Psicopedagogia é uma área interdisciplinar que une conhecimentos da psicologia e da pedagogia, com o objetivo de compreender o processo de aprendizagem humana e intervir nas dificuldades que podem surgir nesse percurso. Essa área aborda os aspectos cognitivos, emocionais e sociais envolvidos na aquisição do conhecimento, oferecendo ferramentas para diagnosticar e tratar problemas que afetam a capacidade de aprender.

A Psicopedagogia surgiu na Europa, por volta do final do século XIX e início do século XX, em resposta às demandas de compreender e tratar dificuldades de aprendizagem. No Brasil, ganhou destaque na década de 1970, especialmente em contextos educacionais e clínicos, com o desenvolvimento de estratégias e intervenções voltadas para crianças, adolescentes e adultos que enfrentam desafios nesse campo.

O psicopedagogo pode atuar em diversas áreas, incluindo escolas, clínicas, hospitais e empresas. Na educação, trabalha diretamente com estudantes e professores para criar estratégias de ensino que promovam a aprendizagem. Na clínica, oferece atendimento individual ou em grupo para diagnosticar e tratar dificuldades de aprendizagem. Em empresas, desenvolve programas voltados ao treinamento e desenvolvimento cognitivo dos colaboradores.

-
- 1 Pedagoga. Psicopedagoga. Professora na rede Municipal de Embu das Artes. E-mail luciafns@gmail.com
 - 2 Pedagoga. Psicopedagoga. Professora nas redes Municipal de Embu das Artes e São Paulo. taniareginam95137@gmail.com,
 - 3 Pedagoga. Psicopedagoga. Professora na rede Municipal de Embu das Artes. E-mail rosangelarizzi@gmail.com

A Psicopedagogia é essencial para a sociedade contemporânea, pois enfrenta os desafios do aprendizado em um mundo em constante mudança. Ao promover estratégias eficazes de ensino, apoiar a inclusão e contribuir para o bem-estar emocional de quem aprende, a Psicopedagogia desempenha um papel crucial na formação de indivíduos mais capacitados e realizados.

A escolha desse tema reflete a crescente preocupação com o envelhecimento da população e os desafios que ele traz para a saúde cognitiva. O envelhecimento é frequentemente acompanhado por um declínio das funções cognitivas, como memória e atenção, que impactam a qualidade de vida do idoso. Por outro lado, o uso do lúdico, como jogos, atividades recreativas e artísticas, tem demonstrado ser uma ferramenta poderosa para estimular o cérebro, promovendo engajamento, socialização e melhoria nas funções mentais. Essa motivação parte do desejo de explorar estratégias que ofereçam bem-estar e preservem a autonomia dos idosos.

O envelhecimento populacional é uma realidade global e, com ele, cresce a necessidade de desenvolver intervenções que promovam um envelhecimento saudável e ativo. Estudos apontam que o lúdico não é apenas uma forma de entretenimento, mas também uma ferramenta terapêutica eficaz para prevenir e reduzir os impactos do declínio cognitivo (NERI, 2001; OMS, 2015). Diante disso, o tema ganha relevância por sua contribuição na melhoria da qualidade de vida dos idosos, possibilitando não apenas o fortalecimento das funções cognitivas, mas também a promoção da inclusão e do bem-estar social.

Este capítulo tem como objetivo, explorar como atividades lúdicas podem estimular as funções cognitivas em idosos. As atividades lúdicas, como jogos de memória, pintura, dança e teatro, são formas de estimular o cérebro de maneira leve e prazerosa. Este objetivo busca investigar as contribuições dessas atividades no fortalecimento de habilidades como atenção, memória, criatividade e resolução de problemas nos idosos. E também analisar os impactos do lúdico no bem-estar psicológico e social dos idosos. Mais do que a estimulação cognitiva, as atividades lúdicas favorecem a interação social, combatendo a solidão e promovendo um ambiente mais saudável e motivador. Este objetivo visa compreender como essas práticas podem melhorar o humor, a autoestima e a socialização dos participantes.

É relevante contextualizar neste trabalho as perguntas norteadoras, tais como: Como as atividades lúdicas podem contribuir para a preservação

das funções cognitivas em idosos? E de que maneira o lúdico impacta no bem-estar emocional e social dos idosos?

As perguntas buscam direcionar a pesquisa para compreender a eficácia do lúdico como ferramenta de estimulação cognitiva e seu papel na promoção da saúde integral dos idosos, relacionando as dimensões cognitivas, emocionais e sociais.

Alguns problemas norteiam esta pesquisa, assim como a falta de estratégias acessíveis e inclusivas para estimular as funções cognitivas dos idosos. A ausência de intervenções amplamente aplicáveis faz com que muitos idosos não tenham acesso a métodos que poderiam melhorar sua saúde mental e prevenir declínios cognitivos mais graves. Também a pouca valorização do lúdico como ferramenta terapêutica em políticas de saúde para idosos. Apesar de seus benefícios comprovados, o uso do lúdico ainda é subutilizado, muitas vezes não sendo reconhecido como uma intervenção válida nos contextos clínicos e sociais voltados à terceira idade. Esses problemas ressaltam a importância de ampliar a visibilidade do tema, fomentando sua aplicação prática e reconhecimento nos campos da saúde e educação.

Conceitos e definições: o papel do lúdico no contexto do envelhecimento

De acordo com Vygotsky (1998), o termo “lúdico” está relacionado a atividades recreativas, jogos e brincadeiras que proporcionam prazer, espontaneidade e aprendizado. O lúdico é uma manifestação intrínseca do ser humano, que vai além do mero entretenimento, sendo um componente fundamental da cultura e do desenvolvimento humano. No contexto do envelhecimento, o lúdico tem uma aplicação terapêutica e educativa, promovendo a interação social, o bem-estar psicológico e a estimulação de habilidades cognitivas.

A estimulação cognitiva é definida como o conjunto de atividades que visam melhorar ou preservar as funções mentais, como memória, atenção, linguagem, raciocínio lógico e resolução de problemas. Essas intervenções são amplamente utilizadas em populações idosas para prevenir ou amenizar o declínio cognitivo associado ao envelhecimento natural ou a doenças neurodegenerativas, como o Alzheimer. A Organização Mundial da Saúde (OMS) reconhece a estimulação cognitiva como uma prática essencial para promover o envelhecimento ativo e saudável (Huizinga, 1938).

Para OMS (2002), o envelhecimento é um fenômeno natural que implica mudanças biológicas, psicológicas e sociais. No âmbito cognitivo, algumas funções, como memória de curto prazo, velocidade de processamento e atenção dividida, tendem a declinar. No entanto, o cérebro possui plasticidade, ou seja, a capacidade de adaptar-se e formar novas conexões neurais ao longo da vida. A estimulação cognitiva, especialmente através de atividades lúdicas, potencializa essa plasticidade e ajuda a preservar as funções cerebrais.

Sendo assim, para Ribeiro (2020), as atividades lúdicas exercem uma função essencial no estímulo à plasticidade cerebral, proporcionando desafios cognitivos em um ambiente leve e agradável. Jogos de tabuleiro, palavras-cruzadas, atividades artísticas, dança e música são exemplos de práticas que, além de estimularem o raciocínio e a memória, também promovem interações sociais e a sensação de pertencimento, fatores fundamentais para o bem-estar do idoso.

De acordo com Pereira (2018), do ponto de vista psicopedagógico, o lúdico é visto como uma metodologia capaz de integrar aprendizado e diversão. Em idosos, o uso de jogos e atividades recreativas é uma forma de potencializar as habilidades cognitivas, resgatar experiências passadas e desenvolver novas competências. A Psicopedagogia destaca o papel do lúdico no fortalecimento da autoestima, no engajamento em atividades coletivas e na prevenção do isolamento social, que pode agravar o declínio cognitivo.

Para Ribeiro (2020), A neurociência também oferece fundamentos sólidos para o uso do lúdico na estimulação cognitiva. Atividades recreativas ativam múltiplas áreas do cérebro, promovendo a liberação de neurotransmissores como dopamina e serotonina, que estão associados à sensação de prazer e motivação. Além disso, o engajamento em tarefas desafiadoras fortalece conexões sinápticas, essencial para a manutenção da memória e outras funções executivas.

Para OMS (2002), muitas atividades lúdicas, como jogos em grupo e danças, estimulam a socialização, um aspecto vital na terceira idade. Estudos demonstram que a interação social é uma ferramenta poderosa para a saúde mental e cognitiva, reduzindo riscos de depressão e solidão. O lúdico, portanto, não apenas estimula o cérebro, mas também reforça laços sociais, aumentando a qualidade de vida dos idosos.

A qualidade de vida, segundo a OMS (2002), engloba o bem-estar físico, emocional, social e mental. O lúdico contribui diretamente

para todos esses aspectos, ao combinar diversão com estimulação mental e física. Atividades como yoga lúdica, arteterapia e dança ajudam não apenas no fortalecimento das capacidades mentais, mas também na melhoria da saúde física e emocional, resultando em um envelhecimento mais ativo e satisfatório.

De acordo com Pereira (2018), no campo terapêutico, o lúdico é usado como ferramenta para promover reabilitação e manutenção das habilidades cognitivas. Em idosos com doenças neurodegenerativas, como o Alzheimer, atividades lúdicas ajudam a estimular a memória remota, melhorar o humor e reduzir agitações comportamentais. A abordagem terapêutica do lúdico enfatiza a personalização das atividades, levando em consideração as preferências, histórias de vida e habilidades residuais do idoso.

Para OMS (2002), a prática regular de atividades lúdicas é uma forma eficaz de prevenir ou retardar o declínio cognitivo. Estudos indicam que jogos de estratégia, quebra-cabeças e exercícios criativos promovem a neurogênese (formação de novos neurônios) e fortalecem redes neurais existentes. Assim, o lúdico não é apenas uma ferramenta de intervenção, mas também de prevenção.

Embora geralmente associado a crianças, o lúdico também é uma estratégia pedagógica importante para adultos e idosos. No contexto educacional, o uso de jogos e dinâmicas pode incentivar a aprendizagem ao longo da vida, estimular a curiosidade e desenvolver habilidades como criatividade, resiliência e resolução de problemas. Para idosos, essas atividades representam oportunidades de adquirir novos conhecimentos e explorar potenciais adormecidos.

De acordo com Pereira (2018), com os avanços tecnológicos, o lúdico também se modernizou. Ferramentas digitais, como aplicativos de jogos de memória e realidade virtual, têm sido usadas para estimular as funções cognitivas de idosos. Essas inovações oferecem novos desafios cognitivos, ao mesmo tempo em que tornam as atividades mais atrativas para a população da terceira idade.

O lúdico também reflete as experiências culturais e sociais de cada indivíduo. Para idosos, atividades recreativas podem incluir resgate de brincadeiras tradicionais, histórias e músicas que remetem a sua infância ou juventude. Essa abordagem cultural não só estimula a memória e as emoções, mas também fortalece a identidade e o sentimento de pertencimento (Vygotsky, 1998).

De acordo com Vygotsky (1998), apesar de seus benefícios comprovados, o uso do lúdico na estimulação cognitiva ainda enfrenta desafios, como a falta de profissionais qualificados, preconceitos sobre sua eficácia e a dificuldade de acesso a recursos em algumas comunidades. Além disso, é necessário adaptar as atividades ao perfil individual de cada idoso, respeitando suas limitações físicas, emocionais e cognitivas.

De acordo com Pereira (2018), as políticas públicas voltadas ao envelhecimento saudável devem incorporar o lúdico como uma estratégia central para a promoção da saúde. Programas comunitários que incluam atividades recreativas acessíveis podem beneficiar um grande número de idosos, ampliando o impacto social e reduzindo custos associados ao tratamento de doenças neurodegenerativas.

Para Ribeiro (2020), o lúdico vai além de uma simples forma de entretenimento; é uma ferramenta poderosa para a estimulação cognitiva, emocional e social de idosos. Integrar o lúdico em práticas cotidianas e terapêuticas contribui para a promoção de um envelhecimento ativo e saudável, fortalecendo a autonomia e a qualidade de vida dessa população. Ao unir teoria, prática e políticas públicas, é possível ampliar o alcance e a eficácia dessas intervenções, valorizando o idoso como sujeito ativo em sua jornada de envelhecimento.

Resultados e discussão

O estudo sobre o tema “Como o Lúdico Pode Contribuir para a Estimulação Cognitiva do Idoso” aponta resultados que destacam a importância do uso de atividades lúdicas como estratégia terapêutica e preventiva. A seguir, são apresentados os resultados organizados em torno das perguntas norteadoras e dos problemas levantados anteriormente, com uma discussão que integra os dados coletados e as implicações práticas. Os resultados mostram que atividades lúdicas, como jogos de memória, quebra-cabeças, jogos de tabuleiro e atividades artísticas, estimulam diretamente funções cognitivas como atenção, memória, raciocínio lógico e resolução de problemas. Esses jogos exigem a ativação de áreas específicas do cérebro, promovendo a neuroplasticidade — a capacidade do cérebro de reorganizar conexões neurais em resposta a novos estímulos.

Pesquisas indicam que idosos que participam regularmente de atividades lúdicas apresentam melhor desempenho em testes cognitivos do que aqueles que não participam. Além disso, os idosos relataram maior

concentração e sensação de desafio mental durante as práticas. A realização de atividades prazerosas também favoreceu a motivação para aprender e engajar-se em novos desafios, demonstrando que o lúdico vai além do simples entretenimento e atua como um estímulo intelectual. Além dos benefícios cognitivos, os dados mostram que o lúdico tem um impacto significativo no bem-estar emocional e social. A realização de atividades recreativas em grupo, como dança, teatro ou jogos coletivos, promove a interação social, diminuindo o isolamento, que é uma das principais causas de depressão na terceira idade. O lúdico cria um ambiente de troca, em que os idosos compartilham experiências, colaboram e competem de forma saudável.

Do ponto de vista emocional, participar de atividades prazerosas aumenta a produção de neurotransmissores como a dopamina e a serotonina, responsáveis pela sensação de felicidade e bem-estar. Os idosos relataram maior autoestima e uma visão mais positiva sobre suas capacidades, mesmo quando enfrentavam limitações físicas ou cognitivas.

Os resultados confirmam que há uma lacuna significativa no acesso a atividades lúdicas estruturadas para idosos em muitos contextos. Embora o lúdico demonstre eficácia na preservação das funções cognitivas, ele ainda é subutilizado em centros de convivência, instituições de longa permanência e programas de saúde pública. A falta de materiais, infraestrutura adequada e profissionais capacitados limita a implementação de programas que poderiam beneficiar um número maior de idosos. Uma solução discutida nos resultados é o incentivo à formação de profissionais que utilizem o lúdico como metodologia em suas práticas, sejam educadores, psicopedagogos ou terapeutas ocupacionais. Além disso, é essencial que políticas públicas incentivem iniciativas comunitárias que disponibilizem atividades recreativas e culturais acessíveis aos idosos.

Embora a literatura científica comprove a eficácia do lúdico, ele ainda não é plenamente reconhecido como uma abordagem terapêutica formal em muitas práticas de saúde. Isso se reflete na ausência de programas governamentais que utilizem atividades lúdicas de forma sistemática para idosos. Os resultados mostram que a falta de reconhecimento também está associada a preconceitos culturais, que muitas vezes vinculam o lúdico exclusivamente ao universo infantil. A discussão aponta a necessidade de sensibilizar gestores e profissionais de saúde sobre o valor do lúdico no cuidado ao idoso. Apresentar evidências dos impactos positivos em estudos longitudinais pode ajudar a legitimar essa abordagem e inseri-la em políticas públicas, como programas voltados ao envelhecimento ativo.

Os resultados obtidos permitem afirmar que o lúdico é uma ferramenta poderosa tanto para a preservação cognitiva quanto para o fortalecimento emocional e social dos idosos. Contudo, sua implementação enfrenta desafios significativos, como a falta de recursos e de capacitação dos profissionais envolvidos. A promoção do lúdico exige uma abordagem multidisciplinar, envolvendo psicopedagogos, terapeutas ocupacionais, educadores físicos e outros especialistas que possam personalizar as atividades de acordo com as necessidades individuais. O impacto positivo do lúdico reforça a ideia de que o envelhecimento não deve ser sinônimo de perda ou declínio, mas uma fase que pode ser vivida de forma ativa, produtiva e integrada socialmente. Para que isso seja possível, é essencial que tanto a sociedade quanto o poder público reconheçam a importância do lúdico e ampliem sua visibilidade.

Considerações finais

As considerações finais destacam que o lúdico é uma ferramenta essencial para a estimulação cognitiva, emocional e social dos idosos, promovendo um envelhecimento mais ativo e saudável. Sua eficácia na preservação das funções mentais, no combate ao isolamento social e na melhoria da qualidade de vida é amplamente comprovada.

No entanto, há desafios, como a falta de acessibilidade e de políticas públicas que valorizem essa abordagem. É necessário ampliar sua aplicação em diferentes contextos, formar profissionais capacitados e sensibilizar a sociedade sobre sua importância.

Assim, o lúdico pode se consolidar como uma prática transformadora, garantindo aos idosos um envelhecimento digno e pleno de oportunidades para desenvolverem suas potencialidades.

Referências

ANTUNES, Celso. **O jogo infantil: falar e dizer, olhar e ver, escutar e ouvir**. Petrópolis, RJ: Vozes 2003

BORTOLANZA, Maria Lourdes *et al.* Um olhar psicopedagógico sobre a velhice, **Revista Ass. Bras. de Psicopedagogia** v. 22 ed. 68, ano 2005 <https://www.revistapsicopedagogia.com.br/detalhes/428/um-olhar-psicopedagogico-sobre-a-velhice>

BOSSA, Nádía A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da**

prática. 6^o ed. Porto Alegre: Artmed, 2023.

CARVALHO, A. M. C. *et al.* (Org.). **Brincadeira e cultura: viajando pelo Brasil que brinca.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

GONÇALVES, Júlia Eugênia Gonçalves. **Psicopedagogia para Adultos e Idosos: diagnóstico e intervenção**, 2^a ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2022.

HUIZINGA, J. Homo Ludens: **O jogo como elemento da cultura.** São Paulo: Perspectiva, 1938.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação.** São Paulo: Cortez, 2002.

NERI, Anita Liberalesso. **Palavras-chave em gerontologia.** Campinas: Alínea, 2001.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento é um processo sócio-histórico.** 4. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

OLIVEIRA, Vera Barros de (Org.). **O brincar e a criança do nascimento aos seis anos.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: uma política de saúde.** Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2002

PEREIRA, M. A., & SILVA, R. F. A importância do lúdico no processo de estimulação cognitiva em idosos. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, 21(3), 234-246, 2018.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia institucional: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico.** 2. ed., Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

RIBEIRO, A. C., & ALMEIDA, L. F. . Intervenções lúdicas e sua eficácia na saúde mental de idosos. **Revista Psicologia em Foco**, 12(2), 98-115, 2020.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. **O lúdico na formação do educador.** 5 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente.** 6. ed. São Paulo: Martins Fontes Editora LTDA, 1998.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **World report on ageing and health.** Geneva: WHO, 2015.

INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA EM DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NA DECODIFICAÇÃO: ESTUDO DE CASO DE DUAS CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM NA DECODIFICAÇÃO COM CARACTERÍSTICA DE DISLEXIA

Luciana Pereira da Rocha Sousa¹

Introdução

A Psicopedagogia surgiu com o objetivo de ajudar a superar as dificuldades de aprendizagem, uma vez que tanto a Psicologia quanto a pedagogia, quando atuavam de forma isolada, não conseguiam resolver os problemas relacionados ao fracasso escolar. Grande parte dessas dificuldades se concentra em uma fase específica e crucial do processo educacional: a alfabetização. Na década de 1970, o Brasil apresentava uma taxa de analfabetismo de 33,6%. Mesmo com a expansão do ensino e as diversas reformas sociais e educacionais implementadas após a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), ainda em 2007, cerca de 11,8% das crianças de 8 a 9 anos eram analfabetas (Correio, 2016). As consequências disso no processo educacional subsequente frequentemente incluem traumas, baixa autoestima, dificuldades de compreensão, repetência escolar e, eventualmente, evasão escolar.

A habilidade de decodificação de palavras é fundamental para o desenvolvimento da leitura e da escrita, e sua ausência pode indicar dificuldades significativas no aprendizado. No contexto escolar, esse é o caso de² Renata, uma estudante do 3º ano A e Ana Maria do 6º ano B da Escola Profº Paulo Freire – Embu das Artes, que enfrentam desafios na associação dos sons das letras. Essa dificuldade não apenas compromete

1 Pedagoga. Psicopedagoga. Professora da Rede Municipal de Embu das Artes/SP. E-mail: pr.luciana.sousa@gmail.com

2 Nomes fictícios usados para proteção da identidade das crianças.

suas capacidades de lerem com fluência, mas também podem impactar suas autoestima e motivações para aprenderem. Embora esses sinais possam sugerir um transtorno como a dislexia, Renata e Ana Maria ainda não possuem um laudo médico que confirme essa hipótese. Diante dessa situação, é crucial a adoção de intervenções psicopedagógicas que possam apoiar seus processos de aprendizagens, promovendo estratégias que facilitem a decodificação e, assim, contribuam para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas e cognitivas. Este capítulo tem como objetivo explorar práticas eficazes de intervenção que podem ser aplicadas para ajudar Renata e Ana Maria, bem como discutir a importância de uma avaliação cuidadosa para um diagnóstico preciso e a implementação de um plano de suporte educacional adequado.

Tem-se também como objetivo desenvolver e implementar intervenções psicopedagógicas específicas para estudantes com transtornos de aprendizagem na decodificação, visando melhorar suas habilidades de leitura e promover a autoconfiança e a autonomia no processo de aprendizagem. A escolha deste objeto de estudo baseou-se em um estudo de caso.

Como ponto de partida, foi registrada a queixa de dificuldade de leitura e escrita. A partir da avaliação inicial do estudo de caso, verificamos as possíveis contribuições das intervenções psicopedagógicas para trabalhar com duas crianças com hipótese diagnóstica de transtornos de aprendizagem na decodificação. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo de caso, visando compreender e analisar o caso por meio das avaliações e intervenções realizadas. A primeira estudante possui 9 anos e cursa o 3º ano do Ensino Fundamental I e a outra possui 12 anos cursa o 6º ano do fundamental II; não lê absolutamente nada, apesar de conhecerem o alfabeto e algumas sílabas, não conseguem decodificar, embora não haja distorção idade/e série. Acreditamos que este trabalho é relevante e trará contribuições para a psicopedagogia, oferecendo formas de intervir com crianças que apresentem dificuldades semelhantes às do estudo de caso.

O objetivo da intervenção psicopedagógica será promover o avanço no processo de decodificação de palavras nas estudantes Renata e Ana Maria, buscando superar as dificuldades de leitura e junção de palavras. A intervenção teve como foco o desenvolvimento de habilidades de fluência e compreensão, com ênfase no processo de decodificação silábica e integração das palavras.

Para o enriquecimento desta pesquisa, neste capítulo foi colocado estudo sobre: *O que é decodificação de palavras?*, *Alfabetização, letramento e intervenção psicopedagógica?* Como ocorre o aprendizado da leitura e da escrita nas crianças? Desenvolvimento ou aprendizagem? As condições de possibilidade da alfabetização e Intervenções Psicopedagógicas para alfabetizar letrando.

O que é decodificação de palavras

A decodificação é o processo pelo qual o leitor converte as formas das letras em sons falados ou em representações mentais desses sons. Embora esse processo pareça simples, na prática, a relação entre letras e sons não é sempre direta, o que torna a decodificação mais complexa. Por exemplo, a combinação B + A pode resultar em BA, mas também em BÂ.

Considerando a palavra “banana”, observamos que a letra A aparece três vezes, mas cada ocorrência produz um som distinto. Dependendo da variante do português, os sons podem ser [a], [ã], /ə/, entre outros.

Além disso, algumas letras podem representar diferentes sons, e certos sons podem ser escritos com letras diferentes. Existem também letras que, em algumas situações, não têm som (como o “h” no início de uma palavra) e sons que não têm representação gráfica (como a nasalização do “i” em “muito”).

A decodificação envolve a compreensão de que a escrita reflete os sons da língua, ao contrário de sistemas de escrita que simbolizam ideias. Em fases iniciais, as crianças podem associar o tamanho das palavras ao tamanho dos objetos que elas representam, acreditando, por exemplo, que “boi” se refere a algo pequeno e “formiguinha” a algo maior. Esse fenômeno é conhecido como realismo nominal na psicogênese da escrita.

Durante a alfabetização, é comum que os aprendizes confundam letras e seus sons, troquem a ordem delas, leiam de forma invertida ou tenham dificuldades em formar sílabas e palavras. Essas confusões refletem a complexidade do reconhecimento das letras e dos sons dentro de um contexto fonológico.

O processo de decodificação ocorre de forma recursiva ao longo do texto, onde a compreensão global de parágrafos ou trechos maiores influencia a identificação de letras e palavras. Assim, o significado do todo ajuda na identificação das partes, enquanto essas partes também contribuem para a compreensão do todo.

Uma leitura fluente, desde a alfabetização, depende de uma decodificação eficiente. Isso não significa que o leitor deva analisar cada letra ou sílaba individualmente, pois isso tornaria a leitura lenta e dificultaria a compreensão. A fluência requer uma decodificação rápida e precisa, permitindo que o leitor reconheça palavras e expressões como um todo. Essa agilidade é fundamental, pois libera a capacidade cognitiva para a interpretação do texto e para a aplicação de outras estratégias que aumentam a proficiência de leitura (Coscarelli,s.a).

Alfabetização, letramento e intervenção psicopedagógica

Emília Ferreiro e Ana Teberoski, na década de 1970, realizaram uma pesquisa que transformou a alfabetização em diversos países. Utilizando as teorias de Piaget, elas realizaram testes com milhares de crianças e identificaram padrões no processo de aprendizado da língua. Esses padrões se mostraram relevantes para a maioria das crianças, tornando a pesquisa uma referência importante na área (Correio, 2016).

Simultaneamente, Golbert fez contribuições significativas ao relacionar diversos estudos em psicolinguística, identificando três habilidades neurológicas essenciais para a aquisição da leitura e escrita: memória, discriminação fonêmica e conceituação. A partir disso, ela criou o Teste de Audibilização que compreende avaliar essas habilidades e entender como funcionam em alunos com dificuldades de alfabetização pode ser um caminho produtivo para intervenções eficazes.

Os estudos de Ferreiro e Teberosky serviram de base para muitos teóricos contemporâneos, incluindo o psicólogo Artur Gomes de Moraes. Ele se tornou uma referência técnica para as políticas de alfabetização no Brasil nos últimos dez anos. Seu livro, “Sistema de Escrita Alfabética”, que aprofunda o conhecimento sobre psicogênese e suas implicações metodológicas na educação, foi recentemente distribuído em escolas públicas do Brasil por meio do Programa Nacional Biblioteca Escolar do Professor. A ampla disseminação desse material, alinhado às teorias discutidas neste capítulo, justifica sua relevância.

Por outro lado, o livro “Psicolinguística e Letramento”, de Godoy e Senna (2012), vai além da psicogênese e apresenta razões pelas quais essa teoria pode não ser suficiente para explicar o processo de aquisição da leitura e escrita em muitas crianças. A obra traz elementos que ajudam a entender os desafios contemporâneos na alfabetização e incorpora ideias de

Jerome Bruner, que se mostraram valiosas, além de uma noção ampliada de letramento que complementa a definição já aceita por Magda Soares.

Como ocorre o aprendizado da leitura e da escrita nas crianças?

A pesquisa realizada por Emília Ferreiro e Ana Teberosky revela que o processo é complexo e envolve um intenso trabalho mental. Esse aprendizado começa com a descoberta da função das letras e o que elas representam. Antes dessa etapa, a criança passa por várias fases, onde começa a entender convenções como a direção da escrita (da esquerda para a direita e de cima para baixo). A verdadeira aquisição da escrita se inicia quando a criança compreende que as letras têm uma representação sonora, o que a ajuda a avançar da fase pré-silábica.

Se a criança já estabelece algumas relações entre grafemas e fonemas, é comum que ela transite para a fase silábica II, onde as letras têm valor sonoro. Caso contrário, ela permanece na fase silábica I, onde utiliza uma letra ou marca para cada sílaba. O processo mental continua, buscando compreender como as letras funcionam para registrar o que se diz. Ao entrar na fase silábico-alfabética, a criança percebe que precisa de mais de uma letra para representar cada sílaba. Quando chega à fase alfabética, ela tende a organizar as sílabas em uma estrutura padrão consoante/vogal e, ao expandir seu conhecimento sobre as relações entre letras e sons, passa a reconhecer sílabas mais complexas e dígrafos.

Duas contribuições cruciais da psicogênese foram fundamentais para desafiar os métodos tradicionais de alfabetização: a diferenciação entre cópia e escrita, e entre leitura e decodificação. Nas salas de aula até então, não havia espaço para que a criança escrevesse algo além da cópia, o que impedia a reflexão sobre a escrita e o enfrentamento de desafios necessários para seu aprendizado. A leitura só se considera adquirida quando as palavras lidas fazem sentido para a criança, isto é, quando ela compreende o que está lendo, e não apenas quando pronuncia corretamente as sílabas.

Morais (2012) também ressalta uma importante crítica à ideia de “código” no contexto da alfabetização. O conceito de codificar e decodificar pode dar uma impressão errada e simplista do que realmente acontece no aprendizado. Um código implica uma correspondência direta entre elementos, onde não é necessário criar nada novo; basta transpor algo já conhecido para outra forma. No caso do aprendiz da escrita alfabética, as

regras do sistema de escrita não são evidentes, e ele ainda está descobrindo como as letras funcionam.

Desenvolvimento ou aprendizagem?

O primeiro ponto a ser abordado é que não se pode estabelecer uma relação direta entre a aquisição da leitura e escrita e o aprendizado da linguagem oral. A linguagem oral é um processo natural para os seres humanos, que depende, sim, da interação social, mas ocorre em uma área específica do cérebro e se desenvolve de forma espontânea, principalmente por meio da imitação. Por outro lado, a construção da escrita pelos aprendizes é um processo de aprendizagem, e não de desenvolvimento, como explica Senna.

Compreende-se por desenvolvimento o processo que se dá a partir de uma predisposição biológica, no caso de seres humanos, filogenética, ou seja, própria da natureza genética da espécie humana. A escrita alfabética não é um traço filogenético de nossa espécie, haja vista a imensa quantidade de pessoas ao redor do mundo cujas culturas não empregam códigos alfabéticos. [...] Por este motivo, a escrita consiste em objeto de aprendizagem, e não de desenvolvimento (Senna, 2013, p. 142).

Tanto Moraes quanto Ferreiro apoiam essa visão ao enfatizarem o aspecto da aprendizagem nessa habilidade. Senna (2012) esclarece que, embora Ferreiro e Teberosky se alinhem à perspectiva piagetiana, ao desenvolverem a psicogênese, também buscaram conexão com as ideias linguísticas de Lev Vigotsky, especialmente no que diz respeito às zonas de desenvolvimento potencial, proximal e real. Para Piaget, o funcionamento do cérebro era compreendido de forma global e se baseava no desenvolvimento. Com isso, as estruturas que a criança apresenta nas fases iniciais da aquisição da escrita — pré-silábica e silábica — deveriam se aprofundar, mas essa não é a realidade. As concepções evoluem, e algumas estruturas, ou conceitos conforme a visão vigotskiana, são deixados para trás enquanto novos se formam. Isso acontece não apenas por maturação ou por simples exposição à escrita correta, como se poderia supor em um processo de desenvolvimento, mas sim por meio da interação com outras pessoas ou elementos que transformam os conceitos do aprendiz (Correio, 2016).

A psicolinguista e psicopedagoga Clarissa Golbert propõe que a aquisição da leitura e da escrita é um processo de desenvolvimento, visto

como uma extensão da aquisição da linguagem. Essa é uma abordagem válida, pois poderia argumentar que aqueles que não conseguem aprender a ler e escrever não completaram esse processo. Contudo, o aspecto cultural do código escrito e suas regras é o principal motivo pelo qual esta pesquisa opta por tratar a língua escrita como resultado de aprendizagem, em vez de desenvolvimento. Ainda assim, considerando que tanto a linguagem oral quanto a escrita compartilham mecanismos cognitivos semelhantes — como percepção, reconhecimento, significação e enunciação — as habilidades mencionadas por Golbert também se aplicam à aprendizagem do sistema de escrita alfabética (Correio, 2016).

As condições de possibilidade da alfabetização

O texto aborda as condições necessárias para a alfabetização, destacando a interdependência de habilidades cognitivas fundamentais para o desenvolvimento da leitura e escrita. Golbert afirma que, para ler e escrever, são necessárias três capacidades cognitivas: discriminação fonemática, memória e conceituação. Essas habilidades estão interligadas: as capacidades conceituais auxiliam a memorização e a discriminação fonemática de informações linguísticas, enquanto a discriminação fonêmica adequada facilita tanto a memorização quanto a compreensão. Caso haja falhas na discriminação fonológica, pode haver dificuldade em manter as informações na memória de curto prazo e transferi-las para a memória de longo prazo. Da mesma forma, uma deficiência conceitual pode limitar a capacidade de discriminar e memorizar a linguagem ouvida (Correio, 2016).

Pesquisas subsequentes, como as de Artur Gomes de Moraes (2012), corroboram essa visão, acrescentando que a aprendizagem do sistema alfabético envolve dois aspectos principais: os conceituais e os convencionais. Os aspectos conceituais referem-se ao entendimento profundo do sistema de escrita, isto é, a capacidade de compreender o que as letras representam e como o fazem. Para associar grafemas a fonemas, é necessário conceituar mentalmente cada grafema. Já os aspectos convencionais dizem respeito às regras socialmente estabelecidas para o uso da escrita, como quais grafemas e fonemas são utilizados, e a direção da escrita. A aprendizagem desses aspectos se dá, em grande parte, por observação e prática, envolvendo um processo de memorização.

Morais também destaca a importância da consciência fonológica, que vai além da simples discriminação fonemática. A consciência fonológica envolve a capacidade de segmentar frases em palavras e palavras em sons menores, além de realizar outras operações como contar sílabas, identificar rimas e aliterações. O desenvolvimento dessa consciência está profundamente ligado a processos de memorização e conceituação, já que exige a associação de novos e antigos conhecimentos linguísticos. Moraes sugere que essa consciência fonológica seja trabalhada de forma lúdica desde a educação infantil, por meio de atividades como brincadeiras com rimas e trava-línguas, que ajudem a estabelecer a relação entre a palavra escrita e a falada (Correio, 2016).

Morais também discorda de Ferreiro e Teberosky em relação à psicogênese da escrita. Para Moraes, a consciência fonológica é essencial para a escrita silábica, especialmente para a escrita silábica qualitativa, que envolve a análise dos fonemas dentro das sílabas. Esse avanço é facilitado pelo desenvolvimento da consciência fonológica (Correio, 2016).

Por fim, o texto ressalta que o processo de aprendizagem deve levar em consideração a prontidão da criança. A ideia de que o desenvolvimento deve partir de onde a criança se encontra é enfatizada por Moraes, sendo um aspecto fundamental especialmente no contexto clínico psicopedagógico.

Intervenções Psicopedagógicas para alfabetizar letrando

As intervenções psicopedagógicas na alfabetização, baseadas no pensamento de Vygotsky, com o objetivo de ajudar o aprendiz a transitar entre a *zona de pensamento real* e a *zona de desenvolvimento proximal*. O foco está em crianças com dificuldades na aquisição da leitura e escrita, especialmente aquelas que têm um pensamento mais narrativo e têm dificuldades em generalizar e abstrair conceitos, como a relação entre letras e sons.

A intervenção psicopedagógica deve facilitar esse processo de transição, levando a criança a desenvolver a abstração necessária para entender o sistema alfabético de escrita. Para isso, são sugeridas abordagens como exemplificação, dramatização e gestualidade, para que as regras do sistema de escrita sejam mais facilmente internalizadas.

É proposto uma série de estratégias para a melhoria da alfabetização, levando em conta fatores cognitivos como memória, consciência fonológica, e a circulação entre os modos de pensamento narrativo e lógico-cartesiano.

Essas intervenções buscam promover o aprendizado de forma gradual e individualizada, com foco nas necessidades específicas do aluno, embora não envolvam aspectos emocionais ou subjetivos (Correio, 2016)

Entre as modalidades de intervenção apresentadas, destacam-se de acordo com Visca (1985) elucidadas por Correio (2016).

1. **Mudança de situação:** Alteração nas atividades habituais para estimular novas formas de aprendizado, como usar gestos em vez de palavras para comunicação.
2. **Informação e redundância:** Fornecer informações de forma repetitiva, como mostrar palavras com suas partes (ex: “B + A = BA”), ou dar dicas sobre a quantidade de sílabas ou palavras que uma frase possui.
3. **Alternativa múltipla:** Oferecer diferentes pistas para ajudar a criança a iniciar uma tarefa, como sugerir formas alternativas de escrever palavras ou frases.
4. **Acréscimo de modelo:** Propor novos exemplos ou modelos, como escrever com letras diferentes das que a criança já usa, para ampliar suas opções.
5. **Mostra:** Utilizar imagens e objetos para representar letras ou palavras, ajudando a criança a associar grafemas e fonemas.
6. **Assinalamento:** Ajudar a criança a perceber seu progresso, explicando o que ela fez corretamente, como quando conseguiu formar uma palavra corretamente.
7. **Desempenho de papéis:** Usar dramatização para permitir que a criança experimente diferentes formas de expressão e se envolva ativamente no aprendizado, facilitando a transição entre diferentes tipos de pensamento.

Essas intervenções são sugeridas como formas de apoiar a alfabetização, favorecendo o desenvolvimento das habilidades cognitivas, como o raciocínio lógico e a capacidade de abstração, essenciais para a escrita e leitura. Além disso, as estratégias buscam tornar o processo de aprendizagem mais dinâmico e adaptado às necessidades cognitivas do aluno, promovendo um aprendizado mais efetivo e integrado.

Prática de intervenção psicopedagógica: melhora na decodificação de palavras

As estudantes Renata e Ana Maria apresentavam dificuldades em relação à leitura e compreensão, com dificuldade específica na decodificação de palavras e na junção das sílabas. A partir dessa identificação, foi possível mapear o estágio em que se encontravam, utilizando um ditado diagnóstico e auto ditado, que permitiram conhecer o nível de desenvolvimento da leitura de cada uma, além disso, foi enviado um silabário para as famílias, para que pudessem ler e estudar com as crianças em casa, a fim de garantir o êxito das intervenções. Os encontros ocorreram durante três meses, com uma sessão semanal.

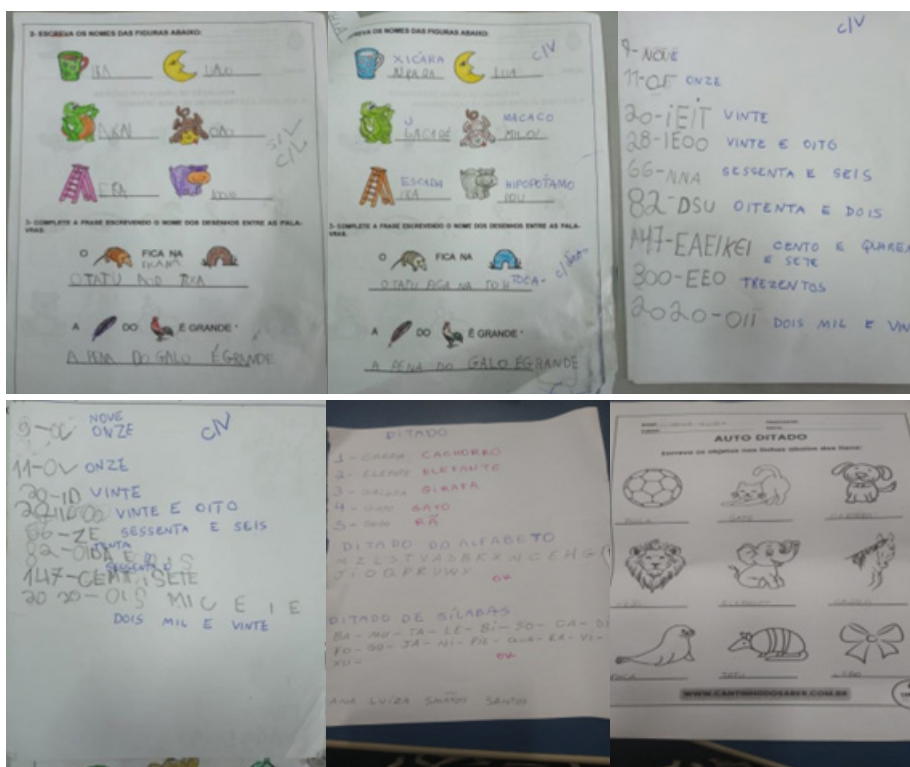
Estratégias de Intervenção:

- 1. Ditado Diagnóstico e Auto ditado:** Para avaliar as dificuldades e identificar a fase de desenvolvimento das estudantes, foram aplicados o ditado diagnóstico e o auto ditado. Esses instrumentos possibilitaram a observação direta das dificuldades na decodificação de palavras e ajudaram a traçar estratégias pedagógicas mais adequadas às necessidades de cada uma.
- 2. Alfabeto Ilustrado:** A utilização do alfabeto ilustrado foi um recurso importante para facilitar a associação das letras com imagens que representavam palavras familiares para as estudantes. Esse recurso foi utilizado para reforçar o reconhecimento das letras e sons, trabalhando a consciência fonológica de maneira mais lúdica e visual.
- 3. Alfabeto Criando Palavras:** Com o objetivo de reforçar a construção de palavras, foi trabalhado o alfabeto criando palavras, estimulando as estudantes a formar novas palavras a partir de sílabas já conhecidas. Essa atividade proporcionou a elas a oportunidade de ampliar o vocabulário, desenvolver a fluência de leitura e a capacidade de decodificação.
- 4. Jogo da Memória de Alfabetização:** Um jogo de memória adaptado para o processo de alfabetização foi utilizado para fortalecer o reconhecimento de palavras e sílabas. As estudantes precisaram associar figuras a palavras correspondentes,

facilitando a memorização e o reconhecimento visual das palavras.

5. **Jogo Silábico Móveis:** A utilização de um jogo silábico, no qual as estudantes movimentavam peças com sílabas, teve como objetivo fortalecer a consciência fonológica, trabalhando a segmentação e a junção das sílabas para formar palavras. Esse recurso prático ajudou a desenvolver a habilidade de leitura de forma mais dinâmica e divertida.
6. **Tarefas com Silabário:** Além das atividades realizadas nos encontros, foram propostas tarefas com silabário para serem feitas em casa, com o auxílio dos pais. O silabário, que contém as sílabas organizadas, ajudou as estudantes a praticar a leitura e a escrita de forma sistemática, reforçando os conteúdos trabalhados em sala de aula e promovendo a participação ativa dos pais no processo de aprendizagem.

Fotos dos materiais e atividades aplicadas: avaliação diagnóstica





Resultados observados

Ao longo das sessões, foi possível perceber avanços significativos nas habilidades de leitura das estudantes. Renata e Ana Maria passaram a juntar palavras, formar frases simples e ler pequenos textos com mais segurança. A decodificação das palavras, inicialmente lenta e cheia de hesitações, se tornou mais fluida à medida que as estudantes aplicavam as estratégias aprendidas.

A atividade do silabário, especialmente, teve um impacto positivo, pois possibilitou o desenvolvimento de um repertório mais amplo de sílabas e palavras, o que facilitou a junção das sílabas na formação de palavras maiores. As estudantes também mostraram um maior entusiasmo pelas atividades propostas, demonstrando maior confiança na leitura.

Conclusão

A intervenção psicopedagógica aplicada apresentou resultados bastante positivos, contribuindo significativamente para o desenvolvimento da leitura de Renata e Ana Maria. A prática demonstrou que, ao trabalhar as habilidades de decodificação de palavras de maneira lúdica e interativa, foi possível promover avanços importantes na autonomia das estudantes em relação à leitura.

Diante dos resultados alcançados, a continuidade dessa intervenção será fundamental para garantir que as estudantes possam aprimorar ainda mais suas habilidades de leitura, alcançando uma maior precisão na decodificação de palavras e consolidando a autonomia na leitura de textos mais complexos.

A prática de intervenção será continuada, com novos encontros e atividades diversificadas, com o objetivo de consolidar a aprendizagem das estudantes, reforçar suas competências de leitura e garantir a fluência necessária para que se tornem leitoras autônomas e competentes.

Referências

CORREIO, Julia Timm Rathke. A Intervenção Psicopedagógica no Processo de Alfabetização e Letramento. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Jul-dez 2016.

COSCARELLI, Carla Viana. Decodificação. **Ciale** s.a. (UFMG), disponível em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/glossarioceale/verbetes/decodificacao>. Acesso em: 12 set. 2024.

GODOY, Elena; SENNA, Luiz Antônio Gomes. **Psicolinguística e Letramento**. Curitiba: InterSaberes, 2012.

A RELAÇÃO ENTRE A ANSIEDADE E O DESEMPENHO ESCOLAR NOS ANOS INICIAIS

Elisandra Bendini¹

Marcia Izaura da Costa Almeida²

Marinalva Ribeiro Alves³

Raquel Lopes Sant Ana⁴

Introdução

De acordo com o Dicionário, a Psicopedagogia pode ser definida como a “Pedagogia baseada na psicologia científica, especialmente da criança” (Priberam, 2024).

O nascimento da Psicopedagogia aconteceu na Europa, em meados do século XX, com o objetivo de auxiliar as crianças e os adolescentes que apresentavam dificuldades de comportamento no intuito de reeducá-las através de um acompanhamento psicopedagógico. Por volta de 1948, foi inserida na Psicopedagogia a ocorrência de crianças e adolescentes que apresentavam problemas de aprendizagem, mas os primeiros cursos de Psicopedagogia só se iniciaram na década de 1970, como uma complementação da formação do psicólogo e do educador. Somente no ano de 1979 surgiu o primeiro curso de especialização em Psicopedagogia do Brasil. No início de seu desenvolvimento, a Psicopedagogia se utilizava somente de instrumentos de atuação diagnóstica, de intervenção e de prevenção provenientes dos campos médico e psicológico. Nos tempos atuais, a referida área tem atuado a partir de métodos próprios (Ramos, 2007).

1 Pedagoga; Psicopedagoga. Especialista em Docência no Ensino Superior. E-mail: professoraelisandrabendini@gmail.com

2 Pedagoga; Psicopedagoga. Pós-graduada em Psicomotricidade Relacional, Ludopedagogia e Atendimento Educacional Especializado. E-mail: marciaizaura@outlook.com

3 Pedagoga; Psicopedagoga. nalva.ribeiro0104@gmail.com

4 Pedagoga; Psicóloga; Psicopedagoga. Especialista em TCC. E-mail: raquel.familialopes.rl@gmail.com

Apesar do histórico, o termo Psicopedagogia passou a fazer parte dos temas relacionados à educação infantil, como uma área de estudos essencial para o atendimento e orientação de indivíduos que enfrentam dificuldades no processo de aprendizagem, sejam elas de natureza cognitiva ou comportamental (Ramos, 2007).

Sendo objeto de estudo da Psicopedagogia, a infância é um período crucial para o desenvolvimento humano, caracterizado por diversas transformações cognitivas, emocionais e sociais. Nesse contexto, a escola desempenha um papel fundamental na formação integral da criança, oferecendo não apenas a aquisição de conhecimentos, mas também oportunidades para a construção de relações interpessoais e desenvolvimento em todas as áreas. No entanto, a ansiedade, um transtorno emocional cada vez mais frequente entre crianças, pode interferir significativamente nesse processo. Estudos recentes indicam que a ansiedade pode afetar o desempenho escolar, a socialização e o bem-estar geral das crianças, comprometendo o aprendizado e a adaptação ao ambiente escolar.

É importante considerar que as crianças têm dificuldades em reconhecer as emoções e sensações, dificultando até mesmo a percepção dos sintomas da ansiedade (Caíres e Shinohara, 2010).

Falar sobre a relação entre a ansiedade e o desenvolvimento escolar nos primeiros anos é fundamental, pois impacta diretamente no aprendizado, afetando a capacidade de concentração, memória e motivação, dificultando o aprendizado e o desempenho das crianças. Também é extremamente importante para a conscientização do cuidado com a saúde mental durante este período de desenvolvimento (Caíres e Shinohara, 2010).

Outro ponto importante nesta discussão é que a partir do momento que relacionamos a ansiedade e o desenvolvimento escolar, é possível identificar estratégias que auxiliem na melhora do rendimento escolar, a partir de intervenções específicas da Psicopedagogia (Caíres e Shinohara, 2010).

A ansiedade prejudica interações sociais em pessoas de qualquer idade, e isso também pode ocorrer durante a infância. Por isso é necessário estudar este tema para que os professores estejam preparados para lidar com todas as particularidades relacionadas ao desenvolvimento durante os primeiros anos da criança.

O tema deste capítulo é de extrema importância porque incentiva a continuidade dos estudos na área da Psicopedagogia, que contribuem

para a evolução do conhecimento psicopedagógico e a implementação de práticas baseadas em evidências.

Este estudo tem como objetivo compreender e avaliar de que forma a Psicopedagogia pode contribuir para amenizar os efeitos da ansiedade no desempenho escolar dos alunos nos anos iniciais do ensino fundamental, bem como destacar sua importância no desenvolvimento escolar e no enfrentamento dos transtornos que pode surgir nesse período.

Diante de todos esses apontamentos, dois questionamentos se fazem necessários: De que maneira a ansiedade pode impactar o desempenho acadêmico e a motivação para aprender? Como a Psicopedagogia pode ajudar na identificação e intervenção precoce de crianças que apresentam sintomas de ansiedade?

A interferência da ansiedade no desenvolvimento do sujeito

Diante do contexto escolar percebe-se reações que impedem a criança de obter avanços significativos em sua aprendizagem. Demonstra ansiedade excessiva frente às atividades escolares.

A ansiedade, de maneira geral, vem do medo de uma situação que pode ou não acontecer. O medo em si é algo normal na vida do ser humano, mas, a partir do momento em que atrapalha a qualidade de vida da pessoa, deve haver a intervenção de um profissional da área da saúde, como um psiquiatra e/ou um psicólogo. É muito importante que a criança com sintomas seja submetida a uma consulta para haver o diagnóstico que leve o tratamento até o final, pois o transtorno pode perdurar até a vida adulta se não for tratado (Amorim e Polleto, 2021, p.29).

As crianças encaram diferentes desafios nas vivências do mundo escolar. Precisamos estar atentos nas adversidades que surgem no comportamento dos pequenos.

Devemos entender a ansiedade como um fenômeno que ora nos beneficia ora nos prejudica, dependendo das circunstâncias ou intensidade, podendo tornar-se patológica, isto é, prejudicial ao nosso funcionamento psíquico (mental) e somático (corporal). A ansiedade estimula o indivíduo a entrar em ação, porém, em excesso, faz exatamente o contrário, impedindo reações. (Amorim e Polleto, 2021, p.29).

É importante entender a história de vida da criança e respeitar as experiências que ela traz consigo. Os estímulos adequados que são oferecidos ao indivíduo, contribuem no processo socioemocional e a descobrir seu potencial.

Aprendizagem é um processo que envolve vínculos individuais e coletivos que resultam das interações do sujeito com o meio, da ação do cuidador e das articulações entre o saber e o não saber (Silva e Junior, 2021, p.4).

A interação entre as pessoas permite, trocas de conhecimentos, proporciona descobertas que auxiliam no desenvolvimento das potencialidades. Incentivar a capacidade da criança no ato de aprender é essencial para desenvolver as funções cognitivas.

A importância do olhar para criança na capacidade de aprender e se desenvolver

No ambiente escolar percebe-se que algumas crianças que apresentam, insegurança, irritabilidade, medo e alguns sintomas de saúde frente a expectativa das atividades pedagógicas que contribuem para o desenvolvimento global do ser humano.

Os professores já atuam no processo “saúde-doença” de seus alunos de diversas maneiras, como, por exemplo, ao desenvolverem vínculos baseados na afetividade, na empatia, na escuta reflexiva e respeitosa, na consideração pelas qualidades do aluno visando ao fortalecimento de sua autoestima etc. Os professores influenciam positivamente quando interagem de forma motivadora e criativa, informando e encorajando nas tomadas de decisão, fomentando a autonomia, sem recorrer a regras e dogmas preestabelecidos que possam defasar-se com o tempo (Vieira *et al*, 2014, p. 20 *apud* Lopes e Gonçalves).

A atuação do psicopedagogo é de fundamental importância na unidade escolar, contribui com os fatores que envolvem o processo de aprendizagem do ser humano, oferece suporte nas dificuldades apontadas em determinado caso. Desenvolve estratégias significativas que colaboram com desenvolvimento das habilidades física e mental da criança.

Cabe ao psicopedagogo entender como se constitui o sujeito, como este se transforma em suas diversas etapas da vida, quais os recursos de conhecimento de que ele dispõe e a forma pela qual produz conhecimento e aprende em relação ao grupo e sua reação frente a este (Pontes, 2010, p.7).

Podemos intervir através de jogos e dinâmicas apropriados no tratamento das crianças que demonstram ansiedade, diante do contexto escolar.

Os pacientes com transtorno de ansiedade apresentam limitações em atividades que exigem focos específicos, ou manter a atenção sustentada por um período de tempo, bem como concentrar-se, devido à desabilitação da focalização (Santos, Vasques e Azevedo, 2022, p.7).

Diante disso investigar as atitudes que a criança demonstra em seu comportamento e o que está dificultando os avanços do seu desenvolvimento. É fundamental considerar a capacidade de concentração das crianças em diferentes faixas etárias, considerando os desafios de seu processo de ação em sua aprendizagem.

O desenvolvimento das atividades que ajudam a diminuir os impactos da ansiedade

A ansiedade é uma sensação que afeta cada vez mais a vida normal dos seres humanos. A maioria das pessoas que se preocupam demasiadamente com coisas como: saúde, dinheiro ou problemas familiares ou estudo, são acometidas pelo transtorno, o que acaba fazendo com que a ansiedade se aproprie cada vez mais das decisões e conseqüentemente da vida cotidiana, acarretando conseqüências posteriores. Desta forma, os transtornos de ansiedade envolvem mais do que preocupação ou medo temporário. As pessoas com transtorno de ansiedade, tendem a desencadear problemas maiores, pois a ansiedade não desaparece de uma hora para outra podendo piorar com o tempo. No entanto, os sintomas podem interferir nas atividades diárias, assim como no desempenho dos trabalhos escolares e relacionamentos.

Fatores de risco que agravam a ansiedade, segundo pesquisadores estão descobrindo que fatores genéticos e ambientais contribuem para o risco de desenvolver um transtorno de ansiedade. Sendo que os principais sintomas incluem: timidez, associada a três ou mais sintomas, sendo os mais identificados a inquietação, sensação de estar no limite, cansar-se facilmente, dificuldade de concentração; irritabilidade, tensão muscular e distúrbios do sono. As recorrentes buscas dos seres humanos para controlar os sintomas da ansiedade ou de controlar seus efeitos, mostram evidência de que providências devam ser tomadas para ajudar a controlar a crescente demanda de pessoas afetadas. Diante de questões como essas, nos questionamos, como a Psicopedagogia pode contribuir para amenizar, problemas causados pela ansiedade? Reportando-se ao âmbito educacional e psicológico, estudos na área da Psicopedagogia afirmam que a ansiedade em excesso pode influenciar negativamente na aprendizagem. Baseado

nesses estudos, a presente pesquisa objetivou investigar quais práticas pedagógica ou psicopedagógicas podem auxiliar crianças com ansiedade a descentrar seu pensamento e fluir nos estudos. Algumas sugestões do que pode ser feito pelo psicopedagogo são: avaliação psicopedagógica, intervenção e estimulação das funções deficitárias, auxílio e orientação aos responsáveis e a escola. É importante ressaltar também a importância dos jogos e brincadeiras para o desenvolvimento da aprendizagem humana. Mas, outras atividades como a música, pintura e tudo que estimule a criatividade são também ações lúdicas essenciais para promover a aprendizagem da criança que demonstra muita ansiedade durante a rotina de estudos.

O desenvolvimento cognitivo depende do envolvimento de várias outras funções e a boa desenvoltura de outras funções que o alicerçam como a linguagem, a coordenação motora e suporte afetivo-emocional. Uma forma de estimular o desenvolvimento cognitivo infantil é por meio de atividades lúdicas que envolvem o raciocínio, a memória, percepção visual e a concentração que estão relacionadas a um conjunto de funções cognitivas que denominamos de funções executivas relacionadas a nossa capacidade de aprendizagem (Fuentes *et al.*, 2014 *apud* Massala, Pereira e Coutinho, 2024, p.5).

A aplicação de alguns jogos contribuí para o foco da atenção, auxiliando no controle das reações de ansiedade que as crianças demonstram diante da aprendizagem, alguns exemplos desses jogos estão listados a seguir:

- Jogos de memória
- Jogos de tabuleiro
- Labirintos
- Quebra-cabeça
- Atividades manuais
- Massa de modelar
- Pular corda
- Amarelinha
- Objeto escondido

A mediação do psicopedagogo na escolha adequada dos recursos poderá contribuir com o ser humano nas reações impulsiva que apresenta no desenvolvimento das habilidades.

Conclusão

A ansiedade nas séries iniciais é um fenômeno que tem ganhado crescente atenção no campo educacional, especialmente quando se considera o impacto no desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças. Neste contexto, a Psicopedagogia surge como uma abordagem fundamental para compreender e intervir de maneira eficaz nas dificuldades que a ansiedade pode gerar no processo de aprendizagem. Profissionais psicopedagogos atuam não apenas na identificação dos sinais de ansiedade, mas também no desenvolvimento de estratégias que favoreçam a regulação emocional e o fortalecimento da autoestima dos alunos.

A Psicopedagogia, ao integrar aspectos psicológicos e pedagógicos, busca promover um ambiente de aprendizagem mais acolhedor e compreensivo, onde a criança se sinta segura para explorar seu potencial. Assim, ao lidar com a ansiedade nas séries iniciais, é possível não apenas mitigar os impactos negativos sobre o aprendizado, mas também fortalecer as bases emocionais necessárias para que os alunos se tornem mais resilientes e autoconfiantes diante dos desafios educacionais. Portanto, a interação entre Psicopedagogia e a abordagem da ansiedade nas séries iniciais é crucial para garantir um desenvolvimento saudável e equilibrado, proporcionando às crianças as ferramentas necessárias para lidarem com suas emoções e enfrentarem as demandas da escola de forma mais positiva e produtiva.

Referências

AMORIM, V. S.; POLETO, Lizandro. Ansiedade infantil e modernidade em tempos de instabilidade emocional. **Gestão & Tecnologia**. Faculdade Delta Ano X, V. 2 Edição 33 Jul/Dez 2021.

CAÍRES, M. C.; SHINOHARA, H.. Transtornos de ansiedade na criança: um olhar nas comunidades. **Rev. bras. ter. cogn.** vol.6 no.1 Rio de Janeiro jun. 2010

LOPES, A.C. C.; GONÇALVES., E. G. A. A influência dos transtornos de ansiedade no processo de ensino – aprendizagem. **Revista Cientific@ Universitas**, Itajubá v.7, b.3, p.1-21, 2020.

MASSALA. R; PEREIRA. C. M.; COUTINHO. D. J .G. Estimulando as funções cognitivas: Estratégias e jogos para desenvolvimento cognitivo. **Revista Ibero-Americana de Humanidades**, Ciências e Educação. São

Paulo, v.10.n.03.mar. 2024.

PSICOPEDAGOGIA. *In*: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2024, <https://dicionario.priberam.org/Psicopedagogia>.

PONTES, I. A. M. Atuação Psicopedagógica no contexto escolar: Manipulação, não; contribuição, sim. **Revista Psicopedagogia**, 2010, 27(84): 417-27.

RAMOS, G. P. Psicopedagogia: aparando arestas pela história. **VIDYA**, v. 27, n. 1, p. 9-20, jan./jun., 2007.

SANTOS, H. S.; VASQUES A. T. D.; AZEVEDO, G. N. Transtorno de Ansiedade na Infância: Alterações Cognitivas e os impactos na Aprendizagem Escolar na Terceira Infância. **Psicologias em Movimento** - v.2, n.1: jan-jul, 2022.

SILVA, F. I. V.; JÚNIOR, S. N. S. A atuação do psicopedagogo frente as dificuldades de aprendizagem: Uma abordagem reflexiva. **Revista Humanidades e Inovação** v.8, n.55, 2021.

PROMOÇÃO DO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO EM IDOSOS PELO EDUCADOR FÍSICO E PSICOPEDAGOGO: O PAPEL DA ORIENTAÇÃO NO PROCESSO DE ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL

Renata Lima R. de Castro¹

Roberta Nascimento²

Introdução

O tema envelhecimento tem despertado cada vez mais o interesse por estudiosos de diversas áreas, vindo isso em diferentes tempos da história do homem. Mudanças ou alterações que acompanham o envelhecimento não são mais encaradas como perdas, e sim como uma nova etapa, se abrindo a novas oportunidades e condições que podem ser exploradas por novas perspectivas.

Enfatizamos que o aprendizado é considerado como processo permanente, já que um indivíduo é capaz de aprender durante toda a vida, contudo sabemos que tal aprendizado não será o mesmo nas diferentes fases em que ele vive, em cada uma destas, poderá apresentar uma maior ou menor dificuldade neste processo.

O aumento da expectativa de vida e a conseqüente mudança demográfica em diversas sociedades têm gerado novas demandas no campo da saúde, especialmente no que se refere ao envelhecimento da população. Esse processo, natural e inevitável, traz consigo uma série de alterações biológicas, psicológicas e sociais que podem afetar diretamente a qualidade de vida dos idosos.

-
- 1 Pedagoga. Gestão Estratégica de Pessoas e Atendimento Educacional Especializado. Psicopedagoga. Gerente setorial na Secretaria Municipal de Educação de Embu das Artes. Discente no curso de Psicopedagogia. E-mail: recastro2007@yahoo.com.br
 - 2 Educadora física. Exercício físico como terapia na clínica médica. Psicopedagoga. Gestor Técnico na Secretaria Municipal de Educação de Embu das Artes. E-mail: roberta.edfisica@gmail.com

O envelhecimento saudável, conceito que envolve o bem-estar físico, mental e social, tem sido considerado um dos principais objetivos da ciência do envelhecimento. Dentro dessa perspectiva, o papel do educador físico se destaca não apenas nas questões relacionadas ao preparo físico, mas também no estímulo ao desenvolvimento cognitivo e à promoção de uma vida ativa e independente na terceira idade.

A prática de atividades físicas regulares tem demonstrado efeitos benéficos tanto no corpo quanto na mente dos idosos. No entanto, para que esses benefícios sejam maximizados, é fundamental que o educador físico não apenas forneça um programa de exercícios, mas também oriente os participantes de forma a estimular o desenvolvimento cognitivo e a prevenção de doenças cognitivas, como o Alzheimer e outras demências.

Em tempo, é importante relacionar que a Psicopedagogia vem de forma ser um suporte de forma que oportunize ao idoso acesso a recursos que possam melhorar a aprendizagem, de forma ser capaz de identificar quais são seus maiores obstáculos, podendo assim unir juntamente com as técnicas do educador físico e atuando de maneira tanto preventiva quanto terapêutica neste processo.

Este trabalho busca analisar como o educador físico pode colaborar no processo de envelhecimento saudável, promovendo a estimulação cognitiva por meio de exercícios e orientações específicas. Além disso, buscou compreender como a Psicopedagogia poderá contribuir para a melhoria da aprendizagem dos idosos, considerando que a aprendizagem sendo ela contínua, a qual se estende por toda a vida do ser humano e considerando ainda que, existem diferentes fatores que podem tanto dificultar como estimular as aprendizagens. Então, de que forma será eficaz estas abordagens em conjunto para a melhoria da aprendizagem e consequentemente da qualidade de vida dos idosos.

Concepções acerca do envelhecimento e da velhice

Ao se falar em velhice e envelhecimento, devemos compreender que apesar de sinônimos, elas têm significados diferentes. Assim como Velascos (2006) afirma que o envelhecimento não é velhice, e sim um processo irreversível iniciado no nascimento e encerrado no processo de morte.

Velascos (2006), ainda afirma que, mesmo que a velhice seja compreendida como um dado estático, ela é considerada como sendo

resultado e prolongamento de um processo gradual que envolve as mudanças contínuas do ser, desde o seu nascimento.

Em contrapartida, Beauvoir (1990) entende que a velhice é considerada como sendo resultado e prolongamento de um processo que gradativamente traz mudanças contínuas ao ser, também desde o seu nascimento.

Envelhecimento resulta em dois processos, a senescência e a senilidade. Papaléo Netto (2002) afirma que o envelhecimento como senescência é resultado de uma interação complexa de fatores, sendo metabólicos, imunológicos, genéticos e estruturais, que agem sobre níveis moleculares, histológicos, celulares e orgânicos; sendo ele marcado por efeitos biológicos ou anátomo fisiológicos do envelhecimento, quando ocorre a diminuição da capacidade de reparação biológica. Por outro lado, a senilidade é um processo marcado por alterações produzidas pelas afecções, abrangendo a deterioração ou debilidade do corpo e/ou da mente (Papaléo Netto, 2002).

Santos (2009) afirma que o envelhecimento causa alterações no organismo, sendo elas de cunho psicológico, sociais e principalmente biológicas, e na velhice que se tornam mais evidentes nestes processos. Tais modificações de cunho biológico são observadas através da perda do pigmento dos cabelos, rugas e linhas de expressão, entre muitas outras; as fisiológicas mais vinculados às alterações de funções orgânicas. Alterações de ordem psicológica ocorrem de acordo com as adaptações necessárias para cada nova situação ocorrida no cotidiano. Nos casos de alterações sociais, em geral são alteradas em razão da baixa na produtividade do indivíduo, conseqüentemente, alterando o poder físico e econômico. Portanto, a velhice é a última fase do processo de envelhecimento, ela não chega a ser um processo como envelhecimento, mas um estado que caracteriza a condição do ser humano idoso.

O envelhecimento é um processo complexo, marcado por diversas mudanças fisiológicas e cognitivas. Durante esse período, é comum que o idoso experimente declínios em várias funções cognitivas, como memória, atenção, e velocidade de processamento de informações. Esses declínios, quando não gerenciados, podem levar a um aumento no risco de demências e outras condições associadas ao envelhecimento.

No entanto, estudos apontam que o cérebro possui uma considerável plasticidade, mesmo em idades avançadas, e que a prática de atividades físicas pode promover mudanças estruturais e funcionais no

cérebro, retardando ou até prevenindo o declínio cognitivo. O conceito de envelhecimento saudável, portanto, envolve um processo ativo que se apoia em cuidados com a saúde física e mental, com ênfase na prevenção e na manutenção da autonomia do idoso.

Envelhecimento e a cognição

Tamai e Abreu (2011, p.365) definem a capacidade do indivíduo de adquirir e usar a informação, a fim de adaptar-se às demandas do meio ambiente”. Além disso destacam que o indivíduo necessita ter a capacidade para aplicar o que foi aprendido a uma variedade de diferentes situações (Tamai; Abreu, 2011, p. 1365).

A cognição compreende o processo ativo de armazenamento, alterações e processamento de informações, pelo cérebro, envolvendo diretamente as funções de pensamento e memória; além da comunicação, linguagem falada, escrita, habilidades motoras, aprendizagem e capacidade para resolver problemas e raciocínio (Gurian, 2002).

No século XX muitos estudos foram realizados, surgindo então a gerontologia, sendo a área que estuda e investiga as modificações que ocorrem durante o período de envelhecimento (Papaléo Netto, 2011).

Farias *et al.* (2011) utilizou um instrumento chamado de MEEM (Mini Exame do Estado Mental), onde “avaliou a cognição de pessoas idosas cadastradas na estratégia saúde da família: município do Sul de Minas”. Segundo o estudo, indivíduos com baixa escolaridade possuem maior predisposição a quadro demencial, além disso, a função cognitiva entre idosos sem escolaridade era mais afetada do que os que possuíam algum tipo de escolaridade.

Para Veras:

[...] condição indispensável para garantir um envelhecimento com boa qualidade de vida. Um melhor nível educacional pode influenciar em diversos aspectos: i) permitindo maior acesso a cuidados médicos; ii) aumentando o conhecimento sobre comportamentos de saúde mais apropriados; e, iii) estimulando a atividade mental e as funções cognitivas, e retardando, por exemplo, o desenvolvimento da doença de Alzheimer. Em outras palavras, investir em educação traz benefícios que ultrapassam o campo restrito desse saber (Veras, 2003, p.16).

Desta forma, entendemos que para se chegar ao envelhecimento de forma sucedida, ou com qualidade, condiciona-se a capacidade e forma

com que este ser vem se adaptando às transformações do seu corpo, mente e ambiente que vive. Devendo desta forma considerar também o estilo de vida, sendo ele o mais saudável possível de forma que venha a reduzir os efeitos do envelhecimento patológico, cultivando novos e melhores hábitos mentais e físicos.

Além de ser um direito garantido por lei, é de fato muito importante e fundamental que o idoso possa ser inserido num ambiente de aprendizagem.

O papel do educador físico no desenvolvimento cognitivo dos idosos

O educador físico desempenha um papel essencial na promoção da saúde integral dos idosos, englobando não apenas a atividade física, mas também aspectos cognitivos e psicomotores. As questões psicomotoras são fundamentais no processo de envelhecimento saudável, pois envolvem a interação entre o corpo e a mente. Exercícios que trabalham habilidades psicomotoras podem melhorar a coordenação, o equilíbrio e a percepção espacial, fatores essenciais para a qualidade de vida dos idosos.

Exercícios físicos, psicomotricidade e implicações cognitivas

A psicomotricidade é a capacidade de integrar movimentos corporais com as funções mentais, como percepção, memória e raciocínio. Essa integração é crucial para o envelhecimento saudável, pois promove uma relação harmônica entre o corpo e as funções cognitivas. No caso dos idosos, atividades psicomotoras específicas podem trazer benefícios significativos, tais como:

- 1. Coordenação Motora:** A realização de exercícios que desafiem a coordenação motora fina e grossa, como movimentos alternados, dança ou exercícios que envolvem o uso de mãos e pés simultaneamente, ajuda a manter o sistema nervoso ativo e melhora a conexão entre diferentes áreas do cérebro, como o cerebelo (responsável pela coordenação motora) e o córtex cerebral (responsável pelas funções executivas e cognitivas).
- 2. Equilíbrio e Propriocepção:** A capacidade de manter o equilíbrio e a percepção corporal no espaço é essencial para prevenir quedas e acidentes, além de melhorar a confiança do

idoso em suas habilidades motoras. Exercícios que exigem o controle do centro de gravidade, como o trabalho com bolas, exercícios de estabilidade e o uso de superfícies irregulares, são eficazes para melhorar tanto o equilíbrio quanto a percepção corporal.

3. **Percepção Espacial e Cognitiva:** Atividades psicomotoras que envolvem o movimento em diferentes direções e com diferentes intensidades podem melhorar a percepção espacial e a memória espacial, áreas essenciais para o dia a dia do idoso, como a navegação no ambiente. Além disso, atividades que exigem atenção seletiva e foco, como jogos de memória acompanhados de movimento, ajudam a estimular a cognição e a atenção sustentada.
4. **Velocidade de Processamento e Funções Executivas:** Exercícios psicomotores que combinam atividade física com decisões rápidas, como jogos de reação (ex: responder a estímulos auditivos ou visuais com movimentos rápidos) podem aumentar a velocidade de processamento cognitivo. Esses tipos de atividades também estimulam as funções executivas, como planejamento, tomada de decisão e controle inibitório.

Psicomotricidade e estímulo cognitivo

Além dos exercícios físicos tradicionais, o trabalho psicomotor também inclui atividades que promovem a estimulação cognitiva diretamente. Por exemplo, o uso de jogos de memória, quebra-cabeças e atividades que exigem raciocínio lógico ou estratégias de resolução de problemas enquanto o corpo está em movimento, pode ser altamente eficaz. A prática simultânea de atividades físicas e cognitivas envolve o cérebro de maneira mais completa, favorecendo a criação de novas conexões neurais e a manutenção de funções cognitivas saudáveis.

Integração das questões psicomotoras no trabalho do educador físico

O educador físico que trabalha com idosos deve integrar as questões psicomotoras nas atividades propostas, com o objetivo de melhorar tanto a saúde física quanto mental. Além disso, ele deve estar atento às necessidades

individuais dos participantes, adaptando os exercícios de acordo com o nível de capacidade física e cognitiva de cada um. Entre as estratégias utilizadas pelo educador físico, destacam-se:

1. **Exercícios de coordenação e ritmo:** Atividades como dança, tai chi, e outros movimentos coreografados que exigem atenção ao ritmo e à sequência motora.
2. **Exercícios de equilíbrio dinâmico e estático:** Realização de posturas que desafiem o equilíbrio, como manter-se em um pé ou em diferentes posições, além de exercícios em plataformas instáveis.
3. **Jogos e atividades lúdicas:** Jogos de tabuleiro, cartas e outros que estimulam a memória, a atenção e a resolução de problemas, associados a movimentos físicos, como o uso de dados, objetos e diferentes direções de movimento.
4. **Treinamento de destreza manual:** Atividades que envolvem manipulação de objetos, como bolas, bastões ou fitas, para melhorar a coordenação motora fina e a agilidade.

Idosos e o processo de ensino-aprendizagem

A educação é um fator de grande importância no papel tanto da inclusão como da valorização do idoso, fazendo com que eles tenham um maior envolvimento interpessoal, melhorando a sua qualidade de vida, socialização, autoimagem e também sua autoestima.

O processo de ensino aprendizagem deve oferecer a este indivíduo oportunidades de reflexão quanto suas vivências e ambiente, elevando seu nível de consciência sobre situações que afetam a sociedade, auxiliando-o a se ver e se promover como sujeito.

Propiciar à terceira idade seu constante desenvolvimento intelectual, certamente seu futuro será mais motivador para gerações que vierem, vivendo de forma mais plena as últimas etapas da vida do ser humano.

É importante a criação de oportunidades para novas aprendizagens, valorizando os saberes já construídos e existentes, assim como as diferenças encontradas. Oferecer igualdade de oportunidades e condições adequadas, efetivando aquilo que já é um direito social.

De forma a existir esta inclusão e trabalho voltado para a terceira idade, surgiram as Universidades Aberta à terceira idade, espaço onde

contemplam-se diversificadas formas de aprendizagem compatíveis com a faixa etária a qual se é destinada.

Cabe, portanto, sempre se observar atentamente métodos de aprendizagem mais eficaz ao estudante idoso, de forma que esta aprendizagem ocorra de forma acolhedora e prazerosa, passando a ser vista também como algo importante e necessário.

O envelhecimento é um processo marcado por muitas mudanças significativas em todos os âmbitos, sociais, cognitivos, sociais e motor e devem ser a todo momento consideradas suas limitações, porém trabalhado as suas potencialidades. Apesar das perdas, deve ser considerado uma etapa para aprendizado de novas possibilidades a serem exploradas.

Psicopedagogia, a psicomotricidade e o envelhecimento cognitivo

Segundo o Código de Ética do psicopedagogo:

A Psicopedagogia é um campo de atuação em Educação e Saúde que se ocupa do processo de aprendizagem considerando o sujeito, a família, a escola, a sociedade e o contexto sócio-histórico, utilizando procedimentos próprios, fundamentados em diferentes referenciais teóricos (ABPP, 2011).

A Psicopedagogia, que visa compreender e promover o processo de aprendizagem, pode ser integrada ao trabalho do educador físico, especialmente ao considerar a importância da psicomotricidade para o desenvolvimento cognitivo dos idosos. Segundo Mello *et al.* (2013), a Psicopedagogia tem uma abordagem holística que favorece a adaptação às novas etapas do envelhecimento, estimulando tanto os aspectos cognitivos quanto os psicomotores.

Devido ao seu trabalho multidisciplinar, a Psicopedagogia faz uso da integração com outros campos, tais como Psicologia, neurologia, psicanálise, pedagogia, entre muitos outros campos, inclusive com a Educação física

Historicamente, afirma-se que a Psicopedagogia surgiu entre os campos da Psicologia e Pedagogia, partindo da necessidade de atendimento de crianças com distúrbios de aprendizagens, não sanadas em sala de aula, sendo que o profissional de Psicopedagogia irá atuar tanto no que compete ao terapêutico, como de modo preventivo. O preventivo considera seu objeto de estudo o indivíduo a ser estudado, desde seus processos de desenvolvimento, como possíveis alterações de tais processos e também

possibilidades de aprendizado. No que tange ao terapêutico, o objeto de estudo se dá com a identificação, análise, elaboração da metodologia de diagnóstico e tratamento das possíveis dificuldades de aprendizagem (Bossa, 2000).

Aprendizagem, no que se refere a atuação do psicopedagogo, “remete a uma visão de homem como sujeito ativo, dentro de um processo de interação com o meio físico e social, em cujo processo interferem seu equipamento biológico, condições afetivo-emocionais e intelectuais.” (Bossa, 2000, p.75)

No contexto das atividades psicomotoras, a Psicopedagogia pode atuar promovendo:

- **Adaptação dos exercícios à aprendizagem do idoso:** Muitas vezes, os idosos enfrentam dificuldades na execução de tarefas físicas e cognitivas simultâneas. A Psicopedagogia pode auxiliar o educador físico a desenvolver atividades que respeitem o ritmo e as capacidades cognitivas e motoras do idoso, oferecendo uma abordagem personalizada que potencializa os resultados.
- **Estímulo à autoeficácia e confiança:** Ao integrar atividades psicomotoras e cognitivas, a Psicopedagogia pode ajudar o idoso a perceber seu próprio progresso, aumentando sua autoestima e confiança nas habilidades físicas e cognitivas, o que favorece a manutenção de uma vida ativa e independente.

O papel da orientação no envelhecimento saudável

A orientação psicopedagógica do educador físico no processo de envelhecimento saudável deve ser ajustada para incluir atividades que promovam o desenvolvimento psicomotor e cognitivo. A combinação de exercícios físicos com desafios psicomotores proporciona um meio de trabalho mais eficaz para o envelhecimento ativo. Além disso, a orientação sobre a importância de atividades que estimulem a interação entre corpo e mente é essencial para que os idosos mantenham sua autonomia, sua mobilidade e, especialmente, sua saúde mental.

A Psicopedagogia é uma área que possui recursos capazes de tratar, prevenir e minimizar os efeitos do declínio de capacidades cognitivas, de forma que melhore a condição de aprendizagem do ser em envelhecimento, fortalecendo também a crença no poder de aprendizagem que cada idoso

tem, auxiliando desta forma na construção da autoimagem e autoestima (Silva *et al.*,2013).

Trabalhar uma metodologia de forma que estimule o idoso é fundamental, trabalhando desta forma o afetivo, social, cognitivo e espiritual, tendo, portanto a Psicopedagogia papel fundamental neste processo, disponibilizando ferramentas de prevenção e intervenção no seu processo cognitivo (Cleto; Pena, 2011).

Além da atividade física, o educador físico também pode atuar como orientador na adoção de estratégias cognitivas que promovam o envelhecimento saudável. O uso de atividades lúdicas e psicomotoras no cotidiano do idoso, como jogos de memória combinados com movimentos, pode ser uma forma de estimular a mente enquanto se cuida do corpo. Esse trabalho integrado, que respeita o desenvolvimento psicomotor, oferece ao idoso uma forma mais dinâmica e envolvente de envelhecer.

As principais orientações incluem:

- Exercício físico regular como uma ferramenta de promoção da saúde, com foco no aumento da força, flexibilidade, equilíbrio e resistência.
- Estímulo à socialização através de atividades coletivas, como aulas de grupo, que podem prevenir o isolamento social e seus efeitos negativos na saúde mental.
- Educação sobre o envelhecimento saudável, com informações sobre nutrição, sono, controle do estresse e hábitos saudáveis em geral.

Com o passar dos anos, algumas funções cognitivas dos idosos podem sofrer alterações, como a memória de trabalho, a velocidade de pensamento e as habilidades visuais e espaciais. No entanto, outras habilidades podem permanecer inalteradas, como a inteligência verbal, a atenção básica e a habilidade de cálculo.

Algumas atividades que podem ajudar a estimular a cognição dos idosos são:

- Praticar jogos
- Fazer leitura
- Ouvir músicas
- Dinâmicas em grupo
- Palavras cruzadas

- Quebra-cabeça
- Prática de atividades físicas
- Atividades de música, como participar de um coral.

O estímulo cognitivo frequente pode ajudar os idosos a superar dificuldades e a se motivar para participar de novas atividades.

É importante ficar atento a queixas de dificuldades com a memória e outras habilidades cognitivas, especialmente quando comparadas com o desempenho passado. Condições mentais como depressão, transtornos de ansiedade, bipolaridade, esquizofrenia e demência podem afetar a cognição dos idosos.

Bortolanza, Krahl e Biasus (2005) relatam a importância da ação psicopedagógica na mediação entre idoso e a construção e reconstrução do conhecimento; assim como a sua total inclusão em grupos de convivências.

Conclusão

A promoção do desenvolvimento cognitivo em idosos pelo educador físico é uma estratégia essencial para o envelhecimento saudável. Ao integrar atividades físicas que estimulem o corpo e a mente, o educador físico contribui para a manutenção da autonomia e qualidade de vida dos idosos.

A orientação psicopedagógica, por sua vez, potencializa esses benefícios, oferecendo uma abordagem holística que respeita as necessidades cognitivas e emocionais do idoso. Dessa forma, o educador físico, em parceria com outros profissionais da saúde, pode desempenhar um papel fundamental na promoção do envelhecimento saudável e na prevenção de doenças cognitivas.

É importante ressaltar que além de ser fonte de aprendizagens, inclusão e o reaprendizado este trabalho em parceria deve procurar promover o bem estar; acolhimento emocional, promovendo desta forma dignidade e acolhimento humanizado, resgatando desta forma sua autonomia e independência.

Desta forma, compreendemos o quão importante é a Psicopedagogia, pois a mesma não apenas vem trabalhar com crianças pequenas e distúrbios de aprendizagens, mas também, surge numa forma de reaprendizagem e também de acompanhamento, garantindo desta forma não apenas o pleno

desenvolvimento de uma criança, mas também garantindo a qualidade de vida em sua fase idosa.

Referências

ABPP- Associação Brasileira de Psicopedagogia. **Código de ética do psicopedagogo**. Disponível em: https://www.abpp.com.br/wp-content/uploads/2020/11/codigo_de_etica.pdf acesso em: 21 nov.2024.

BEAUVOIR, S.de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1990.

BORTOLANZA, M.L.; KRAHL, S.; BIASUS, F. Um olhar psicopedagógico sobre a velhice. **Revista Psicopedagogia**, V. 22, n.68, p.162-70,2005.

BOSSA, N.A. **A Psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Arte Médica, 2000.

CLETO, M.R.Z.; PENNA, J.DOS S. Orientações psicopedagógicas no processo cognitivo com o idoso. **Revista Terceiro Setor**, v5, n.1, 2011.

ERICKSON, K. I.; KRAMER, A. F.; MCDONALD, T.; et al. Physical activity and brain plasticity in late adulthood: a review of the literature. **Journal of Gerontology: Psychological Sciences**, v. 66, n. 4, p. 398-409, 2011.

FARIAS, E. C.; S.A. da; FARIAS, k.R.A.de; CINTRA, A. Avaliação cognitiva de pessoas idosas cadastradas na estratégia saúde da família: município do Sul de Minas. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, V.45, n.42, p.1748-1752,2011.

GURIAN, M.B.F. **Rastreamento cognitivo por instrumento baseado no MEEM em idosos não institucionalizados residentes em Batatais-SP**. Dissertação. USP. São Paulo-SP, 2002.

MELLO, M. L.; GUALDA, D. M.; LEAL, I. D. Psicopedagogia e envelhecimento: novas perspectivas. **Revista Brasileira de Terapias Cognitivas**, v. 9, n. 1, p. 34-42, 2013.

PAPALÉO NETTO, M. P. et al. **Cognição e envelhecimento**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

RIZZOLATTI, G.; ARBIB, M. A. Language within our grasp. **Trends in Neurosciences**, v. 21, n. 5, p. 188-194, 1998.

SANTOS, S. S. C. Concepções teórico-filosóficas sobre envelhecimento, velhice, idoso e enfermagem gerontogeriatrica. *Revista Brasileira de Enfer-*

magem, Brasília, v.63, n.6, p.1035-9, nov.-dez., 2010.

SCHARF, T. F.; BOHRER, R. M. O idoso e a atividade física: contribuições para o envelhecimento saudável. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 15, n. 1, p. 1-10, 2012.

SILVA, K. I. L.; GALDINO, S. H. COLELLA, T.L.A. Contribuições da psicopedagogia na prevenção e tratamento das dificuldades de aprendizagem do idoso no processo de alfabetização. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, 2018.

TAMAI, S. A. B.; ABREU, V.P.S. Reabilitação Cognitiva em Gerontologia. In FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Ligia. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara.

TORRES, M. A.; PINTO, A. L. Atividade física e suas implicações cognitivas no envelhecimento. **Psicologia e Saúde**, v. 6, p. 27-38, 2020.

VELASCOS, C.G. **Aprendendo a envelhecer...** à luz da psicomotricidade. São Paulo: Phonorte, 2006.

VERAS, R.A. A novidade da Agenda Social Contemporânea: A Inclusão do Cidadão de mais Idade. **A terceira idade**, v.14, n.28, p.6-29, set., 2003.

A RELEVÂNCIA DO LÚDICO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM COMO INTERVENÇÃO PSICOPEDAGÓGICA

Marcilene Cristina Fernandes de Souza¹

Patrícia Oliveira Antonioli²

Silvana Brandão da Silva³

Introdução

Este capítulo tem como tema a relevância do lúdico no processo de aprendizagem como intervenção psicopedagógica discutir a Psicopedagogia acerca de sua aplicação a fim de valorizar o lúdico no processo de ensino-aprendizagem dos educandos na Educação Básica e, combinar diferentes processos científicos e educacionais com a ludicidade como meio de intervir na construção dos saberes de maneira prazerosa sem deixar de ser avaliativa, significativa, construtiva e libertadora.

A ludicidade vem sendo muito abordada no processo ensino-aprendizagem desenvolvido em sala de aula por meio de brincadeiras e jogos. Conforme os trabalhos propostos como pedagogas percebemos que as brincadeiras são realizadas na grande maioria das vezes sem a mediação do professor e sem o devido envolvimento da ludicidade, como um meio de apropriação e aprimoramento do conhecimento para o desenvolvimento dos educandos no projeto de trabalho a ser realizado em sala de aula durante o ano letivo.

Portanto, quando desenvolve-se o trabalho com o lúdico na Psicopedagogia tem como proposta ampliar e potencializar o desenvolvimento dos educandos que possuem algum tipo de dificuldade no aprendizado em sala de aula, não limitando a prática do lúdico a ela e, também transpondo

1 Pedagoga. Psicopedagoga. Professora na rede Municipal de Embu das Artes. E-mail: marcilene.fernandes.73@gmail.com

2 Pedagoga. Psicopedagoga. Professora na rede Municipal de Embu das Artes. E-mail: patriciantonioli@gmail.com

3 Pedagoga. Psicopedagoga. Professora na rede Estadual e Municipal de Embu das Artes. E-mail: silvana.brandaosilva@gmail.com

para as intervenções psicopedagógicas e desenvolvimento dos educandos com algum tipo de dificuldade, educacional, emocional ou social que venha intervir no processo da aprendizagem.

Através das leituras realizadas até aqui, é possível a aplicabilidade de atividades lúdicas direcionadas e sequenciadas para desenvolver melhor a criatividade dos alunos de forma a contribuir na aprendizagem dos mesmos que estão com dificuldades devido a algum déficit ou transtorno. Desta forma, o psicopedagogo aprimora seus métodos com atividades lúdicas do ensino e atrela aos métodos tradicionais aprimorando e qualificando seus atendimentos.

A ludicidade é uma abordagem muito solicitada na aplicabilidade no processo de desenvolvimento de aprendizagem da educação pois, sua proposta não está relacionada apenas à sala de aula, mas é um tema recorrente na educação para o melhor desenvolvimento do estudante, assim o investimento na ludicidade não somente nas práticas pedagógicas como também, associada ao trabalho psicopedagógico, e uma proposta de apoio no processo da aprendizagem dos estudantes.

A aplicabilidade dos jogos e brincadeiras é importante, pois o lúdico sempre teve um papel relevante no processo pedagógico e de socialização dos estudantes não somente na Educação Infantil, mas também no Fundamental I e II. Deve-se buscar sempre o novo e o dinâmico a ser trabalhado, pois é o que chama a atenção dos alunos para aprender de uma forma diferente.

Dessa maneira, a motivação da ludicidade na psicopedagogia para essa pesquisa está relacionada aos benefícios das atividades que o brincar traz para o desenvolvimento dos estudantes,

Ao utilizar o brinquedo nas aulas como material pedagógico, é importante que o professor não se deixe levar por uma liberdade de exploração, ou seja, simplesmente deixe os alunos em um determinado espaço e consciência de suas ações brincando sem nenhuma orientação e consciência de suas ações. Deve haver planejamento, e as atividades devem ser mediadas pelo professor, desafiando os alunos na resolução de problemas, aumentando o repertório de respostas para suas ações, estimulando a sua criatividade e, principalmente, contribuindo para sua formação (Teixeira, 2014, p. 67 *apud* Rodrigues, 2017, p. 69)

Consequentemente ao analisar a importância do lúdico na Educação, e discorrer na atuação de ensino e aprendizagem aplicada em sala de aula quando direcionada e acompanhada por educadores faz com que o aproveitamento pelos educandos seja, positivo na agregação

do conhecimento motivando o desejo de aprender, a imaginação e a criticidade. Se a realização do lúdico na educação possui todo um poder de transformação sua utilização no atendimento prestado aos pacientes ajudará como uma válvula propulsora durante o processo de atendimento psicopedagógico.

Esta pesquisa, vem mostrar a importância do lúdico na Educação onde há a abertura de uma gama de conhecimentos que despertem no educando a imaginação, habilidade desenvolvendo a partir do brincar o desejo de aprender de forma prazerosa onde as atividades aplicadas não são um passatempo, mas trazem em si a intencionalidade em passar um conhecimento que virá a ser de importância durante cada fase da vida.

Assim partindo desse contexto destaca-se três questões norteadoras: Qual o propósito das sessões lúdicas na conjuntura psicopedagógica? Quais as atividades lúdicas que podem ser utilizadas na psicopedagogia? Qual a importância da ludicidade para o trabalho do psicopedagogo?

Atualmente, observa-se grande importância que o lúdico têm no processo de ensino e aprendizagem porque os estudantes aprendem de forma satisfatória nas diversas áreas do conhecimento, percebe-se a importância da aplicação da ludicidade ao processo de atendimentos psicopedagógicos dos pacientes, desta forma constatar que os educandos aprendem mais com a inserção do brincar que o lúdico traz ao transformar os conteúdos educacionais, sociais, culturais em uma aprendizagem leve e satisfatória para o desenvolvimento integral do indivíduo.

Assim os educadores e psicopedagogos precisam ter o comprometimento em trabalhar o brincar como um meio de aplicabilidade da aprendizagem tendo seu conhecimento valorizado e associando novos conhecimentos com sua realidade de forma significativa e prazerosa, deve se haver sempre o diálogo entre o paciente e o psicopedagogo para que as atividades lúdicas propiciam o desenvolvimento.

O psicopedagogo deve conhecer o processo de ensino-aprendizagem do educando, para que possa atuar de forma positiva no processo de desenvolvimento da mesma. Por isso, a importância de entender dos jogos e brincadeiras durante a vivência e crescimento do indivíduo e, na prática pedagógica, tanto na vida social, na cultura, na escola a vivência da ludicidade propicia uma gama de aprendizado. O lúdico junto a Pedagogia contribuirá não só na identificação dos problemas trazidos pelos pacientes como meio para desenvolver a aprendizagem significativa, transformando através das intervenções psicopedagógicas a partir da aplicação de jogos e

brincadeiras voltadas à aprendizagem delimitando e tratando do problema de maneira, a pôr fim ou controlá-lo.

Assim, apresenta-se como objetivos, compreender o que é ludicidade como ela ocorre no processo de ensino-aprendizagem dos alunos nos diferentes espaços educacionais e de apoio aos estudantes e os desafios para sua aplicação na área pedagógica e psicopedagógicas para os profissionais (professores e psicopedagogos). Baseando na pesquisa, traçamos também como objetivo estabelecer e descrever como as atividades lúdicas são trabalhadas no processo de aprendizagem e apropriação do conhecimento educacional nas diferentes especificidades dos estudantes; discutir como a ludicidade pode ajudar na aprendizagem dos educandos com dificuldades; construir elementos de uma proposta em conjunto para o atendimento dos educandos com dificuldades, para a realização de atividades lúdicas para o atendimento psicopedagógicos.

Esta pesquisa foi organizada em três tópicos para melhor compreensão do tema proposto: 1) A relevância do lúdico no processo de aprendizagem como intervenção psicopedagógicas: aborda o brincar e a utilização de jogos e sua fundamentação teórica referente ao tema do trabalho; 2) a Metodologia a ser aplicada na pesquisa. Nesse item relata-se um pouco sobre o espaço escolar, e faz-se uma descrição de como foi feita a coleta de dados, os instrumentos que foram utilizados, como também descrever os sujeitos participantes da pesquisa. Trata-se dos caminhos desde o início até chegar ao resultado final; e 3) O lúdico aplicado no atendimento psicopedagógico o desenvolvimento do educando e os resultados da pesquisa: mostra-se os benefícios do brincar no atendimento dos educandos com algum déficit ou problemas sócio e emocional e, os resultados atingidos.

A relevância do lúdico no processo de aprendizagem como intervenção psicopedagógicas

A escola é um ambiente onde se proporcionam práticas pedagógicas e sociais, que valorizam as diferentes habilidades de cada um. As estratégias de trabalho são planejadas para contemplar todos os estudantes com equidade. É muito importante que o lúdico dentro das escolas, no trabalho do educador, seja ressignificado. E a Psicopedagogia estudando o processo de aprendizagem propõe algumas contribuições para que isso possa ser ressignificado. A ressignificação do lúdico é repensar no lúdico de forma

que existe uma relação muito íntima entre o aprender e o brincar, é fazer do aprender uma forma prazerosa para o educando. Ao brincar ele também está aprendendo, está usando todas as funções que precisam ser desenvolvidas, de uma maneira que ele goste que não sinta o desprazer de aprender.

É muito importante o fazer do uso psicopedagógico, mudar o foco dentro da escola do individual para o grupal. Usar o lúdico de forma que o prazer aconteça é fazer com que leve a aprendizagem para o grupo, muitas vezes essa ludicidade vai aparecer nas relações. Os jogos, e as brincadeiras podem levar ao desenvolvimento de algumas funções importantes e são potencializadas nas atividades feitas em grupo. Com isso, facilita que o sujeito passe do individual para o grupal de uma maneira adequada e significativa.

O lúdico como prática interventiva acontecerá a partir do momento em que o educador, o psicopedagogo usa essa função a partir da atitude operativa na aprendizagem. Promover situações em que se movimenta o grupo que está trabalhando é fundamental. Dessa forma é importante saber usar a brincadeira, o lúdico como intervenção na aprendizagem.

O jogo tem a função de transformar a ação educativa, o educador precisa de uma apropriação diferenciada do lúdico, quando ele planeja a sua ação pedagógica é importante que o jogo não seja usado apenas como um apoio, quando educador não sabe o que fazer. É preciso que neste momento tenha uma atitude operativa e faça realmente uma intervenção na aprendizagem. O apoio do lúdico precisa ser significativo para aprendizagem, para que aconteça de forma prazerosa

O jogo é constituído por regras, o brinquedo é entendido como o objeto e a brincadeira é ação de brincar e se divertir sem uma estrutura fixa. Independente do conceito de jogo, brinquedo e brincadeira eles estão intimamente ligados um ajuda na estrutura do outro.

A possibilidade da criança ressignificar o mundo externo a partir de conteúdos simbólicos é essencial. Para que ela possa entender o mundo externo de forma significativa, para que possa ocupar os estímulos, o desenvolvimento, a aprendizagem, simboliza o mundo externo a partir de seus próprios conteúdos. Quando suas vivências se dão a partir do lúdico, simboliza com mais facilidade e enfrenta a realidade com mais tranquilidade

Nas intervenções psicopedagógicas o jogo é utilizado para o educando estabelecer relações com sua aprendizagem, uma estratégia que

indica caminhos para que ele supere suas dificuldades cognitivas, motoras e sociais. Sendo assim, terá autonomia de superar seus anseios.

Porém, ocorrem situações em que alguns estudantes apresentam ainda mais dificuldades de aprendizagem. O corpo docente das unidades escolares deve direcionar um olhar sensível e acolhedor que os encoraje a enfrentarem os desafios no processo do ensino/aprendizagem. Para auxiliar esses alunos a superar suas inseguranças é importante uma intervenção psicopedagógica que os levam a superar suas limitações. Após a anamnese inicia-se uma conversa com uma atividade quebra gelo, que consiste em propostas lúdicas, para criar vínculo afetivo com o indivíduo.

Leny Magalhães Mrech destaca que:

A intervenção psicopedagógica veio introduzir uma contribuição mais rica no enfoque pedagógico. O processo de aprendizagem da criança é compreendido como um processo pluricausal, abrangente, implicando componentes de vários eixos de estruturação: afetivos, cognitivos, motores, sociais, econômicos, políticos etc. A causa do processo de aprendizagem, bem como das dificuldades de aprendizagem, deixa de ser localizada somente no aluno e no professor e passa a ser vista como um processo maior com inúmeras variáveis que precisam ser apreendidas com bastante cuidado pelo professor e psicopedagogo (Mrech, 2011 p. 122).

O lúdico traz grandes benefícios no processo de aprendizagem como intervenção psicopedagógica, pois estimula a criatividade, pensamento crítico e solucionar problemas. Motiva o interesse e o envolvimento do sujeito em sua capacidade cognitiva e social. Dessa forma, a aprendizagem se torna significativa, relacionando noções teóricas à prática. A brincadeira desenvolve o controle emocional auxiliando o paciente a controlar suas emoções e desenvolver sua autoestima, além de ser uma maneira prazerosa de aprender, estimula a interação e a cooperação.

Como intervenção psicopedagógica os jogos e os brinquedos desempenham grandes benefícios no desenvolvimento do conhecimento e dos saberes, proporcionados através da interação da criança, adolescente ou adulto com brinquedos e jogos. Assim afirma Leny Magalhães Mrech “discutir alguns aspectos fundamentais na estruturação do processo psicopedagógico tendo em vista a construção do conhecimento e do saber por parte da criança através do uso de brinquedos e jogos.” (Mrech, 2011, p.122)

Nas intervenções psicopedagógicas são identificadas as necessidades específicas de aprendizagem, elaborando planos individualizados de

intervenção. Na atuação dos atendimentos personalizados, utiliza-se técnicas lúdicas para favorecer a aprendizagem. As avaliações são monitoradas e ajustadas de acordo com o progresso do indivíduo durante os atendimentos.

Como sanar as dificuldades de aprendizagem na educação, com o brincar em atendimento psicopedagógico.

O brincar é uma ferramenta poderosa no atendimento psicopedagógico, pois promove o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. No contexto da Psicopedagogia, o ato de brincar não é apenas uma forma de entretenimento, mas sim uma estratégia educativa para diagnosticar e intervir nas dificuldades de aprendizagem. Veja algumas formas de como o brincar pode ajudar a sanar essas dificuldades:

- **Diagnóstico e Observação - Expressão Natural:** Através do brincar, a criança expressa suas emoções, inseguranças, habilidades e dificuldades de maneira espontânea, o que facilita o psicopedagogo a identificar áreas específicas onde ela encontra obstáculos.
- **Estilo de Aprendizagem:** O brincar revela como a criança interage com o mundo ao seu redor. Brincadeiras que envolvem lógica, memória e criatividade ajudam a identificar o estilo de aprendizagem e quais métodos são mais eficazes para a criança.
- **Desenvolvimento Cognitivo e Linguístico - Estímulo à Imaginação e Criatividade:** Brincadeiras como contação de histórias e jogos de faz-de-conta ajudam a desenvolver habilidades linguísticas e a capacidade de abstração, essenciais para o aprendizado.
- **Raciocínio Lógico:** Jogos de construção, quebra-cabeças e atividades de sequência promovem o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático, o que é essencial em matérias como matemática e ciências.
- **Regulação Emocional e Social - Autoestima e Segurança:** Atividades lúdicas bem-sucedidas promovem um sentimento de realização, melhorando a autoestima da criança. Quando se sente confiante, ela tende a se engajar mais no processo de aprendizagem. **Habilidades Sociais:** brincadeiras em grupo ensinam a criança a trabalhar em equipe, lidar com regras e

resolver conflitos, o que pode facilitar a socialização na escola e nas atividades de aprendizado em sala de aula.

- Fortalecimento da Atenção e Concentração - Jogos que exigem concentração: Atividades como jogos de memória e jogos de tabuleiro estimulam a criança a focar em uma tarefa por períodos mais longos, desenvolvendo a capacidade de concentração, fundamental para o aprendizado. Controle de Impulsividade: Alguns jogos exigem que a criança espere a sua vez e pense antes de agir, ajudando a desenvolver autocontrole, uma habilidade importante para a compreensão de matérias mais complexas.
- Adaptação e Personalização do Ensino - Planejamento de Intervenções Específicas: com base nas brincadeiras e nos interesses da criança, o psicopedagogo pode criar atividades personalizadas que envolvam jogos educativos, promovendo a superação de dificuldades específicas. Introdução de Métodos Lúdicos: A Introdução de jogos relacionados a letras, números e conteúdos acadêmicos ajuda a integrar o aprendizado formal com uma abordagem prática, facilitando a memorização e compreensão dos conteúdos.

Portanto, o brincar permite uma abordagem integral, onde o psicopedagogo não apenas ensina, mas facilita o aprendizado, promovendo a superação das dificuldades de uma maneira que respeita o desenvolvimento natural da criança.

Sanar dificuldades de aprendizagem por meio do brincar no atendimento psicopedagógico, envolve integrar atividades lúdicas que promovam o desenvolvimento cognitivo, emocional e social da criança. O brincar permite que a criança se expresse livremente e, ao mesmo tempo, favorece o desenvolvimento de habilidades essenciais para a aprendizagem. Abaixo estão algumas estratégias práticas sobre como o brincar pode ajudar nesse contexto:

- Identificação de Dificuldades por Meio do Brincar - Expressão Espontânea: durante as brincadeiras, a criança se expressa de maneira autêntica, permitindo ao psicopedagogo observar bloqueios, inseguranças e áreas específicas de dificuldade. Observação de Estilos de Aprendizagem: a forma como a criança brinca revela seu estilo de aprendizagem (visual,

auditivo, cinestésico, etc.), o que facilita a adaptação das intervenções às suas necessidades.

- Fortalecimento das Habilidades Cognitivas - Jogos de Raciocínio e Lógica: atividades como quebra-cabeças e jogos de tabuleiro ajudam a desenvolver o pensamento lógico e a resolução de problemas, habilidades fundamentais para o aprendizado de matemática e ciências. Brincadeiras de Memória e Atenção: jogos de memória ou atividades que envolvem concentração ajudam a criança a fortalecer a atenção e a memória, habilidades importantes para acompanhar conteúdos acadêmicos.
- Desenvolvimento da Linguagem e Comunicação - Jogos de Faz-de-Conta: brincadeiras simbólicas (como brincar de casinha ou de super-heróis) incentivam a criança a construir narrativas e expressar emoções, promovendo o desenvolvimento da linguagem e a capacidade de se comunicar com clareza. Leitura e Contação de Histórias: através da leitura lúdica ou da criação de histórias, a criança melhora seu vocabulário, compreensão textual e a capacidade de interpretação, importantes para disciplinas como português.
- Regulação Emocional e Habilidades Sociais - Jogos de Regras: atividades com regras e turnos ensinam a criança a esperar a sua vez, a lidar com a frustração e a aceitar o erro, o que contribui para a construção de uma postura mais resiliente diante de desafios de aprendizagem. Brincadeiras em Grupo: jogos cooperativos incentivam o trabalho em equipe, a empatia e a socialização, ajudando a criança a se sentir mais segura e confortável em contextos de aprendizado coletivo.
- Aumento da Motivação e Interesse pela Aprendizagem - Integração de Jogos com Conteúdo Acadêmico: o uso de jogos educativos que envolvam números, letras ou conceitos científicos desperta o interesse da criança pelo conteúdo escolar de forma divertida, promovendo o engajamento. Atividades Baseadas em Interesses Pessoais: ao incorporar os interesses da criança nas atividades lúdicas (como personagens ou temas que ela goste), o psicopedagogo torna o aprendizado mais atraente e relevante para ela.
- Desenvolvimento do Autocontrole e da Autonomia - Jogos de Espera e Planejamento: jogos que envolvem planejamento e

autocontrole ajudam a criança a aprender a controlar impulsos e a pensar antes de agir, o que é importante para atividades que exigem concentração prolongada. Resolução de Conflitos nas Brincadeiras: ajudar a criança a resolver conflitos de forma pacífica durante o brincar melhora suas habilidades de autocontrole e de tomada de decisão, fundamentais para o aprendizado autônomo.

- Adaptação do Ensino com Base na Observação - Intervenções Personalizadas: observando a criança em diferentes atividades lúdicas, o psicopedagogo pode identificar as áreas onde ela precisa de mais ajuda e adaptar suas abordagens de acordo com os pontos fortes e fracos observados. Progressão Gradual nas Atividades: o psicopedagogo pode planejar atividades lúdicas que evoluem em complexidade conforme a criança avança, facilitando a superação gradual das dificuldades sem pressão.

Essas práticas contribuem para um desenvolvimento integral, criando um ambiente de aprendizagem acolhedor e eficaz. O brincar se torna, assim, uma ponte entre as dificuldades da criança e o sucesso no aprendizado.

O lúdico no atendimento pedagógico/psicopedagógico

O pedagogo e o psicopedagogo, estão sempre buscando novas formas de ensinar e aprender. Para tanto, as diversas metodologias existentes são imprescindíveis aliadas no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes. Quando considerado os avanços científicos onde demonstram que as formas tradicionais do ensino não contribuem integralmente na aprendizagem e desenvolvimento, mostrando a necessidade constante de modificações e aperfeiçoamento do modelo aplicado. Quando o profissional realiza seus atendimentos busca sempre novas metodologias de ensino e aprendizagem, aliado a ciência, a diversos estudos e fundamentos seja: a Pedagogia, Psicologia, Neurologia, Psicanálise e outros estudos que são de extrema importância para o atendimento e desenvolvimento dos seus pacientes/educandos.

Quando tratamos do lúdico aplicado ao atendimento pedagógico e psicopedagógico, não se trata de desenvolvermos um atendimento voltado só a brincadeiras e jogos como num processo de diversão com papel aleatório, ele vai além do lúdico, auxilia através dos jogos, no brincar o

processo de ensino-aprendizagem, ao mesmo tempo em que proporciona prazer através da garantia de diversão diante das atividades que vão intervir no déficit de aprendizagem ou problemas sócios e emocionais.

O lúdico assim, faz parte de um conjunto linguístico, que dentro de um contexto social e cultural, tem um papel simbólico com regras e propostas que desenvolvem a cognição, a coordenação, a lateralidade, o pensamento lógico, estratégico, a criticidade. A ludicidade se colocada em prática, propicia grandes benefícios para os educandos, pois ela possibilita a interação social, desperta a criatividade, entre outras vantagens, como descreve Almeida (2008):

A educação lúdica contribui e influencia na formação da criança, possibilitando um crescimento sadio, um enriquecimento permanente, integrando-se ao mais alto espírito democrático enquanto investe em uma produção séria do conhecimento. A sua prática exige a participação franca, criativa, livre, crítica, promovendo a interação social e tendo em vista o forte compromisso de transformação e modificação do meio. (Almeida, 2008, p. 41).

As atividades lúdicas inseridas com os estudantes ajudam a desempenhar habilidades cognitivas e socioemocionais, que vão ao encontro e a busca integral da formação, uma vez que para haver uma formação completa destes estudantes, faz necessário não só aplicação de conteúdos educacionais, mas também os conhecimentos de diferentes e diversificadas habilidades. O lúdico pode ser explorado, no contexto educacional, através de jogos e brincadeiras, que possuem uma intensa significância para a aprendizagem. Quando o professor, ou psicopedagogo faz o acompanhamento do aluno utilizando a intervenção de jogos, brinquedos, brincadeiras, educando acaba tendo um interesse maior pela aprendizagem, pois, o uso do lúdico, se torna algo prazeroso e chamativo a sua atenção.

A atividade lúdica é aquela que dá plenitude e, por isso, prazer ao ser humano, seja como exercício, seja como jogo simbólico, seja como jogo de regras. Os jogos apresentam múltiplas possibilidades de interação consigo mesmo e com os outros (Luckesi, 1998, p. 29).

Portanto, o psicopedagogo é o agente mediador responsável pelas brincadeiras, mas nem sempre será o agente principal para o sucesso ou o insucesso dos objetivos pré-estabelecidos. Para que consigam ter resultados significativos, o profissional precisa estudar, conhecer, organizar e refletir o que pretende alcançar, para que aplicação do brincar seja um momento divertido e de aprendizagem

Observação geral do brincar como proposta pedagógica e psicopedagógicas

Nos trabalhos aplicados em sala de aula, os professores seguem uma rotina, na Educação Infantil cantando uma música de bom dia/boa tarde, logo em seguida inicia a chamada, depois café ou almoço, e logo após, começa as atividades do dia, que geralmente são duas. No ensino Fundamental quando não há aula de outro professor no dia: de inglês, artes ou educação física, é dada somente atividades xerocopiada, ou aplicação de textos na lousa ou leitura e a cópia de livros com extensos textos, o que não atrai o estudante, na maioria das vezes não apresenta interesse e motivação em realizar a atividade solicitada. Essa rotina se dá pela maioria dos professores onde esporadicamente encontramos trabalhos diferentes ou momentos diferenciados que mudam a rotina, quando há mudança, em sua maioria ocorre em datas comemorativas, projetos que reúnam as turmas para fazer algo diferente, como dar um filme; convidar um palestrante; ou levarem para fazer uma visita em algum espaço. Já no atendimento psicopedagógico, montamos uma anamnese colhendo dados que são fornecidos conforme o acompanhamento, com conversas com estudantes e pais, e então montamos um cronograma de atendimento que vai entre 10 a 15 sessões de início.

Na Educação Infantil a recreação das crianças, se dá através de brinquedos industrializados, dentro da sala de aula, ou vão para o pátio ou para o parquinho brincar no balanço e escorregador, podendo levar brinquedos. No Ensino Fundamental isso ocorre nos horários do intervalo que em sua maioria se dá entre 15 a 20 minutos, porém, não encontramos mais os brinquedos, uma vez ou outra uma bola e brincadeiras de pega-pega que por muitos momentos são interrompidos com o diálogo que podem a vir a machucar a si ou ao colega, uma vez que esses espaços são pequenos e com aglomeração de estudantes devido às várias salas que se encontram no intervalo.

Partindo ao que foi colocado acima, observamos uma aprendizagem engessada e repetitiva com pouca ou nenhuma criatividade o que leva a pensar, onde está todo o processo de ludicidade tão citada e referenciada na Educação e, em especial na Educação Infantil. Outro patamar ao observarmos na Educação do Ensino Fundamental encontramos um abismo, pois o brincar passa a fazer parte durante os intervalos dos estudantes que ainda são crianças, ou em fase pré-adolescentes para adolescentes, onde ocorre

uma cobrança de atitudes mais responsáveis e ações mais maduras trazendo assim, uma confusão a esse estudante, que estando em um determinado estágio se vê a todo momento forçado e direcionado a atitudes adultas de forma imposta o que dificulta o seu entendimento já que ainda não saiu determinado estágio e se vê forçado a ter outro comportamento diferente do que ele está ou estava vivendo, pois o processo ainda não está claro em sua mente e por muitas vezes nem foi trabalho de forma correta para que o educando comece esse processo de entendimento ao qual Piaget o descreve como Estágios do Desenvolvimento.

No contexto do brincar como proposta pedagógica é observado que dependendo como se é trabalhado esse brincar não é proporcionado ao educando o desenvolvimento real de novas habilidades através do lúdico. Portanto, pensando assim Brougère (2010, p. 82), contribui dizendo:

A brincadeira é, antes de tudo, uma confrontação com a cultura. Na brincadeira, a criança se relaciona com conteúdos culturais que ela reproduz e transforma, dos quais ela se apropria e lhes dá significação. A brincadeira é a entrada na cultura, numa cultura particular, tal como ela existe num dado momento, mas com todo o seu peso histórico (Brougère, 2010, p. 82).

Brougère (2010) descreve a brincadeira como um elemento de cultura que a todo o momento, a ser realizada pelos alunos cria e recria formando a sua cultura, partindo de um momento histórico na vida dela.

Por isso, a proposta é que nos momentos das brincadeiras e dos jogos tenham um mediador que antecedendo a esse momento, preparando a proposta do brincar de forma pedagógica e durante sua realização interaja com elas. Pois durante esses momentos lúdicos, o educando sempre aprende entre eles e, buscam socializar suas experiências com os adultos nestes momentos o educador deve se manter atento para a apropriação que está ocorrendo durante o desenvolvimento da atividade proposta.

Percurso teórico-metodológico para pesquisa

Para a elaboração desse capítulo foi utilizada a pesquisa bibliográfica e de campo, com abordagem qualitativa, assim como, diálogo orientado. A coleta dos dados foi realizada diretamente com os alunos em sala de aula, baseada em pequenas amostras que proporcionam a compreensão do contexto do problema.

A seguir serão relatados trabalhos realizados em duas escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental a coleta dos dados foi realizada diretamente com os alunos em sala de aula, baseada em pequenas amostras que proporcionaram a compreensão do contexto do problema.

Primeiro contexto: perfil composto por uma sala de aula formada por aproximadamente vinte e cinco alunos. O projeto envolveu o lúdico e deu-se a partir da análise levantada sobre a dispersão de aproximadamente cinco dos estudantes em um grupo de vinte e três crianças que durante as aulas mantinham-se dispersas do ambiente sala de aula, ora em situação de conflito, ou com brincadeiras constantes de lutas e cambalhotas ou extremamente agitado ou apático de maneira que a interferência da ação deste pequeno grupo estava a causar uma desestabilidade não só na aplicabilidade do conteúdo a ser trabalhado diariamente como emocionalmente junto ao grupo que se tornava disperso, muito agitado, extremamente irritado com o excesso de barulho (bagunça); outro momento estava em situação de conflito ou brincadeiras não convencionais, luta, tiro, cambalhotas dentro do espaço de sala de aula um tanto limitado e também nos demais espaços como refeitório, parque, sala de vídeo e quadra. Um outro fator importante é que em todo este processo necessitava da intervenção constante das educadoras que se viam a todo o momento a dizer não, ou falando em tom alto de modo a causar uma desestabilização emocional que estava a gerar uma situação estressante isso com aproximadamente cinco meses do ano letivo.

Segundo contexto: devido às dificuldades de alfabetização e letramento de estudantes do Ensino Fundamental II, ao qual vão desde não alfabetização, reconhecimento de sílabas e palavras, a não realização da leitura ou escrita cursiva e outros em letra bastão. Foram reunidos cerca de doze estudantes e ao avaliar o perfil, que era desde dispersão, ou timidez em excesso entre questões de extrema alegria e agitação, a irritação e brigas estava voltado às dificuldades de aprendizagem.

Assim iniciamos os projetos em ambos os grupos, as propostas foram atreladas ao lúdico com jogos, brinquedos, brincadeiras, músicas, diálogo e parceria.

No **primeiro contexto**, foi realizado o projeto com as atividades de maneira sequenciadas no processo de apropriação e aprendizagem com o objetivo desenvolver um trabalho com a proposta da sequenciação do conteúdo curricular utilizando músicas e o lúdico, atividades mostrando

que o jogo da sequenciação irá desenvolver na criança a apropriação de maneira espontânea e divertida. Utilizando a música associada a diferentes portadores de comunicação que se deram desde o resgate de brincadeiras, ao jogo educacional, ao PPA da instituição a utilização da Tecnologia da Informação com diferentes recursos de multimídia num processo de construção constante realizada pelo educando.

No segundo semestre damos início ao Projeto Música/Projeto Identidade que nos deu um retorno junto às crianças de forma positiva pois, o grupo se mostrou a todo momento atento às aulas, interagindo positivamente nas rodas de História, conversa, espaços escolares, atividades e brincadeiras programáticas.

As fotos 1 e 2 são o resultado dos trabalhos realizados durante o segundo semestre com os estudantes onde de início seria confeccionado o “Livrão de músicas”, onde eram realizadas atividades ligadas às músicas infantis, e os estudantes faziam desde colagem, pintura sempre utilizando materiais diferentes. Também junto à proposta tínhamos brincadeiras ligadas ao tema, e a montagem do cartaz.



O retorno foi percebido tanto em sala de aula pelas educadoras e também pelos os pais que notaram o interesse dos filhos em vir para a escola. Quando os filhos ensinavam a eles as músicas cantadas, contavam as histórias, e as atividades realizadas, além da cobrança que os pais aprendessem as suas músicas, o que fez com que os pais solicitassem a escrita da músicas que por fim trouxe a produção do livro de músicas que foi confeccionado por seus filhos e entregue a eles no final do ano uma vez que a proposta inicial foi somente o Livrão.

As fotos 3 e 4 O cartaz da “Música Pipoquinha e da Ovelhinha” pipoquinha na panela e o cartaz envolviam se na confecção de bolinhas de papel crepom e as crianças sorteiam um número e iam colando as pipoquinhas, enquanto aprendiam.



As fotos 5 e 6 mostram o cartaz da música *Parabéns* onde trabalhamos formas geométricas e cores primárias, crianças realizaram atividades também em sulfite com colagem, trabalharam com diferentes tipos de papel, assistiram sempre filmes educativos e realizaram a leitura de livros ligados ao tema e brincadeiras.



As fotos 7 e 8 mostram o cartaz da música “Se Eu Fosse Um Peixinho” onde trabalhamos um pouco do *Projeto Identidade* com a colagem dos nomes nos barquinhos, onde entre nomes diferentes eles tinham que encontrar os deles e colarem, e no outro eles ligavam o peixinho

ao bonequinho e a inicial do nome deles, bonequinho e peixinho que eles pintaram.



As fotos seguintes destacam o cartaz das “Cores Primárias” em que foi realizado a pintura de balões o recorte e brincadeiras com bexiga, onde os alunos tentaram encher, e depois colocamos uma no pé de cada um amarrado em um cordão e com as mãos para trás os estudantes tentaram estourar o do pé do coleguinha.



No **segundo contexto** devido às dificuldades de alfabetização e letramento dos estudantes do Ensino Fundamental II do 6º ao 9º ano, ao qual apresentam diferentes dificuldades desde não alfabetização, reconhecimento de sílabas e palavras, a não realização da leitura ou escrita em letra cursiva ou em letra bastão, disgrafia, problemas com cálculos matemáticos e comportamentais, desde dispersão ou timidez em

excesso, entre questões de extrema alegria e agitação, a irritação e brigas potencializando as problemas de aprendizagem, dificultando o andamento das aulas, uma vez que esses estudantes por não conseguirem acompanhar a turma não realizavam as atividades e também dispersavam os outros colegas de sala e o andamento da aula como um todo. Também tínhamos a preocupação da formação que estava obtendo esse educando uma vez que não conseguia acompanhar e nem avançar nos estudos a cada novo ano.

Nas fotos 1 e 2 mostra que o grupo se reuniu na sala de leitura depois de uma aula prática sobre a formação das sílabas e seus fonemas para jogarmos o UNO das sílabas montados para o projeto.



Passamos então ao trabalho com leitura em lousa e a cópia em caderno de caligrafia, mas o diferencial deu-se quando colocamos o lúdico através do brincar e dos jogos. Outro trabalho importante desses encontros é que realizamos tanto individual, quanto em grupo em sessões onde eles conversavam sobre suas dificuldades, medos, família e sonhos. Isso fez com que a resistência que muitos tinham em participar do Projeto de Reforço Escolar se tornasse uma necessidade, tanto para o aprendizado como em um momento de diálogo, desabafo e construção de amizades com crianças com diferentes dificuldades e idades, formando novos laços de amizades e parcerias.

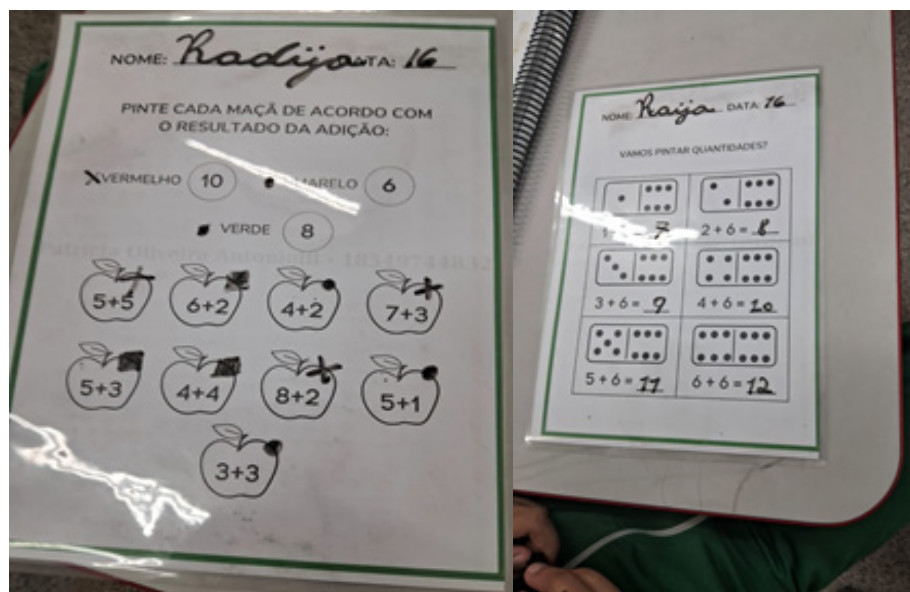
As fotos 3 e 4 destacam a atividade em que os estudantes ora tinham que utilizar o alfabeto móvel ou escrever em letra de mão, montamos duplas o trio e utilizando de um período de tempo quem terminasse primeiro receberia um ponto.



As fotos 5 e 6 mostram o estudante a partir da imagem busca as palavras, depois as sílabas, as letras, por fim realizava a escrita. Foi determinado o período de 50 minutos em que o estudante ficava livre para realizar as estratégias e criar suas regras, eles só sabiam que tinha um tempo e que seus amigos também iriam participar em momentos diferentes.



Nas fotos seguintes mostra-se que o estudante posteriormente tinha realizado o jogo do bingo, e de dominó e por fim fazia as operações.



Considerações finais

Na pesquisa aplicada percorremos com o lúdico o objetivo de alcançarmos um propósito - o desenvolvimento dos estudantes que apresentavam algum tipo de dificuldade, que se dava desde a socialização como no aprendizado escolar.

Após conhecermos a turma e realizamos o diagnóstico montando um plano de aula mais básico e tradicional com o objetivo de conhecer cada estudante individualmente e em grupo. Depois passou-se para um modelo mais exploratório, qualitativo, diversificação, sequenciado, apoiando-se no lúdico para trabalhar o desenvolvimento cognitivo, coordenação motora, cálculos e diferentes tipos de linguagens. Desta forma, além de pesquisar o conhecimento trazido pelo estudante durante os atendimentos nas aulas, e respeitar o ser humano em seu todo, ou seja, em sua diversidade avançou-se em aprendizagem.

É preciso entender que há singularidade em cada uma das pessoas envolvidas e que essa singularidade é construída na pluralidade; nas múltiplas etnias, nas pluri-manifestações culturais, corporais, linguísticas. É gostar de ser gente.

Foram utilizados no decorrer da pesquisa, autores que tratam sobre o tema apresentado e a experiência enquanto pedagogas e estudantes de Pós-

Graduação em Psicopedagogia. Os sujeitos envolvidos na pesquisa foram os professores, alunos e as equipes que de alguma forma contribuíram com todo o processo. Os instrumentos utilizados para coletar e a elaboração dos conhecimentos foi o planejamento de atividades partindo de jogos, brinquedos e brincadeiras, de maneira sequenciada observando os estudantes de forma individual e em grupo, partindo da observação dos do cotidiano das crianças no ambiente escolar, em suas brincadeiras, e a relação delas com o seu mediador, entre outros aspectos.

Para o melhor encaminhamento da proposta, foi realizado atividades desenho, pintura, músicas, filmes, brinquedos/ brincadeiras educativas/jogos/ diferentes espaços e materiais, com a intenção de não somente conhecer o estudante, mas compreender e respeitar as suas limitações, sua cultura. Através do brincar, percebe-se como acontece o processo de ensino/aprendizagem por meio do emprego da ludicidade, e o desenvolvimento através do mesmo.

Assim, os instrumentos utilizados para coletar esses dados forma as fotos dos trabalhos e os diferentes momentos de interação dos alunos. Também a troca das experiências dos profissionais e integrantes desta pesquisa por intermédio das anotações posteriormente analisadas no diálogo e referencial teórico aqui disposto.

O foco da pesquisa esteve no atendimento nas modalidades de Ensino Infantil e Ensino Fundamental em sala de aula e no reforço. Logo após a escolha do tema da pesquisa, de imediato é realizado o encontro do grupo, e o levantamento do material, e registrar os elementos relacionados à temática da pesquisa. Os momentos de discussão proporcionaram melhor conhecimento da prática, e da troca de conhecimento e aprendizado, dando ênfase nas metodologias que já haviam sido adotadas e a importância que eles dão nos momentos de planejamento além do conhecimento adquirido através do Curso de Pós-graduação da Faculdade FAEM que nos possibilitou o desbravamento e o conhecimento de que muito que já aplicamos têm um fundamento científico/educacional e, nos tornou melhores profissionais na área que já atuamos e em nossa nova área que adquirimos e estamos nos formando para sermos grandes profissionais enquanto a futuros Psicopedagogos.

Referências

ALMEIDA, Paulo Nunes. **Educação Lúdica, Técnicas e Jogos Pedagógicos**. São Paulo: Loyola, 1995.

AMARAL, Silvia (Coord.). **Psicopedagogia**. Um portal para a inserção social. Ed.Vozes, 2011.

BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho**. Rio de Janeiro: Campus, 1988.

BOSSA, Nadia A. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir prática**, 2. Ed.- Porto Alegre: Artes Médicas Su, 200

BRASIL. **Estatuto da Criança e do adolescente**: Lei n. 8.069, de 1990, e legislação correlatada – 13. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol. 01 e 02.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LEAL, Florência de Lima. **A importância do lúdico na educação infantil**. 2011.42 fls. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Pedagogia). Universidade Federal do Piauí, Picos (PI), 2011.

KISHIMOTO, Tizuko M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 1999

LIBÂNEO, José Carlos. Tendências pedagógicas na prática escolar. *In*: LIBÂNEO, José Carlos.. **Democratização da Escola Pública** – a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992. cap. 1. Disponível em: .

LOPEZ, Marília Ancona (Org). **Psicodiagnóstico: Processo de intervenção**. 3. ed. São Paulo : Cortez, 2002.

MOYLES, Janet. **Só brincar?** O papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2001.

MRECH, Leny Magalhães. O uso de brinquedos e jogos na intervenção psicopedagógica de crianças com necessidades especiais. KISHIMOTO, Tizuko Morchiba (Org). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14 ed, São Paulo: Cortez, 2011.

OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos de.(org) . **A criança e seu desenvolvimento:** perspectivas para se discutir a educação infantil. 5. Ed. Asão Paulo: Cortez, 2012.

RIBEIRO, Antonio de Lima. **Gestão de Pessoas.** São Paulo: Saraiva, 2006.

SILVA, Natália Zanatta da. **A importância do lúdico na Educação Infantil.** 2014. 33 fs. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2014.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Imaginação e criatividade na infância.** 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

WINNICOTT, Donald Woods. **O brincar e a realidade.** Rio de janeiro: Imago, 1975.

RELAÇÃO FAMÍLIA/ESCOLA NO PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Maria Cristina Pereira¹
Rosana Aparecida da Silva²
Rosemeire Ignacio Medeiros³

Introdução

A Psicopedagogia é uma ciência e campo de estudo que investiga a relação entre o aprendizado e a mente do ser humano, buscando formas de melhorar o processo de assimilação de conhecimento das pessoas.

A Psicopedagogia veio a fazer parte dos debates sobre a educação escolar de forma intensa a partir dos anos 1990. Porém, nessa trajetória a definição de sua real atuação como disciplina de intervenção em auxiliar os estudantes com dificuldades de aprendizagem, não era bem compreendido e definido, muitos a confundem com a Pedagogia e a Psicologia.

O nascimento da Psicopedagogia ocorreu na Europa do século XX, na década 1920, momento em que se constitui o primeiro centro de Psicopedagogia do mundo. Alguns estudiosos já apontam que a Psicopedagogia teria nascido no ano de 1946 período em que surgiu os primeiros Centros de Psicopedagógicos na Europa em Paris por Juliette Favez-Boutonier e George Mauco (Ramos, 2009)

O termo psicopedagógico foi utilizado na nomenclatura dos centros clínicos em substituição à expressão “médico-pedagógico” por ser melhor aceito pelos pais para encaminhar seus filhos para consultas psicopedagógicas (Ramos, 2009).

A Psicopedagogia iniciada tinha como objetivo central auxiliar as crianças e os adolescentes que apresentavam dificuldades de comportamento

1 Pedagogia, Psicopedagoga. E-mail: maria.cristina12111@educacaoembudasartes.com

2 Pedagogia, Psicopedagoga. E-mail: rosana12007@educacaoembudasartes.com

3 Pedagogia, Psicopedagoga. E-mail: rosemeire11658@educacaoembudasartes.com

(escola ou na família), segundo os padrões da época, no intuito de reeducá-las. A prática de da reeducação consistia em identificar e tratar dificuldades de aprendizagem a partir de ações de medição, de classificação de desvios e de elaboração de planos de trabalho. A base do conhecimento utilizado vinha fundamentada da Psicologia, da Psicanálise e da Pedagogia e o tipo de enfoque predominante era o médico pedagógico. Apesar das equipes desses centros serem formadas por diversos profissionais de várias áreas, era o médico o responsável pela realização do diagnóstico do sujeito. Por intermédio de investigação da vida familiar, das relações conjugais, das condições de vida, dos métodos educativos, dos resultados dos testes de QI da pessoa, eram dadas orientações sobre o tipo de tratamento cabível (Ramos, 2009).

Em 1948, além dos casos de comportamento, o estudioso Maurice Debesse inseriu, ainda, na Psicopedagogia a ocorrência de crianças e adolescentes que embora fossem considerados inteligentes, apresentavam problemas de aprendizagem. Nesse caso, o diagnóstico também era de cunho médico-pedagógico e tinha o objetivo e a ação de diferenciar esses sujeitos daqueles em com deficiências físicas, intelectuais e ou sensoriais bem como possibilitar ações reeducadoras que contribuíssem para o desaparecimento de seus sintomas (Ramos, 2009, p. 11).

No Brasil a Psicopedagogia foi implantada a partir dos anos de 1960 e através da Argentina, no momento em que os países latinos passavam por governos ditatoriais e opressores, dessa a Psicopedagogia, da qual chegou de forma clandestina por intermédio de seus exilados políticos (Andrade 2004) e também com enfoque médico-pedagógico e com uma natureza mais prática do que acadêmica.

O tema relação família/escola no processo de ensino-aprendizagem na Educação Infantil visa abordar estudos e pesquisa sobre a importância do acompanhamento familiar na vida escolar das crianças de forma relevante para que ocorra uma aprendizagem significativa para o seu desenvolvimento pleno, cognitivo, social e emocional, garantidos na constituição dos artigos 205, 209, no estatuto da criança (ECA) e na Lei Federal 9.394/96 que estabelece a participação da família e a interação família e escola.

A escolha deste tema foi devido a nossa prática diária na educação infantil tendo em vista, as observações que são feitas diariamente no comportamento e no desenvolvimento de aprendizagem de algumas crianças, e do qual importante a participação diária dos responsáveis nessa

fase para a evolução e aprendizado dos filhos. O contato e a comunicação entre responsáveis e educadores, permite identificar as necessidades e desafios específicos que aflige e interfere no desenvolvimento integral do estudante no ambiente escolar.

O assunto abordado visa discutir e evidenciar que o não cumprimento desses princípios, pode acarretar prejuízos e efeitos desfavoráveis no desempenho escolar dos estudantes a partir desta fase que será à base da inicial para uma educação de qualidade do ensino básico.

Os objetivos deste trabalho são compreender a importância da relação da família e a escola no processo de ensino aprendizagem do estudante de educação infantil, identificar as causas e efeitos negativos e positivos que resultam no desempenho escolar desse estudante, tanto no seu desenvolvimento social, cognitivo e emocional e a partir dos resultados identificados, traçar estratégias com formas e métodos para auxiliar o avanço e superar as dificuldades de aprendizagem.

O tema foi escolhido com o objetivo de estudar e compreender a importância da relação família /escola no processo de ensino aprendizagem do educando com dificuldade no desempenho escolar. A Psicopedagogia atuará de forma a identificar quais os mecanismos ambientais são fatores para dificultar essas habilidades, além de ter um olhar para o estudante e suas capacidades e assim avaliar, diagnosticar e elaborar estratégias de intervenção.

Esse artigo tem como questões norteadoras as seguintes perguntas: De que forma a família interfere no processo de aprendizagem da criança? Quais os principais impactos da afetividade na educação infantil?

De acordo com Cortella (2014) há questões relacionadas ao papel da família na educação. O problema principal mencionado pelo autor é a falta de comunicação.

Cortella (2014) destaca que muitas vezes há uma desconexão entre a escola e a família, onde os pais não estão suficientemente informados ou envolvidos com o que ocorre no ambiente escolar. Essa falta de comunicação pode levar a mal-entendido sobre as expectativas e responsabilidades tanto da escola quanto da família.

Outro problema discutido por Cortella (2014) é a tendência de alguns pais de depositar todas as responsabilidades educacionais na escola, esperando que ela resolva os problemas que deveriam ser abordados em casa. Isso cria uma sobrecarga sobre os educadores e pode prejudicar o

desenvolvimento integral das crianças, que precisam de apoio em casa para se sentirem motivados no aprendizado escolar.

É preciso considerar que essas questões sublinham a importância de uma parceria efetiva entre família e escolas para promover uma educação mais completa e eficaz (Cortella, 2014).

Para o autor um forte vínculo entre família e escola contribui para o desenvolvimento integral da criança, abordando aspectos cognitivos, emocionais, sociais e físicos como um todo.

É preciso salientar que “algumas famílias não estão cumprindo a tarefa de iniciação civilizatória de estabelecer limites, desenvolver hábitos básicos de educar os filhos deixando a cargo da escola, isso desencadeia fatores para o fracasso de aprendizagem das crianças” (Lima, Costa e Rodrigues, s.a.).

A atuação do psicopedagogo na relação família e escola

Quando a família compreende a importância da parceria, da comunicação efetiva, das ações conjuntas, isso propicia um novo modelo de colaboração que é vital o sucesso da educação infantil. Essa interação entre escola e família é fundamental para garantir um aprendizado significativo e que ajude na formação e no desenvolvimento integral dos estudantes.

A ausência de envolvimento da família na educação e a falta de articulação entre família e escola podem trazer diversos problemas que impactam o aprendizado e o desenvolvimento do estudante, bem como, desconexão entre ambientes de aprendizagem, baixa motivação e desempenho escolar, problemas comportamentais, evidências de atrasos no desenvolvimento, diminuição da autoestima, dificuldades na comunicação, impacto ao longo prazo.

Para conter esses problemas, é fundamental promover iniciativas que incentivem o envolvimento dos responsáveis na educação dos filhos, além de buscar formas de comunicação eficazes entre a escola e a família.

O psicopedagogo pode realizar diversas intervenções para melhorar a relação entre família e escola visando o benefício do estudante.

- Realizar avaliações diagnósticas para identificar pontos críticos na relação família–escola e compreender as necessidades do estudante.

- Promover encontros com os responsáveis para orientá-los sobre o processo educativo e a importância do apoio familiar, isso inclui oficinas ou grupo de discussão sobre como ajudar os filhos nas atividades escolares.
- Atuar como mediador em situações de conflitos entre família e escola, facilitando a comunicação e ajudando a encontrar soluções conjuntas.
- Oferecer formação continuada aos professores sobre a importância do envolvimento da família e estratégias para incentivar essa participação.
- Criar projetos que envolvam a participação ativa da família como atividade extracurriculares eventos, ambiente colaborativo.
- Oferecer suporte emocional as crianças e famílias para lidar questões que pode impactar o desempenho escolar, ajudando a estabelecer um ambiente mais saudável para a aprendizagem.
- Implementar um sistema de *feedback* regular entra a escola e a família, onde os responsáveis possam acompanhar o progresso de seus filhos e os educadores possam receber notícias sobre o comportamento dos estudantes em casa.

Essas intervenções podem ajudar a fortalecer a parceria entra a família e escola promovendo um ambiente mais favorável e o desenvolvimento e o aprendizado do estudante.

Conclusão

Com a realização deste artigo sobre a relação família e escola na educação infantil, conclui-se que a relação entre família e escola na educação infantil desempenha papel essencial e complementar no desenvolvimento do estudante.

Esta colaboração é fundamental para o progresso do estudante, pois ajuda a entender melhor as necessidades e os desafios enfrentados na educação.

A família oferece o primeiro ambiente de aprendizagem enquanto a escola amplia essa experiência, oferecendo novas oportunidades e conhecimentos. Juntas elas ajudam a formar a base para o desenvolvimento social e emocional e cognitivo da criança.

Um suporte emocional forte tanto em casa quanto na escola é crucial para o bem-estar do estudante e para o seu sucesso acadêmico. A educação infantil não deve ser vista apenas como responsabilidade da escola, mas sim esforço conjunto entre responsáveis, educadores e a comunidade.

Em suma, a integração e o envolvimento ativo da família e a escola são determinantes importantes, para uma educação infantil de qualidade.

Referências

BOSSA, Nádia A. **A Psicopedagogia no Brasil**: contribuições a partir da prática. RS, Artmed, 2007. BRASIL,

BRASIL. Lei nº. 9394 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Acesso em: 28 de junho de 2016.

CORTELLA, Mario Sergio. Educação vs Escolarização (2014). Disponível em: <https://youtu.be/80mB5C5rGzc?si=yklCSaGIAXueY1nv> Acesso em: 19 nov. 2024.

LIMA, Camila Valeria Andrade de; COSTA, Erica Pereira da; RODRIGUES, Regiane Oliveira. **Relação Família e Escola**: Uma Análise Sobre Os Principais Impactos No Processo Ensino-Aprendizagem Da Educação Infantil. CONEDU, s.a. Disponível em: https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2022/TRABALHO__EV174_MD1_ID11948_TB935_04082022145055.pdf. Acesso em: 19 nov. 2024.

RAMOS, Gessica Priscila. Psicopedagogia: aparando Arestas Pela História. **VIDYA**, v. 27, n. 1, p. 9-20, jan./jun., 2007 - Santa Maria, 2009.

OS DESAFIOS ENCONTRADOS NA ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DISLEXIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Elisângela Souza Santos¹

Rafaela Cristina de Rezende Pinto²

Silvia dos Santos Ferreira³

Introdução

A Psicopedagogia, área de conhecimento interdisciplinar, tem como objeto de estudo a aprendizagem humana. É papel fundamental do psicopedagogo potencializá-la e atender as necessidades individuais, no decorrer do processo. O trabalho psicopedagógico pode adquirir caráter preventivo, clínico, terapêutico ou de treinamento, o que amplia sua área de atuação, seja ela escolar orientando professores, realizando diagnósticos, facilitando o processo de aprendizagem, trabalhando as diversas relações humanas que existem nesse espaço; empresarial realizando trabalhos de treinamento de pessoal e melhorando as relações interpessoais na empresa; clínica esclarecendo e atenuando problemas; ou hospitalar atuando junto à equipe multidisciplinar no pós-operatório de cirurgias ou tratamentos que afetem a aprendizagem.

Sabendo dessa importância, surge à motivação de compreender a partir dessa pesquisa o que é preciso para a alfabetização de estudantes com dislexia e quais os desafios que professores enfrentam todos os dias nas salas de aulas para elaboração de conteúdos que garantam que esses alunos possam acompanhar e aprender.

-
- 1 Graduada em Letras pela Universidade Alvorada Plus e em Pedagogia pela FAIC. Psicopedagoga. E-mail: henriqueelisa@gmail.com
 - 2 Graduada em Pedagogia pela Uninove. Psicopedagoga E-mail. rafaela.crisre@gmail.com
 - 3 Graduação em Pedagogia pela Universidade Uninove. Psicopedagoga. E-mail. santosferreirasilvia2016@gmail.com

É importante salientar que a Psicopedagogia é uma área que vem para somar, trabalhando em parceria com os diversos profissionais que atuam em sua área de abrangência. Pensando nas dificuldades de professores em sala de aula que se depara com turmas de 35 alunos, sendo que, também recebem alunos com diversos transtornos e dificuldades de aprendizagem e uma defasagem significativa em sua aprendizagem e é sabido que essas crianças em sua maioria não chegam com um diagnóstico sobre suas condições cognitivas. Este aluno muitas vezes não compreende por que não consegue acompanhar os demais e é rotulado de “incapaz para não utilizar outros termos já usados culturalmente para aqueles indivíduos que não sabe ler ou escrever”.

O psicopedagogo deve auxiliar nas dificuldades dos professores em elaborar atividades psicopedagógicas que facilite a aprendizagem de crianças disléxicas mediando à prática docente, bem como, pode elaborar um portfólio com o professor com as atividades que contemplam as necessidades do educando disléxico. Portanto, essa pesquisa científica no campo da psicopedagógico tem como questões norteadoras: Investigar como a Psicopedagogia pode contribuir com a evolução do aprendizado de crianças e adolescente com dislexia em sala de aula? Como o psicopedagogo pode contribuir com o aprendizado de alunos (as) com dislexia, superar desafios, criar estratégias e habilidades para esses alunos avançarem no ensino e em sala de aula compreendendo os conteúdos programáticos como os demais da sua turma? Esse trabalho em sala de aula não se trata de aulas de reforço, mas, de uma mediação onde o psicopedagogo, juntamente aliado ao planejamento da professora ou professor da sala de aula, contribui para esse aprendizado.

Essa pesquisa é importante para os profissionais da área, pois, trará subsídios significativos para investigações no campo da dislexia de queixas de meninos e meninas na fase escolar com dificuldades na aprendizagem e por considerar a atuação do psicopedagogo como um facilitador para que essas crianças aprendam. É importante também por evidenciar como o olhar do psicopedagogo será um divisor para os profissionais da educação em sala de aula para auxiliar na elaboração de atividades que contemplem para o desenvolvimento cognitivo de alunos com dislexia.

A dislexia é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta habilidades básicas de leitura e linguagem. É considerado um transtorno específico da aprendizagem porque seus sintomas geralmente afetam o desempenho acadêmico de estudantes, sem que haja outra alteração

(neurológica, sensorial ou motora) que justifique as dificuldades observadas. Quando há efetivamente uma deficiência nas funções biológicas que, somada ao seu impacto social, pode comprometer as condições do estudante para acompanhar o ritmo e as exigências de aprendizagem estabelecidas pelo o currículo escolar, levando-o a produzir sentidos subjetivos sobre esse processo, incidindo no próprio processo de aprendizagem. O objetivo geral da pesquisa esta firmado no seguinte contexto: Considerar que o estudante que apresenta problema de aprendizagem necessita ser compreendido na integralidade do sujeito que aprende e não no seu diagnóstico. Buscando fortalecer a pesquisa nos objetivos específicos a seguir: Conceituar que Dislexia não significa impedimento em geral para aprender; desenvolver as habilidades de estudantes disléxicos o inserido em boas situações de aprendizagem; enfatizar a importância da ação pedagógica na sala de aula, por meio da mediação, sendo critério facilitador para alunos com Dislexia.

O menino com dificuldades no aprendizado e no desenvolvimento o que é fora do normal, diverge com outros meios, e para o pedagogo é importante conhecer a peculiaridade do caminho para cada um desses indivíduos (Vygotski, 1997, p. 17)

Vygotski (1997) argumenta sobre o impacto social do defeito¹: O enfrentamento dessa fuga aos padrões de desenvolvimento é considerado pelo autor como processo de compensação, ou seja, cada pessoa encontra caminhos próprios para seu desenvolvimento e, nesse sentido, boas experiências de aprendizagem contribuem na diversificação dos caminhos para que isso ocorra. Portanto, faz necessário que professores sejam mediadores na sala de aula buscando metodologias significativas com atividades que alcance a subjetividade dos alunos, para melhor compreensão dos conteúdos em sala de aula, pois é sem dúvidas que alunos neurodivergentes como os disléxicos aprendem e superam suas dificuldades criando estratégias próprias para que isso ocorra a partir do apoio em sala de aula e a mediação do educador.

Este capítulo propõe uma reflexão sobre as origens, características e dificuldades apresentadas por estudantes com dislexia e as principais diferenças entre o transtorno da dislexia e a dificuldade de aprendizagem. O principal problema que levou a escolha do tema foi à frustração de meninos e meninas que não conseguem desenvolver em sala de aula suas habilidades escolares e cognitivas como leitura e escrita, e dessa forma vão carregando em seus históricos escolares essas dificuldades, que por, mas que o professor

1 Termo usado na época da obra original.

(a) os ajude com aulas de reforço, não tem resultados significativos, portanto, chega-se ao entendimento do quanto isso seria eliminado se nas instituições de ensino tivesse um profissional da Psicopedagogia, para atuar diretamente com esses casos em consonância com a queixa do educador, deixando claro que o atendimento psicopedagógico em sala de aula não é uma sala de recurso ou AEE, e sim um atendimento de investigação e mediação sobre o porquê a criança não aprende, dessa forma a mediação da Psicopedagogia na sala de aula pode contribuir para a superação das dificuldades de aprendizagem e as mudanças na subjetividade de alunos com dislexia.

O que é dislexia?

Dislexia é

Um transtorno específico da aprendizagem, como o nome implica, é diagnosticado diante de déficits específicos na capacidade individual para perceber ou processar informações com eficiência e precisão. Esse transtorno do neurodesenvolvimento manifesta-se, inicialmente, durante os anos de escolaridade formal, caracterizando-se por dificuldades persistentes e prejudiciais nas habilidades básicas acadêmicas de leitura, escrita e/ou matemática (APA, 2013, p. 32).

No DSM-5, a dislexia é encontrada dentro do capítulo sobre *Transtorno Específico de Aprendizagem*, especificamente na parte relacionada com a leitura e a escrita, onde se colocam que a “dislexia é um termo alternativo usado em referência a um padrão de dificuldades de aprendizagem caracterizado por problemas no reconhecimento preciso ou fluente de palavras, problemas de decodificação e dificuldades de ortografia” (APA, 2013, p. 67). Logo, uma pessoa disléxica é aquela que apresenta a dificuldade em associar as letras aos sons (fonemas e grafemas), problema esse que a atrapalha no aprendizado básico de habilidades escolares e que complexifica principalmente o processo de alfabetização, pois, se o indivíduo apresenta um impasse no reconhecimento das letras e das palavras, esse processo para ele será ainda mais difícil.

Segundo o DSM-5, o que pode causar dislexia é o fator genético. “História familiar de dificuldades de leitura (Dislexia) e de alfabetização prediz problemas de alfabetização ou Transtorno Específico da Aprendizagem na prole, indicando o papel combinado de fatores genéticos

e ambientais” (APA, 2013, p. 72). Sendo assim, uma pessoa que possui o transtorno e tem um filho, este tem grandes chances de nascer com o mesmo distúrbio, mas esse não é um fator determinante. Da mesma forma, Hudson (2019) reforça que a dislexia pode ser hereditária e que pessoas que os portadores apresentam dificuldade com a linguagem escrita e, por isso, têm problemas de leitura, escrita e ortografia (Hudson, 2019)

A palavra “dislexia” é comumente utilizada para se referir ao transtorno específico da aprendizagem com prejuízos nas habilidades de leitura e escrita. Características comuns da dislexia incluem dificuldades no reconhecimento preciso e fluente de palavras, na decodificação e na ortografia. Há diferentes graus de dislexia, descritos como leve, moderado e severo. O grau de dislexia baseia-se, em geral, na severidade das dificuldades apresentadas pelo indivíduo.

Transtorno de aprendizagem

O transtorno de aprendizagem é persistente e neurológico. Transtornos como a dislexia, discalculia e disgrafia são condições de origem neurológica, duradouras e que afetam áreas específicas da aprendizagem, como leitura ou matemática. Mesmo com intervenção, as dificuldades permanecem e requerem um diagnóstico clínico especializado.

Exemplo: Uma criança com dislexia tem dificuldade em reconhecer palavras e em interpretar textos, mesmo após reforço escolar.

Dificuldade de aprendizagem

A dificuldade de aprendizagem é temporária e contextual. A dificuldade de aprendizagem surge por fatores externos, como falta de prática, mudança no ambiente escolar ou emocional. Elas são passageiras e podem ser superadas com apoio adequado, como aulas de reforço ou ajustes no método de ensino.

Exemplo: Uma criança pode ter dificuldades em matemática por falta de prática, mas com o tempo e esforço, melhora seu desempenho.

Como diferenciar?

- **Duração: Transtorno** continuamente presente, mesmo com intervenções e **dificuldade**, temporária, melhora com apoio adequado.

- **Severidade:** Transtorno: impacto mais profundo no desempenho escolar e na vida diária. Dificuldade: menos grave, geralmente localizada em áreas específica.

Diagnóstico

- Transtorno requer avaliação clínica feita por profissionais especializados como, por exemplo: Neuropediatra, Psiquiatra infantil, Psicopedagoga, Fonoaudióloga (o) ou uma (um) Psicóloga (o). Além de vários outros especialistas importantes na identificação de um transtorno.
- Dificuldade: Pode ser identificada por pais e professores, através de anamnese, ou seja, uma entrevista ou sondagem sem necessidade de um diagnóstico formal. Por isso, é muito importante identificar essas diferenças permite oferecer o suporte correto para cada criança, garantindo um desenvolvimento mais eficiente.

Dislexia na sala de aula

De acordo com a Associação Brasileira de Dislexia entre 5 e 17% dos estudantes podem apresentar dislexia (Alves, 2023). Apesar de ser um número bastante elevado poucas chegam ao consultório antes dos 9 anos de idade os pais acabam buscando um diagnóstico muito tarde quando a criança já está desgastada e cansada de ser considerada preguiçosa. Diante de uma dificuldade escolar não espere, os pais não devem acreditar na conversa de que cada um tem o seu tempo isso não é verdade, o professor muitas vezes não sabe identificar, desconhecendo os sinais e acaba fazendo julgamentos precoces colocando a criança em situações constrangedoras e traumáticas, desconhecendo Leis como a Lei Federal 14.254/ 21, que assegura o aprendizado de crianças com dislexia e garante a adaptações curriculares. Diversos aspectos podem ser prejudicados caso não se identifique uma dislexia precocemente, na escola as notas baixas, repetidamente, podem provocar baixa autoestima nos estudantes e muito estresse na família, virando muitas vezes uma grande bola de neve.

Quanto mais cedo investigarmos as dificuldades de aprendizagem, menor o impacto negativo na vida do estudante. A dislexia vai muito além das dificuldades na leitura e escrita. Compreender essas condições

é crucial para apoiar quem enfrenta seus desafios diariamente. A dislexia é neurológica, pois há uma diferença no modo como o cérebro processa as informações e não está relacionada à inteligência, muitas pessoas disléxicas são altamente criativas e possuem habilidades de resolução de problemas impressionantes.

Vai além da leitura, ela pode afetar outras áreas como organização, memória de curto prazo e coordenação. Por isso, o apoio deve ser abrangente, indo além da simples prática de leitura, por ter variedades de sintomas fica ainda mais difícil o professor (a) com sua demanda de planejamento curricular identificar apenas na sondagem dos conteúdos quais alunos apresentam esse transtorno na sua aprendizagem. Não existe uma "dislexia única", alguns disléxicos podem ler, mas têm problemas com ortografia, enquanto outros podem ter mais dificuldades na decodificação de palavras.

Essa condição é para a vida toda embora estratégias e intervenções possam ajudar a lidar com a dislexia, é uma condição de longo prazo o apoio contínuo é essencial, por esse motivo é de extrema importância que o professor tenha o apoio em sua prática de sala de ensino de uma especialista da Psicopedagogia, que o oriente e o acompanhe no diagnóstico com sua turma.

Os principais problemas causados pela dislexia

Segundo o Instituto ABCD, os principais sintomas e dificuldades que um sujeito com dislexia pode apresentar são:

Na linguagem oral:

- Atraso no desenvolvimento da fala;
- Problemas para formar palavras de forma correta, como trocar a ordem dos sons (pipoca em vez de popoca) e confundir palavras semelhantes (umidade / humanidade);
- Erros de pronúncia, incluindo trocas, omissões, substituições, adições e misturas de fonemas;
- Dificuldade para nomear letras, números e cores;
- Dificuldade em atividades de aliteração e rima;
- Dificuldade para se expressar de forma clara.

Na leitura:

- Dificuldade para decodificar palavras;
- Erros no reconhecimento de palavras, mesmo as mais frequentes;
- Leitura oral devagar e incorreta. Pouca fluência, com inadequações de ritmo e entonação, em relação ao esperado para a idade e a escolaridade;
- Compreensão de texto prejudicada como consequência da dificuldade de decodificação;
- Vocabulário reduzido.

Na escrita:

- Erros de soletração e ortografia, mesmo nas palavras mais frequentes;
- Omissões, substituições e inversões de letras e/ou sílabas;
- Dificuldade na produção textual, com velocidade abaixo do esperado para a idade e a escolaridade.

Avaliação psicopedagógica da dislexia

A avaliação psicopedagógica serve como uma ferramenta que fornece subsídios ao psicopedagogo acerca da real situação da escola, auxiliando-o na definição de estratégias de intervenção, tendo em vista as várias dimensões da aprendizagem, como as de origem orgânica, cognitiva e psicossocial (Ito, 2013)

Desse modo, está claro o quanto essas crianças em seu processo de leitura e escrita necessitam de um olhar mais dedicado e de uma avaliação psicopedagógica no decorrer da sua formação educacional e até social, pois a pessoa com dislexia também sofre com a interação social.

A aprendizagem é um processo complexo que implica numa sequência de modificações no comportamento do indivíduo de forma global, físico e biológico (Ciasca, 2003). Portanto, para ler, escrever e calcular depende-se de todas as redes neuronais e sua conexão das áreas cognitivas, dessa forma, se faz necessário um melhor acompanhamento desde cedo, sobretudo para crianças que já trazem queixas escolares sobre as suas dificuldades em sala de aula. Se a criança for logo diagnosticada e acompanhada por um psicopedagogo, seu desenvolvimento e evolução

escolar terão novas etapas e estratégias e eventualmente conseguirá acompanhar a classe.

Conclusão

Conclui-se então que falta muita informação sobre a dislexia nos espaços educacionais. A formação do professor não o capacita para lidar com esse tipo de desafio, ou seja, quando um professor possui um aluno que apresenta sinais específicos da dislexia, é possível que ele não faça a associação entre a dificuldade apresentada pelo aluno e o transtorno. As escolas também não investem em cursos de capacitação para que o professor e os demais funcionários possam atualizar e/ou ampliar seus conhecimentos. Nesse sentido, o presente trabalho desperta uma nova questão que pode ser norteadora para posteriores trabalhos, que se trata da justificativa que os ambientes educacionais têm para não incluir esses debates e os professores para repensar sua prática. Dessa vez, voltado para a lacuna criada pela escola para atender as necessidades de alunos disléxicos.

Portanto, o professor deve buscar adequar suas práticas a alguns requisitos que ajudam a todos, pois a criança com dislexia apresenta algumas demandas no processo alfabetização, como o tempo, as letras, o ritmo das falas, a compreensão de texto, a memorização de conteúdos e muito mais. Por fim, ressaltamos que a responsabilidade não está apenas no professor, está em todo o sistema educacional, na família e no poder público, que deve oferecer condições para que a legislação seja cumprida e os direitos civis sejam garantidos.

Referências

ALVES, Luana. **Dislexia atinge até 17% dos alunos**. Como identificar. Portal Terra, 2023.

APA. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5**, 2013.

CIASCA S M (2003). **Distúrbios de Aprendizagem**: Proposta de Avaliação Interdisciplinar. São Paulo: Casa do Psicólogo.

HUDSON, D. **Dificuldades Específicas de Aprendizagem**: Ideias práticas para trabalhar com dislexia, discalculia, disgrafia, dispraxia, TDAH, TEA, Síndrome Asperger, TOC. Petrópolis: Vozes, 2019.

INSTITUTO ABCD. **Quais são os sinais da dislexia?** Disponível em: <https://institutoabcd.org.br/perguntas/quais-sao-os-sinais-da-dislexia/>. Acesso em: 14 nov. 2024.

ITO, R. L. M. G. **Projeto de ação e intervenção**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Oeste Paulista, 2013.

RODRIGUES, Sônia das Dores e CIASCA, Sylvia Maria. Dislexia na escola: identificação e possibilidades de intervenção. **Rev. psicopedag.** [online]. 2016, vol.33, n.100 pp. 86-97.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Silvia Piedade de Moraes: Doutora em Educação e Saúde pela Unifesp. Pedagoga, Psicopedagoga, Psicanalista e Especialista em Educação Sexual. Tem ampla experiência na Educação Básica e no Ensino Superior tanto na graduação quanto na pós-graduação. Também é Coordenadora de Programas Educacionais na Prefeitura de Guarulhos atuando na formação de professores EaD e presencial, assim como pela Faculdade Embu das Artes. É docente no curso de Psicopedagogia em diferentes disciplinas, incluindo a orientação e acompanhamentos dos trabalhos aqui publicados. Faz atendimentos clínicos em Psicopedagogia e Psicanálise.

Ben-Hesed dos Santos: Doutor em Educação pelo PPGSS em Educação da Universidade São Francisco (2025), mestre em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2005), graduado em Pedagogia pela Universidade Brasil, em Filosofia pela Universidade São Francisco e em Enfermagem pela Universidade Norte do Paraná. Possui Pós-Graduação em Psicopedagogia e formação em Psicanálise pelo Centro de Estudos Psicanalíticos. Atualmente é coordenador e professor do Curso de Pedagogia da Faculdade de Embu das Artes, atuando também nos cursos de Enfermagem, Educação Física e Especialização em Psicopedagogia. Possui ampla experiência no ensino superior e na educação básica, com atuação em diversas instituições de ensino e na gestão acadêmica. Desenvolve trabalhos nas áreas de Educação, Psicopedagogia, Psicologia Escolar e Psicanálise.

Vanessa Angélica Patrício: Mestre em Ciências Ambientais (UNG), licenciada em Pedagogia (FIG UNIMESP) e neuropsicóloga (ANHEMBI MORUMBI). Atuou como docente e coordenadora pedagógica em diferentes níveis de ensino e, atualmente, é docente no Ensino Superior, em cursos de Graduação e Pós-Graduação. Dedicou-se à formação de professores e gestores de escolas públicas e à integração de novas tecnologias ao currículo escolar.

Psicopedagogia: práticas, saberes e reflexões é uma obra que nasce do encontro entre formação acadêmica, experiência profissional e compromisso com uma educação mais humana, inclusiva e transformadora. Resultado do curso de Pós-Graduação em Psicopedagogia da Faculdade Embu das Artes – FAEM, em parceria com a Prefeitura Municipal de Embu das Artes, o livro reúne produções que refletem os desafios, as inquietações e as possibilidades presentes nos processos de aprendizagem contemporâneos. Ao longo dos capítulos, as autoras e os autores apresentam reflexões construídas a partir das vivências escolares, das práticas pedagógicas e da escuta sensível dos sujeitos em processo de aprendizagem. A obra evidencia a Psicopedagogia como um campo fundamental para compreender o aprender em sua complexidade, considerando dimensões emocionais, cognitivas, sociais, culturais e históricas que atravessam a constituição humana. Mais do que abordar dificuldades de aprendizagem, este livro convida o leitor a pensar a educação a partir das potencialidades, do acolhimento às diferenças e da construção de práticas que fortaleçam a autonomia, os vínculos e o desejo de aprender. Trata-se de uma coletânea que reafirma o papel da Psicopedagogia na promoção de uma escola mais democrática, sensível e comprometida com o desenvolvimento integral dos sujeitos.

ISBN 978-656135260-4



9

786561

352604



EDITORA

ILUSTRAÇÃO